

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marcelo da Rocha

Fé ou placebo? Os efeitos milagrosos das pílulas de Frei Galvão

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marcelo da Rocha

Fé ou placebo? Os efeitos milagrosos das pílulas de Frei Galvão

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em Ciências da Religião na Área de Concentração Fundamentos das Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Doutor José J. Queiroz.

São Paulo

2009

BANCA EXAMINADORA

**“Uma crença forte demonstra apenas a sua
força, não a verdade daquilo em que se
acredita”**

Nietzsche (1878)

Nosce te Ipsum

Sócrates (470?- 399 a.C)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor José J. Queiroz, mestre em muitos sentidos. Ele proporcionou grande auxílio neste percurso e abriu as portas do seu imenso conhecimento para comigo e, para mim, isso foi muito importante, pois sem ele não poderia ter desenvolvido e concluído este trabalho. Ele é um professor extremamente claro em suas idéias, estimulante nas aulas e elegante na forma de passar seu conhecimento.

Agradeço profundamente ao Professor Ênio Brito. No percurso das suas aulas, tive a oportunidade de entender um pouco sobre a importância das religiões de matrizes africanas. E pela sua atenção, dedicação, dicas e auxílios.

Quero também agradecer ao Professor Fernando Londoño por proporcionar um olhar novo em relação à história das religiões do Brasil e da América Latina, pois, neste sentido pude ter conhecimento do panorama das religiões no Brasil e no mundo. Agradeço também a todos os professores do Programa pelos conhecimentos que me transmitiram.

A Andréa que com sua competência e gentileza sempre me ajudou nos pormenores e detalhes no programa de Ciências da Religião. A minha mulher que sempre me auxiliou e apoiou em todos os sentidos para que houvesse a conclusão deste trabalho, aos meus pais que deram o alicerce e os valores certos e sempre contribuíram para a minha busca científica e profissional, as minhas irmãs e familiares com seu carinho, aos amigos David e Susuki pelo incentivo e apoio e aos meus queridos alunos que sempre foram importantes para esta caminhada. E por último a minha querida avó que mesmo não estando presente em corpo sei que sempre está presente em espírito.

RESUMO

O trabalho focaliza a figura do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão, limitando-se à questão central, que versa sobre as suas pílulas e seus poderes buscando saber se as curas milagrosas que se lhes atribuem caracterizam-se como um efeito placebo ou resultam da fé dos usuários no poder do santo.

Após constituir um cenário histórico sobre a vida do santo, seus milagres, com ênfase nas curas pelas pílulas, e o processo de canonização, inicia-se a investigação do problema pela discussão teórica sobre a fé, suas fontes, seu contexto histórico, a relação com a religiosidade popular, com a ciência, os seus símbolos e poderes de cura.

Depois dessa premissa teórica, o problema começa a ser enfrentado diretamente mediante manifestações de um grupo focal que discute a fé na sociedade contemporânea, a dependência ou não entre a fé e a religiosidade, a questão do ceticismo e da ausência de fé e as possíveis relações da cura pela fé e o placebo. Enfim, o problema é focado diretamente costurando a figura taumaturga de Frei Galvão com os dados Técnicos sobre a fé, com as manifestações do grupo focal, com os dados da medicina sobre o placebo, concluindo-se que os efeitos milagrosos de cura atribuídos às pílulas se devem à fé dos usuários incluindo também características do placebo.

ABSTRACT

The work focus on the figure of the first brazilian saint, Frei Galvao, being limited to the central question, which relates to his pills and their powers trying to find out whether the miraculous cures to them attributed are placebo effects or result from the faith the users have in the saint's power.

After constructing a historical scenery on the saint's life, his miracles, emphasising the cures through the pills, and the process of canonization, the investigation on the matter begins through the theoretical discussion on faith, its sources, its historical context, the relation to popular religiosity, science, its symbols and cure powers.

Following this theoretical premiss, the matter starts to be dealt with directly through the manifestations of a focus group which discusses faith in the present society, the dependence or non dependence between faith and religiosity, the question of skepticism and the absence of faith and the possible cure relations through faith and the placebo effect.

Thus, the matter is directly focused by tying the miraculous figure of Frei Galvao to the Technical data about faith, to the focus group manifestations, to the medical data on the placebo effect, concluding that the miraculous cure effects attributed to the pills are due to the users faith also including placebo characteristics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - FREI GALVÃO, SUA VIDA E SUAS PÍLULAS	22
1.1 Frei Galvão: nascimento, estudos e as primeiras passagens pelos conventos....	22
1.2 A bilocação e os primeiros milagres.....	29
1.3 Frei Galvão e suas pílulas.....	33
1.4 Frei Galvão o arquiteto.....	36
1.5 O processo de canonização.....	40
CAPÍTULO II- A FÉ E SEUS PODERES	
2.1 A fenomenologia da fé.....	45
2.2 A fonte da fé.....	47
2.3 Contexto histórico da Fé.....	48
2.4 A fé e a ciência.....	49
2.5 Os tipos de verdade e a fé.....	50
2.6 Fé e religiosidade.....	54
2.7 Fé e religiosidade Popular.....	56
2.8 Fé e simbologia.....	57
2.9 A fé entre o religioso e o antropológico.....	59
2.10 Fé e doença.....	59
CAPÍTULO III- A INTERSECÇÃO ENTRE FÉ, CURA, PLACEBO E AS PÍLULAS DE FREI GALVÃO EM DISCURSOS HETEROGÊNEOS DE UM DE UM GRUPO FOCAL	62
3.1 O que é grupo focal e sua dinâmica.....	62
3.2 Os participantes.....	63
3.3. A coleta de dados dos grupos focais e os questionários.....	65
3.4 Organização dos dados a partir do questionário.....	66
3.5 Agrupamento das falas dos grupos seguindo o roteiro proposto pela mediadora.....	68
3.6 Análise da posição dos grupos sobre a fé na contemporaneidade relacionada a cura.....	71

3.7 Possibilidade de ter fé sem necessariamente exercer uma religiosidade	74
3.8 Análise da posição do grupo sobre a possibilidade de ter fé sem necessariamente exercer uma religiosidade.....	77
3.9- O ceticismo e a fé: é possível ser cético? É possível não ter fé?.....	81
3.10- Análise da posição do grupo sobre a relação ceticismo e fé	86
3.11 A fé e o efeito placebo.....	89
3.12-Análise da posição do grupo sobre a fé e o efeito placebo.....	94

CAPÍTULO IV- AS PÍLULAS DE FREI GALVÃO: CURA PELA FÉ? OU EFEITO PLACEBO?.....98

4.1- O que é Placebo	98
4.2- Tipos de Placebos.....	99
4.3 O estudo do Placebo.....	101
4.4 Administração da cura.....	103
4.5 A Psicologia e o placebo.....	104
4.6 Conselhos para o uso do placebo	106
4.7 Formas de encarar o placebo.....	109
4.8 Um olhar médico sobre o placebo.....	109
4.9.Placebo, cura pela fé e os efeitos das pílulas de Frei Galvão.....	110
4.9.1 Fé, placebo e cura.....	110
4.9.2 As pílulas de Frei Galvão: Fé ou Placebo?.....	113

CONCLUSÃO.....117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....121

ANEXOS.....126

ANEXOS 1- Cartas e documentos referentes ao Frei Galvão.....	126
ANEXOS 2-Homilia na íntegra.....	129
ANEXO 3-Carta de informação ao sujeito da pesquisa.....	133
ANEXOS 3-Questionário.....	134
ANEXOS 4-Respostas.....	135

INTRODUÇÃO

1-Memórias

1.1A trajetória acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

O meu interesse particular em pesquisar as pílulas de Frei Galvão e seus efeitos considerados milagrosos nasceu ao longo da minha trajetória acadêmica no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Puc-SP.

Cursei disciplinas que foram importantes para o meu alicerce intelectual e para meu objeto de pesquisa. Comecei estudando a ***Religião como busca fundamental: natureza e condição humana*** que me proporcionou enxergar as várias vertentes da condição do homem e a sua natureza, sobretudo no aspecto religioso. Outra importante disciplina foi ***Introdução à psicologia científica da religião: três teorias psicológicas da religião*** que me patenteou os aspectos referentes às condições psicológicas a partir de alguns autores, sobretudo William James. As atividades programadas ***Linguagem e símbolo em ciências da religião: contemporâneos e pós-modernos e linguagem e símbolo em ciências da religião: aspectos fenomenológicos*** mostraram as diferentes vertentes em relação ao símbolo como representação do religioso, na condição pós-moderna, e o enfoque do símbolo em uma visão fenomenológica. A ***História da religião no Brasil e na América Latina I e II*** possibilitou-me entender os principais aspectos históricos no contexto da América Latina e no mundo. Outra disciplina que me auxiliou na construção do meu conhecimento foi ***Diáspora das religiões*** que trabalhou as diferentes religiões afro-brasileiras e como elas atuam no processo de religiosidade do povo brasileiro. A disciplina ***Filosofia da religião: modernidade de Babel da revolução francesa a Bento XVI*** evidenciou a visão de Aléxis de Tocqueville sobre a democracia americana dentro de um aspecto filosófico e o olhar de Bento XVI sobre alguns aspectos religiosos.

As disciplinas de *Introdução a pesquisa em ciências da religião I e II* foram importantes para a construção do objeto e dos objetivos da pesquisa de mestrado norteando a elaboração da dissertação e trazendo ferramentas para concluir um projeto científico.

A disciplina *Introdução à história da ciência* mostrou a importância da ciência no contexto histórico e trabalhou as descobertas científicas mais relevantes que ofereceram os fundamentos epistemológicos da minha dissertação.

1.2 Da vida para o tema. A motivação

O tema que pretendo abordar tem três fontes de motivação: pessoal, científica e acadêmica.

A primeira motivação foi de ordem pessoal. Tive uma formação religiosa livre de preconceitos e, ao mesmo tempo, comecei a compreender a oportunidade de interagir em diversas áreas da religião. Isso me permitiu entender um pouco mais os diversos tipos de religiosidade que os brasileiros praticam em suas vidas. Dessa forma, pude compreender a importância da Fé como movimento de integração social e religioso. Fui uma criança muito ativa, e também muito introspectiva, e meus pais acreditavam que talvez alguma religião pudesse dar respostas para múltiplas questões referentes à minha própria pessoa, ao meu comportamento e à forma como eu interagia com meus familiares e amigos. Comecei, então, a percorrer vários tipos de religião. Meus pais, embora católicos apostólicos romanos, nunca me fizeram nenhum tipo de imposição na minha escolha religiosa. Isso foi um fator fundamental para começar a compreender os diversos tipos de religiosidade.

O primeiro contato que tive com uma religião fora da Católica foi com um centro de Candomblé na região da Baixada Santista na cidade de São Vicente. Eu tinha 7

anos de idade. Confesso que para mim foi um pouco chocante ver pessoas dançando e pulando ao som dos atabaques e outras fumando e bebendo. Este meu primeiro contato foi estranho e mágico ao mesmo tempo.

Depois, minha mãe achou melhor que eu procurasse outra forma de religião. Alguns anos se passaram e comecei a estudar a filosofia espírita.

Através dos princípios estabelecidos por Allan Kardec, encontrei muitas respostas para indagações que não havia encontrado na religião católica e muitos acontecimentos começaram a ter mais sentido. Passei a participar de alguns centros kardecistas e a estudar a doutrina espírita. É interessante ressaltar que depois de ter passado por vários centros espíritas com metodologias e visões espíritas diferentes, percebi que o dia-dia de um centro espírita é uma boa escola de vida.

Alguns centros tinham a preocupação de aconselhar e acolher os participantes; outros apenas proferiam palestras e aplicavam passes, cuja finalidade era o tratamento espiritual e chegavam até a realizar cirurgias.

Durante esse tempo, vi muitas pessoas serem curadas ou acabavam se restabelecendo profissionalmente ou emocionalmente, mudando seus conceitos e a própria forma de pensar.

Tive a oportunidade de trabalhar em vários centros e isso me auxiliou a compreender a concepção de fé que cada indivíduo praticava ou tentava resgatar.

A partir daí veio a segunda motivação que foi de ordem científica. Vi que a fé era a grande chave para o tratamento e para a mudança de valores, padrões e costumes.

Entendi que muitas pessoas que chegavam nestes centros não tinham uma religião definida. Alguns eram agnósticos, outros eram ateus; havia cristãos tentando uma última alternativa de cura. Mas o que os levava na maioria das vezes a procurar um centro espírita era uma busca pela fé ou um desejo de fortalecê-la.

Dentro desta nova visão de valores e de cunho científico, comecei a pesquisar a razão pela qual todas aquelas pessoas, mesmo sendo de religiões diferentes, procuravam respostas ou tentavam estabelecer uma mudança de vida na parte social, profissional ou sentimental.

Quando comecei a estudar a fundo as alterações de padrões, mudanças de valores e algumas curas, tentei entender como realmente funcionava este processo.

Aumentando o meu campo de leituras, passei a estabelecer critérios para entender as questões que levavam o indivíduo a mudar de crenças e valores no intuito de melhorar a sua própria qualidade de vida e me deparei com a questão do efeito placebo. Placebo é a pílula de açúcar que tem a potencialidade de curar enfermidades.

Quando se trata de Efeito Placebo ou Placebo é importante termos a definição correta, devido à polissemia do termo.

Muitas pesquisas são feitas anualmente no mundo em relação ao Placebo, buscando descobrir a base dos efeitos obtidos nas experiências, sejam elas de cunho empírico ou científico. Médicos de diversas áreas, como das ciências neurológicas, psiquiátricas ou da oncologia buscam determinar os efeitos do placebo ou efeito placebo. Muitos acreditam que, em consequência da própria motivação, o indivíduo consiga ter um grau de melhora em sua doença. Outros admitem que a cura pode ser decorrente da fé, ou da auto-sugestão no uso pílula de farinha.

Logo à primeira vista, fica claro que há inúmeras explicações pra justificar ou fundamentar a eficácia do placebo.

Interessei-me por essa busca e, entre as pesquisas, fiquei motivado em investigar o primeiro Santo brasileiro, Frei Galvão de Sant'ana, que começou a curar pessoas durante a sua vida com as suas pílulas. Esse fenômeno despertou-me o desejo de

analisar o fenômeno em profundidade segundo as indagações que levantarei mais adiante.

Daí a minha terceira motivação, que entra pelo viés acadêmico e tem a finalidade de buscar de forma criteriosa e científica penetrar na vida de Frei Galvão e no mistério das suas pílulas milagrosas.

2- O estado da arte e a relevância do tema

Pesquisando sobre Frei Galvão, recolhi uma série de livros referentes à sua vida e obra. Muitos artigos de revistas e jornais também deram ênfase ao processo de canonização e santificação. Foi importante essa leitura para entender a sua biografia e ter um ponto de partida para a minha pesquisa. Todas as biografias afirmam que Frei Galvão conseguiu curar muitas pessoas em vida. A primeira biografia consultada foi a da Madre Beatriz Maristela: ***Vida de Frei Antônio de Sant'Anna Galvão*** que dá ênfase aos milagres do santo.

Também Frei Carmelo Surian em ***O Beato Frei Galvão, um santo brasileiro na glória dos santos*** oferece dados importantes da trajetória do Santo. Carolina Chagas escreve sobre ***Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro***. São trabalhos de caráter biográfico que dão relevância à santidade de Frei Galvão.

Já Benedito Lima apresenta um prisma diferente, a figura de arquiteto de Frei Galvão, em sua obra ***Frei Galvão, Arquiteto***.

E por último Irmã Célia B. Cadorin que iniciou o processo de canonização do Frei Galvão tem a sua obra documentada cujo título é: ***Frei Antônio de Sant'Anna Galvão (Antônio Galvão de França) OFMDesc.***

Para lançar um olhar teórico sobre a fé foram relevantes as obras de Paul Tillich, ***A dinâmica da Fé*** e de João Batista Libanio, ***Eu creio, nos cremos. Tratado da fé***. Os aspectos científicos do placebo tiveram como guia de leitura a obra de Fish ***Placebo terapia: A fé no processo de cura***. Julio Rocha do Amaral e Renato Sabbatini com o artigo ***Efeito placebo: O poder da pílula de Farinha***, Helio Elkis e Wagner Gattaz com o artigo: ***Algumas recomendações para estudos com placebo***, Marcus Zulian Teixeira com o artigo: ***Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico-paciente*** e Danilo Assis Pereira e Carolina Farmase com a obra ***Efeito Placebo, efeito Nocebo e psicoterapia: correlações entre os seus fundamentos***.

Estes autores deram boas indicações. Todos estes trabalhos contribuíram com conhecimento prévio no qual me baseei para construir a minha pesquisa.

Esta pesquisa é relevante porque focaliza um fenômeno importante da religiosidade popular ainda pouco estudado cientificamente. Este estudo trabalha o efeito da fé em possíveis casos de cura obtidos pelas pílulas de Frei Galvão. É importante porque se coloca nas fronteiras entre a medicina e a religião. O trabalho toca três temas de grande destaque no contexto religioso. A ***fé***, é um conceito fundamental que perpassa toda a linguagem universal, religiosa e científica. A questão do ***Placebo*** e o ***Efeito Placebo***, que preocupa a ciência que vem investigando o fenômeno da cura pelas pílulas de açúcar. E ***Frei Galvão de Sant'Ana***, o primeiro Santo brasileiro que tem sua figura claramente ligada às questões relacionadas à fé, ao placebo e ao caráter milagroso das suas pílulas .

3. Objeto, objetivos, os problemas e a hipótese.

O objeto da pesquisa tem como finalidade colocar em pauta a questão da fé e do placebo e os seus efeitos, tendo em mente o fenômeno Frei Galvão e suas pílulas milagrosas. Focaliza também a relação entre a fé dos usuários e os efeitos terapêuticos dessa prática.

O trabalho tem por objetivo expor a figura de Frei Galvão, sua vida e obra e milagres no contexto histórico, analisar a fé e seu papel terapêutico, tendo como foco os possíveis efeitos terapêuticos das pílulas de Frei Galvão, à luz das pesquisas científicas sobre o placebo e seus efeitos.

O primeiro problema que desponta deste objeto é se realmente a fé pode ter um alcance terapêutico. A sociedade científica tem parâmetros de comprovação dos fenômenos de cura, mas a ciência não descarta a possibilidade de cura pelo efeito da fé. Daí a pergunta central deste trabalho: as pílulas de Frei Galvão seriam um simples placebo ou teriam efeitos atribuídos à fé dos usuários? Ou fé e placebo seriam conjuntamente fatores das curas atribuídas ao uso das pílulas?

Nossa hipótese preliminar, a ser demonstrada, é que as pílulas de Frei Galvão não se caracterizam como simples placebo, mas envolvem o fator fé, que teria efeitos psicológicos e físicos possíveis de criar no usuário disposições favoráveis à cura. Essas disposições podem ter efeitos terapêuticos. Entretanto, parece possível demonstrar que algumas características do placebo estão presentes nas curas pelas pílulas.

4. O quadro Teórico e os procedimentos

Dentro do quadro teórico, aparece a fé com o seu papel fundamental para fazer a ligação do homem ao divino.

É através da fé que colocamos as nossas angústias nas mãos de Deus ou para nos dar alento ou simplesmente para entendermos algo que o mundo material é incapaz de explicar pela racionalidade científica. Mediante a fé podemos buscar paz, saúde, prosperidade, e encontrar alento para resolver as questões diárias da melhor forma possível. As teorias sobre a fé, suas possibilidades de cura, os milagres e a fé popular serão expostas nos capítulos.

A posição científica sobre placebo, suas possibilidades de cura e sua relação com a fé também será desenvolvida principalmente no capítulo quarto.

O primeiro procedimento é a revisão da literatura em torno da figura de Frei Galvão e da sua obra no contexto sócio-histórico brasileiro. A revisão bibliográfica será também o instrumento para captar os aspectos teóricos que possibilitam analisar a relação fé e cura e o placebo e seus efeitos. Para construir a história de Frei Galvão e a origem do uso das suas pílulas milagrosas recorreremos às seguintes fontes históricas: livros biográficos, documentos, observação e registro de dados in loco, a saber, no Mosteiro da Luz, no Museu do Frei Galvão, no Arquivo do Estado de São Paulo, no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de São Paulo. Para explicitar a intersecção entre fé, o uso das pílulas e os placebos em geral, a partir de manifestações heterogêneas, recorreremos ao procedimento chamado “grupo focal”.

Esse procedimento será detalhado no capítulo terceiro. Será usado como bibliografia o livro de Bernardete Angelina Gatti, *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Humanas*.

5- Organização do corpo da dissertação

O corpo da dissertação se organiza nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, **Frei Galvão: vida e obra** serão abordados os aspectos referentes a Frei Galvão a partir do seu nascimento, seus estudos, as passagens pelos conventos, a bilocação, os primeiros milagres, as pílulas, seu empenho como arquiteto e o processo de canonização,

No capítulo segundo, **A fé e seus poderes** serão abordados as fontes da fé, a relação entre a ciência e a fé, os tipos de verdade e a fé. A questão da religiosidade popular e a fé.

No capítulo terceiro, **A intersecção entre fé, placebo e as pílulas de Frei Galvão em discursos heterogêneos de um grupo focal**. São colhidas informações e posições referentes ao nosso objeto de pesquisa, A técnica do grupo focal é muito usada em pesquisas qualitativas

No capítulo quarto, **As pílulas de Frei Galvão: cura pela fé ou efeito placebo?** Trabalharemos a questão central da nossa dissertação buscando elementos e premissas para uma resposta ainda que provisória.

CAPÍTULO I - FREI GALVÃO, SUA VIDA E SUAS PÍLULAS

Neste capítulo, serão abordados os aspectos referentes a Frei Galvão a partir do seu nascimento, seus estudos, as passagens pelos conventos, a bilocação, os primeiros milagres, as pílulas, seu empenho como arquiteto e o processo de canonização,

1.1 Frei Galvão: nascimento, estudos e as primeiras passagens pelos conventos.

No ano de 1730, aportava no Brasil um jovem, português natural de Faro, cujo nome era Antônio Galvão de França. Não demorou muito para ser nomeado capitão-mor da Vila de Guaratinguetá. Contraiu matrimônio com a jovem Isabel Leite de Barros, filha de Gaspar Correia Leite e Maria Leite Pedroso que eram ricos fazendeiros de Pindamonhangaba. É interessante ressaltar que Isabel Leite de Barros é descendente dos primeiros povoadores que chegaram na da cidade de São Vicente em 1531 na expedição colonizadora de Martim Afonso de Sousa.¹

A data do seu casamento foi no dia 8 de fevereiro de 1753 em Pindamonhangaba. Antônio Galvão de França abriu negócios na Rua da Cadeia em uma residência bem estruturada para aquele tempo. Esta casa até hoje existe e é considerada a mais antiga da cidade.² Antônio tinha vinte e oito escravos, número razoável para a época tratando-se de uma casa particular e não de família dedicada à agricultura. Não demorou muito tempo para Antônio Galvão de França tornar-se uma pessoa de

¹ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.18.

² Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.19.

importante influência na Vila de Guaratinguetá. Suas atividades comerciais acabaram se estendendo aos estados de Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás.³ Sabe-se que muitos habitantes da Vila tinham grande carinho por ele. O capitão-mor e sua esposa eram profundos seguidores do cristianismo. Ele pertencia à ordem Terceira de São Francisco e também do Carmo e fazia parte da Irmandade do Santíssimo. A padroeira da família era Sant'Ana e ocupava um lugar de destaque no oratório da família dos pais de Frei Galvão. Todas as noites os pais de Antônio de Sant'Ana Galvão se reuniam em frente ao oratório para fazer leituras espirituais, rezar o terço e outras orações e depois recolhiam-se para a bênção do Senhor. O nome de Antônio de Sant'Ana é uma homenagem à própria santa.⁴

Antônio Galvão nasceu em Guaratinguetá em 1739, cidade situada nas margens do Rio Paraíba do Sul. Teve onze irmãos e apenas sete sobreviveram.

Foi batizado na Igreja Matriz de Guaratinguetá. Aos 13 anos de idade, Antônio de Sant'Ana já estava instruído e, não tendo possibilidade de melhorar os seus estudos na Vila, seu pai decide enviá-lo ao Seminário dos Jesuítas em Belém da Bahia, onde já estava o seu irmão mais velho José. Só depois de seis anos é que Antônio de Sant'Ana tornaria a rever os seus familiares. Sua mãe Dona Isabel veio a falecer em 1775 com 38 anos de idade, deixando alguns filhos.⁵

O seminário ficava em Belém, a 130 km de Salvador, na Bahia. Era um colégio muito conhecido e deu oportunidade de estudo para vários jovens de todas as partes do Brasil.⁶

³ Célia B. **CADORIN**, *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão*, p.44.

⁴ *Ibid*, p.45.

⁵ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.20..

⁶ Célia B. **CADORIN**, *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão*, p.49.

A educação do colégio era muito simples e ao mesmo tempo bem rígida, pois seguia os modelos de um monastério. Eles viviam em clausura. Via de regra, os seminaristas pertenciam às mais nobres famílias de todas as partes do país.⁷

Depois deste primeiro contato com os estudos e a vida religiosa, ficou claro que ele seguiria esta vocação.

O colégio de Antônio Galvão era considerado um dos mais famosos que os jesuítas possuíam em terras brasileiras. Foi fundado pelo Padre Alexandre de Gusmão e abrigava alunos de todas as partes do Brasil.

O dia a dia dos alunos do colégio era simples e bem rigoroso e seguia os preceitos semelhantes ao regime monástico, segundo os mandamentos de Jesus. No mosteiro não era permitido o trabalho de escravos ou criados. Isto quer dizer que todos se servem e são servidos mediante um trabalho muito bem organizado e seguido à risca por alunos e superiores. Embora os alunos viessem de famílias nobres do país, e de uma vida muito confortável, no seminário era dada uma formação rígida, o que para os seus pais era de extrema importância.⁸

Mais de 500 meninos, que entraram no seminário, acabaram indo para várias congregações, seguindo a carreira religiosa. Antônio Sant'Ana também seria um destes. Estava certo disto e pediu uma autorização do seu pai. Seu pai negou, pois sabia de todos os problemas que estavam por vir. Depois de dois anos da saída de Antônio, o colégio foi fechado e seqüestrado pela própria Coroa em 1760.

Os alunos restantes tiveram que sair e voltar para suas famílias.⁹

Antônio Galvão permaneceu no seminário por quatro anos. Sua volta foi em 1756.

⁷ Ibid, p. 49.

⁸ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.25..

⁹ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.25..

Ao chegar, já tinha 17 anos e foi recebido com grande alegria e festa por seu pai, irmãos e os empregados. Mas para ele estava claro a intenção de voltar para a vida religiosa e auxiliar as pessoas mais necessitadas. Seu pai não se opõe ao seu desejo, apenas pede para ele ficar mais um pouco pois estivera muito tempo longe de casa e seu pai precisava de sua ajuda para tratar de negócios. Depois de cinco anos, Antônio partiu para a vida sacerdotal, escolhendo a Ordem Franciscana, porque os franciscanos tinham grande devoção e respeito pelos próprios familiares. O número de frades no ano de 1761 era de 397 e em 1764 passou para 490, um bom aumento. A ordem se estendia até Vitória no Rio da Prata, com 3 hospícios, 13 conventos; 7 fraternidades de terceiros fora dos próprios conventos e administravam 4 aldeias de índios.¹⁰

Nos quatro conventos entre Rio de Janeiro e São Paulo, os religiosos franciscanos tinham a missão de ensinar as letras para os jovens das localidades mais afastadas. Próximo a Guaratinguetá havia um Convento em Taubaté.

Antônio Galvão pediu admissão neste convento. Sendo bem conhecido, foi logo aceito, mas antes deveria passar pelo convento de São Boaventura na Vila de Maracatu, da Capitania do Rio de Janeiro, onde funcionava o noviciado da Província.

11

Do convento de São Boaventura do Maracatu restam apenas ruínas. Os seus superiores escolheram este local para Antônio por ser afastado e solitário.

Era importante que os noviços tivessem pouco contato com seus familiares para se iniciar na vida árdua dos franciscanos. A comunidade tinha 30 pessoas, leigos,

¹⁰ *Ibid.*, p.26.

¹¹ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.29.

sacerdotes, religiosos e noviços. Quando Antônio ingressou, no ano de 1760, havia 12 noviços, 7 portugueses e 5 brasileiros.¹²

Conforme a legislação canônica da época, a partir de três dias da chegada, o noviço recebia o hábito pelo padre Guardião. Na época, era o Frei José das Neves. Ficava ao critério do próprio candidato escolher um novo nome ou acrescentar-lhe o de uma santa ou santo. Frei Galvão permaneceu com o nome que lhe fora dado ao nascer, e ficou chamado de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão. O nome da santa foi acrescentado porque era padroeira de sua família.¹³

Um fato curioso é que, em sua juventude, Frei Galvão usou um hábito cinza até o ano de 1808, quando passou a usar um hábito preto, até a sua morte, que foi no dia 23 de dezembro de 1822. Os problemas com a importação do tecido de Portugal fizeram com que a cor das vestes franciscanas usadas no Brasil passasse a ser preta. Pode-se notar que as imagens mais antigas de Frei Galvão mostram-no com hábito de cor preta ou cinza.¹⁴

A vida do Convento de São Boaventura de Maracatu era muito simples como em qualquer noviciado franciscano. Para ser admitido aos votos religiosos era importante que no primeiro ano estudassem apenas a Regra e as demais Leis da Ordem.

Os noviços recitavam o ofício divino em diversas horas do dia e da noite, faziam meditação e as demais orações, exercitavam diversos trabalhos manuais, dentre eles, limpar os jardins, as hortas, ajudavam na preparação dos alimentos, lavavam as louças, seus hábitos, limpavam a própria casa e suas celas. Frei Galvão adaptou-

¹² *Ibid.*, p.30.

¹³ *Ibid.*, p.35,36.

¹⁴ *Ibid.*, p.30.

se muito bem à vida que levava, à sua rotina, ao silêncio, às suas orações, ao trabalho a favor dos mais necessitados.¹⁵

A regra de vida dos frades menores deve ser seguida rigidamente:

A regra e vida dos Frades Menores é esta: Observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade. Rezem o ofício divino, segundo a ordem da Santa igreja Romana. Os irmãos, aos quais o Senhor deu de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção. Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma...Mas como peregrinos e viajantes que neste mundo servem ao Senhor em pobreza, que a vós, meus caríssimos irmãos, instituiu herdeiros e príncipes dos reinos dos céus e fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes.¹⁶

A meia-noite todos acordavam para orar. Este costume era praticado apenas em algumas ordens e hoje em dia é pouco comum.

No dia 11 de julho de 1762, Frei Galvão proferiu os votos religiosos:

Muito reverendo Padre Guardião e mais padres e irmãos, um ano e um dia há que estou nesta sagrada religião; ela me provou a mim, e e eu a provei a ela; eu nela achei muitas virtudes e santidades, e ela em mim muitas faltas e negligências; pelo que peço a V. Paternidade e aos mais padres e irmãos me queiram pelo amor de Deus admitir à sua santa companhia e fazer solene profissão.¹⁷

Depois de uma rápida prática, o superior benzeu os hábitos e logo em seguida recebeu a profissão dos noviços e de Frei Galvão.

Antes mesmo de pronunciar a fórmula dos votos é importante relembrar o juramento de doação à Imaculada Conceição da Virgem Maria, que era feito conforme o costume da Ordem Franciscana:

¹⁵ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.31,32.

¹⁶ Manual **ROMANO**, apud. Beatriz **MARISTELA**, Op. cit. p. 33.

¹⁷ *Ibid.*, p.35.

Eu Frei Antonio de Sant'Ana Galvão, faço voto e prometo a Deus, à Bem-aventurada Virgem Maria, e ao Bem aventurado São Francisco nosso padre e a todos os Santos e a vós, padre, de guardar todo o Tempo de minha vida, a Regra dos Frades Menores, confirmada pelo Senhor Papa Honório, vivendo em obediência, pobreza e castidade.¹⁸

E o próprio guardião responde: “Se estas coisas guardares, eu te prometo a vida eterna. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo Amém”.¹⁹

Terminado o ano de noviciado, Frei Galvão é mandado ao Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro onde recebeu as ordens sacras. Depois de um ano e três meses recebeu a ordem sacerdotal do bispo Dom Frei Antônio do Desterro no dia 11 de julho de 1762. Em seguida, foi transferido para o Convento de São Francisco na cidade de São Paulo, onde acabou os seus estudos. O I Registro dos Religiosos diz que ele foi inscrito no curso de Filosofia, Teologia e Moral na cidade de São Paulo. Naquele período, Frei Galvão morou em uma casa de religiosos perto à Praça do Patriarca, no centro, próximo ao Viaduto do Chá.²⁰

Aos vinte e sete anos, em 9 de novembro de 1766, Frei Galvão escreve um documento em que se colocava como servo e escravo da Virgem Maria. Este documento se chamava “Cédula Irrevogável de filial entrega a Maria Santíssima”.

Com este documento, o religioso reforçava o propósito de permanecer imaculado, sem nenhum pecado, como Maria, e servir aos bons e aos maus por toda a sua vida. É interessante ressaltar que a tradição pede que a carta seja assinada com o sangue retirado do próprio peito. O documento escrito por Frei Galvão consta em anexo.²¹

¹⁸ *Ibid.*, p.36.

¹⁹ *Ibid.*, p.36.

²⁰ *Ibid.*,37.

²¹ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*,p.47.

Esta consagração a Santa Maria deixa a idéia que devia reger a sua própria vida espiritual: a entrega a Deus, pela mediação de Maria, até mesmo dos merecimentos e obras. Para Frei Galvão, o único cuidado era amar a Deus e servi-lo. Frei Galvão terminou seus estudos no dia 23 de julho de 1768 e se tornou pregador, porteiro do Convento de São Francisco em São Paulo e confessor de seculares.

Com apenas 29 anos, ele já tinha estes três cargos que, para sua idade, era coisa rara e foi reeleito para os mesmos cargos para mais dois triênios até o ano de 1773.

É importante ressaltar que ele não teve apenas estes cargos e sim outras funções religiosas.²²

1.2 A bilocação e os primeiros milagres

Todas as biografias são unânimes em afirmar que Frei Galvão usava alguns dons para auxiliar as pessoas que necessitavam de algum tipo de ajuda.

Existem diversas histórias sobre o fenômeno da bilocação, da levitação e dos primeiros milagres em vida.

Numa carta da Câmara de São Paulo²³ ficava claro que Frei Galvão auxiliava muitas famílias e de diversas formas. Pregava a palavra em Itanhaém e Itu e conseguiu fazer muitas amizades e unir muitas famílias que estavam com grandes problemas. Frei Galvão foi chamado à cidade de Itu, na casa do tenente ouvidor Fernando Pais de Barros que tinha desavenças com a sua esposa Maria Jorge. Ao chegar naquela casa, Frei Galvão foi convidado para pernoitar e o seu quarto já estava preparado.

²² Célia B. **CADORIN**, *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão*, p.85.

²³ *Actas da Câmara municipal de S. Paulo, 1771-1776*.Vol.XVI.
Apud. Célia **CANDORIN**, *Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.382.

Sabendo disso, declarou que naquele quarto não iria pernoitar e que queria dormir no quarto do casal.²⁴

O tenente ouvidor Fernando Pais de Barros aceitou o pedido e resolveu não questionar.

No dia seguinte, logo cedo, Maria Jorge percebeu que a cama não havia sido mexida e a partir daquele dia não houve nenhum tipo de brigas entre casal.²⁵

Muitos que conheciam Frei Galvão também falavam sobre o fenômeno da bilocação, que era muito freqüente. Houve um fato que ficou extremamente famoso quando Frei Galvão se deslocou para auxiliar um indivíduo chamado Manuel Portes que veio a falecer perto do Rio Tietê, no município de Jaú, no final do século XVIII.

Manuel Portes era um mercador e muitos o caracterizavam como violento. Seus empregados tinham grande temor, pois, quando necessário, não tinha piedade na hora de usar a força. Tinha grandes parceiros em São Paulo e Mato Grosso.

Em uma dessas viagens, vinha trazendo um homem de nome Apolinário, conhecido como uma pessoa de pouca disciplina. Manuel já havia repreendido Apolinário várias vezes. Ao fazer uma das suas revistas diárias, percebeu que Apolinário não estava cumprindo os seus afazeres. Manuel ficou muito nervoso e acabou açoitando Apolinário. Depois de certo tempo, Manuel, conversando com um de seus empregados, sentiu uma dor muito grande nas costas e, ao cair, viu Apolinário fugindo e carregando um grande facão. Percebeu que foi atingido e perfurado. Ao saber disso caiu em desespero e disse que não poderia morrer sem uma confissão. Começou a pedir perdão a Virgem Maria, ao Senhor e implorou a Santo Antônio que trouxesse Frei Galvão para auxiliá-lo nesta partida.

²⁴ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.155

²⁵ *Ibid.*, 155.

Todos em sua volta sabiam que seria impossível achar alguém em um local tão restrito para fazer a última penitência.

De repente, um dos homens avistam um padre e todos ficam espantados ao reconhecer a figura de Frei Galvão que já lhes era familiar.

Ao chegar, Frei Galvão pediu para todos se afastarem e em um gesto tranqüilo abaixou-se e colocou a cabeça de Manuel sobre suas pernas. Falou em voz baixa, abençoou, levantou, se despediu de todos e foi embora. Todos ficaram sem palavras diante do fato ocorrido.²⁶

Maristela²⁷ relata em seu livro que no momento da bilocação, Frei Galvão estava fazendo uma pregação na cidade de São Paulo, pedindo a todos que rezassem uma ave-maria pela alma de um senhor em um lugar distante. Acabada a oração, continuou a pregação.

Na cidade de Taubaté, houve um caso de um senhor que, sabendo da sua partida, chamou Frei Galvão para se confessar antes da sua morte. Os familiares riram deste homem, pois Frei Galvão estava em São Paulo. Mas o moribundo tirou um lenço de baixo do travesseiro e mostrou que Frei Galvão estivera ali e o havia esquecido.²⁸

A partir disso, ninguém mais duvidou desses fenômenos, e todos de São Paulo sabiam destes fatos.

Certa noite, um senhor veio procurá-lo, desesperado, para ajudar a sua esposa que estava muito doente e quase dando à luz. Ela se encontrava em uma fazenda de São Paulo e pediu para o marido chamar Frei Galvão, pois acreditava que ele seria o único a auxiliá-la.

²⁶ Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.157,158.

²⁷. Madre Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*, p. 162,163

²⁸ *Ibid.*, 162.

Desanimado por não ter encontrado Frei Galvão, que estava na cidade do Rio de Janeiro, entrou em casa e teve uma grata surpresa ao presenciar que a esposa estava curada da enfermidade. Ela disse que na noite de muita chuva, Frei Galvão aparecera enxuto e pedira que tomasse um copo de água que ele tinha abençoado. O marido, impressionado pelo fato ocorrido, partiu para o Rio de Janeiro para agradecer a Frei Galvão.²⁹

Ao chegar no Convento de Santo Antônio, relatou o fato ocorrido ao guardião e tudo que aconteceu com a sua esposa. O guardião, ao ouvir a história, ficou estupefato e disse: como é possível isto, pois Frei Galvão não saiu de dentro deste Convento.

Ao ser chamado, Frei Galvão ficou sabendo do caso e disse: estive lá, como fui não sei, mas estive lá a noite passada.

Existem alguns relatos de que Frei Galvão tinha o poder da levitação. E em geral, levitava quando estava orando. Existe no arquivo no Mosteiro da Luz um documento que narra o fato de uma senhora de idade que estava caminhando pela rua e acabou avistando Frei Galvão. A senhora percebeu que Frei Galvão estava deslizando e sem os pés no chão. Admirada, disse: *“O senhor anda sem pôr o pé no chão?”* E Frei Galvão sorriu e continuou o seu trajeto sem dizer nada.³⁰

Outro fato interessante foi em uma fazenda do interior de São Paulo. Frei Galvão estava em um quarto rezando e a porta estava entreaberta. Havia algumas crianças brincando em frente. Curiosas, resolveram olhar pelo vão da porta e viram Frei Galvão levitando. Começaram a dizer em voz alta que Frei Galvão estava voando pelo quarto.

²⁹ *Ibid.*, 162,163.

³⁰ Segundo o dicionário Aurélio, levitação significa: 1 ato ou efeito de levitar. 2. Fig. Estado dos santos em êxtase. Levitação é o fenômeno pelo qual o corpo sai do chão e fica no ar sem nenhum tipo de apoio.

Muitas pessoas, depois de ouvir estes fatos começaram a fazer orações e relacionar os fenômenos de levitação nessas orações.³¹ Usavam até a seguinte quadrinha: “Nas minhas aflições dai-me consolação senhor meu Frei Galvão que não pisa no chão”.

1.3 Frei Galvão e suas pílulas

A primeira história sobre as pílulas se dá por volta de 1807. Com quase 70 anos, Frei Galvão foi procurado por um homem que lhe pediu um remédio para aliviar a sua dor aguda provocada por cálculo renal. Frei Galvão escreveu em um pedaço de papel a frase em latim: *Post partum Virgo Inviolata permansisti, Dei Genitrix Intercede pro nobis*. E a tradução: *Depois do parto, ó Virgem, permanecesstes intacta! Mãe de Deus, intercedei por nós*. Enrolou o papel, partiu-o em três partes e pediu para que o homem o engolissem. Algumas horas depois, os cálculos foram expelidos sem nenhuma dificuldade.³²

Outra vez, foi procurado por um indivíduo que pedia para ajudar a sua esposa em um possível e difícil trabalho de parto. Frei Galvão não podia sair do convento. Fez os mesmos papéis com a frase em latim e enviou para a esposa tomar. Dias depois ficou sabendo que o trabalho de parto fora um sucesso. A partir destes casos, a notícia se espalhou pela cidade e muitas pessoas passaram a procurar as pílulas de papel.³³

Frei Galvão ensinou as próprias freiras do Mosteiro da Luz a fazer as pílulas e os relatos de curas aumentaram de forma muito expressiva.

³¹ Madre Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.175.

³² Mário **MAX**, *O beato Frei Galvão: Um brasileiro na glória dos santos*, p.32

³³ Madre Beatriz **MARISTELA**, *A vida do Santo Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*, p.175.

Não só no Brasil passaram a ser tomadas as pílulas de Frei Galvão, mas em muitos países da América Latina e Portugal. Muitas instituições, como o Mosteiro da Luz, fazem as pílulas hoje e mais dez são autorizadas a produzi-las.

As cidades de Santos, Itu, Piracicaba, Guaratinguetá, Sorocaba, Ponta Grossa no Paraná, Joinville em Santa Catarina, Uberaba em Minas Gerais e Jataí de Monte Sião em Goiás produzem as pílulas de Frei Galvão seguindo diariamente este processo.³⁴

O processo para a confecção das pílulas começa na gráfica Frei Galvão que fica na cidade de Guaratinguetá. Esta gráfica produz uma bobina de papel comestível de cinco centímetros de largura com os dizeres em latim. As folhas são cortadas em pequenos pedaços de dez centímetros de altura e este mesmo papel vai embrulhar os conjuntos de três pílulas que saem da própria gráfica e vão para a igreja matriz da cidade.³⁵

Há duas instituições em Guaratinguetá que são autorizadas a fazer as pílulas: o *Mosteiro da Imaculada Conceição* e a *Irmandade Frei Galvão* que foi criada em 2000 para auxiliar o trabalho das freiras do Mosteiro. A irmandade Frei Galvão conta com a ajuda de 25 voluntárias que se reúnem de segunda a sexta-feira, das 14 horas às 18 horas para confeccionar as pílulas.

Ao chegar os papéis, com os dizeres em latim, no Mosteiro e na irmandade Frei Galvão, estes mesmos papéis são enrolados em uma haste de metal em cima de uma bancada de granito.³⁶

³⁴ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: A vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.48.

³⁵ *Ibid.*,48.

³⁶ *Ibid.*,48.

É importante ressaltar que, no meio do processo da elaboração das pílulas, exatamente às 15 horas, uma das voluntárias começa as orações por cerca de 20 minutos, e todas as outras acompanham em voz alta recitando Pai-Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, a oração ao Espírito-Santo, um Credo e um Glória ao Pai. Depois das orações, as voluntárias tem um intervalo para o café.³⁷

Os papéis ficam em forma de rolos que são afixados em um processo de cola caseira à base de água, álcool de cereais, que tem a finalidade de conservar e polvilho.

Assim os papeis são enrolados e cortados em pedaços de pequenos milímetros e são embalados em pequenos pacotes em número de três.

Em seguida, estes pequenos pacotes de plástico com as pílulas são colocados em um outro pacote de papel com a novena de Frei Galvão e as instruções de uso que são benzidos pelo próprio padre da matriz. Passando este longo processo, os pacotes começam a ser entregues.³⁸

São produzidos 60 mil saquinhos com cerca de três pílulas por pacote por mês. Uma boa parte da produção é enviada pelo correio.

O Mosteiro da Luz faz entrega das pílulas os sete dias da semana. Calcula-se que são entregues por dia mais de 10 mil saquinhos com três pílulas em cada pacote.

Os pacotes com as pílulas de Frei Galvão são acompanhados com um pequeno resumo da sua trajetória e as próprias instruções a serem seguidas para a obtenção da graça.³⁹

³⁷ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: A vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.48.

³⁸ *Ibid.*, p.49.

³⁹ *Ibid.*, p.49.

Pede-se para fazer uma novena, com orações diárias e as pílulas devem ser ingeridas no primeiro, no quinto e nono dias de oração.

Oração da Novena de Frei Galvão.

Santíssima Trindade, Pai Filho e Espírito Santo, eu Vos adoro, louvo e Vos dou graças pelos benefícios que me fizestes. Peço-vos por tudo que fez e sofreu vosso Venerável Frei Antônio de Sant'Anna Galvão, que aumenteis em mim a fé, a esperança e a caridade, e Vos digneis conceder-me a graça que ardentemente almejo. (Fazer o pedido). Amém. Rezar em seguida um Pai-Nosso, Ave-Maria e um Glória ao Pai.⁴⁰

Oração a Frei Galvão.

Deus de amor, fonte de todas as luzes que cumulastes de bênçãos o vosso servo Frei Antônio de Sant'Anna Galvão, nós vos adoramos e glorificamos, e vos agradecemos, porque nele fizestes maravilhas. Ele Senhor, por vossa inspiração, criou para o vosso povo sofrido aquelas pílulas, sinal de vossa compaixão para com os enfermos, sinal seguro da mediação da Virgem Maria Imaculada; alcança-nos pela intercessão de Vossa Mãe, e do Frei Galvão, que nós, ao tomarmos com fé e devoção essas pílulas, consigamos a graça desejada (pedir a graça).

E procuremos conhecer sempre mais o Evangelho que ele viveu, cultivando com amor a vida Eucarística. Ó Frei Galvão, junto a Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, para que obtenhamos do Pai Celeste a vida plena no amor do Espírito Santo. Amém.⁴¹

1.4 Frei Galvão o arquiteto

Um dos fatos importantes para a construção do Mosteiro da Luz eram as notícias que Frei Galvão era um homem que fazia milagres. Esse fato atraiu em torno dele jovens e mulheres que se propunham a seguir os conselhos da vida religiosa: partir daí surgiu o projeto do Mosteiro da Luz para abrigar essas religiosas.

⁴⁰ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.52.

⁴¹ *Ibid.*, p.52.

Frei Galvão começou a pregar e buscar fundos para a ampliação do mosteiro, então conhecido como “Recolhimento da Luz”.⁴²

Em 1788, as irmãs deixaram as antigas instalações, mudaram-se para as novas que foram desenhadas e construídas por Frei Galvão, na Avenida Tiradentes, n:677/688.

Pela escassez do dinheiro para as obras, foram necessários 14 anos para que o recolhimento ficasse pronto e mais 14 anos para a construção da própria igreja.

Pela história da cidade, sabemos que antes da construção do Mosteiro da Luz, feito por Frei Galvão, havia na cidade de São Paulo poucas praças e alguns largos e poucas igrejas como a Igreja da Sé, Santa Ifigênia, São Gonçalo, São Bento, Misericórdia, Rosário.

A planta da cidade de São Paulo, levantada em 1810 pelo engenheiro Rufino José Felizardo e Costa, assinala, no extremo norte, o Caminho da Luz. Margeando esse caminho, aparecem duas indicações: o Convento da Luz e, do outro lado, um pouso. Próximo ao pouso, a indicação do Jardim Público, junto ao qual viria a ser edificada a Casa da Correção. O Mosteiro da Luz é indicado sumariamente no lado voltado para o rio Tamandateí. Provavelmente esta é a primeira indicação na cartografia paulista do Recolhimento da Luz.

⁴² Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.24.

REPRODUÇÃO DA FOTO DO MOSTEIRO



Foto feita por Marcelo da Rocha em 19/07/2009

A igreja foi inaugurada em agosto de 1802 e Frei Galvão foi responsável por todas as etapas da construção, tanto da igreja como do convento. Fez trabalhos braçais, foi mestre de obras, carpinteiro e servente.

Outra particularidade tem interessado alguns estudiosos de nossa antiguidade.

A primitiva igreja da Luz tinha a frente e a entrada voltadas para a Rua Rodrigo de Barros. Como a da nova igreja é para a Avenida Tiradentes, julgam que o plano

da construção desta foi modificado. Tal não se deu. Frei Galvão assim construiu desde os alicerces. O motivo por que mudou o lado do frontispício é muito simples; em seu tempo, o trilho que ligava o campo do Guaré à cidade era bastante transitado; entre 1782 e 1786, no governo do Capitão-general Francisco de Cunha Menezes, tornou-se rua, e a visão clarividente e profética do servo de Deus previa que ele seria uma movimentada avenida.⁴³

Muitos escravos foram cedidos na época para auxiliar na construção da igreja.⁴⁴

Em 1943, o Mosteiro da Luz foi inscrito no Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional de São Paulo e, em 1988, acabou se tornando Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco.

Depois da reforma, Frei Galvão passou a cuidar de muitas meninas que ingressaram na vida religiosa e escreveu um próprio estatuto que é usado até hoje para disciplinar a comunidade. Ele acreditava que, depois de acabada a construção do Mosteiro, a área da Luz se tornaria o centro da cidade de São Paulo e desta forma acabou mudando a disposição original do templo.

O projeto do Mosteiro da Luz previa a construção de 22 celas em círculo nas três faces para o campo. O edifício é octogonal e saem corpos laterais.

Aos trinta anos, Frei Galvão ficou sendo conhecido em São Paulo pelos milagres, fenômenos de bilocação, levitação e muitos creditavam a ele o carisma da santidade.

Ao findar a construção do Mosteiro da Luz, alguns superiores da Ordem pensaram na possibilidade de Frei Galvão realizar seu apostolado em um outro local de mais necessidade do Brasil. Quando souberam disso, muitos fiéis, famílias, religiosos e

⁴³ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pilulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.24.

⁴⁴ Benedito Lima **TOLEDO**, *Frei Galvão Arquiteto*, p.19.

até as irmãs se reuniram, mandaram cartas e fizeram todo tipo de protesto contra a saída de Frei Galvão. Para todos era inadmissível a cidade de São Paulo ficar sem a preciosa ajuda. Finalmente conseguiram evitar a transferência de Frei Galvão⁴⁵ que permaneceu no Mosteiro da Luz até sua morte. O Mosteiro da Luz ainda guarda seus restos mortais e suas relíquias.

1.5 O processo de canonização

Antes de João Paulo II, o processo de canonização era muito rigoroso. Eram necessários dois milagres para ser declarado beato e mais dois depois da beatificação. Hoje é pedido apenas um milagre em cada etapa para a efetivação do processo. Mesmo assim, as provas para serem atestadas passavam por muitos estudos e muitas viagens para o Vaticano onde sempre era dada a palavra final. O indicado, para ser declarado santo, deve ter morrido no mínimo cinco anos antes do pedido. Uma pessoa encarregada da própria diocese onde este indicado trabalhou deve organizar uma documentação comprovando a sua santidade. Estes mesmos papéis são enviados à Congregação das Causas dos Santos no Vaticano. Após serem analisados, se forem considerados de grande importância, constitui-se um tribunal eclesiástico tendo promotor, juiz e notário que se deslocam para o local onde o candidato morreu. Este tribunal ouve entre dez a vinte testemunhas que devem comprovar as 11 virtudes necessárias para o estado de santidade. Esperança, fé, prudência, caridade, fortaleza, justiça, pobreza, temperança, humildade, castidade e obediência.

⁴⁵ Benedito Lima **TOLEDO**, *Frei Galvão Arquiteto*, p.18,19.

Os documentos para comprovar as suas virtudes são analisados e inseridos no processo. Depois disso, o corpo é exumado e todos os registros são traduzidos para o Italiano, quando necessário, e são analisados por dez teólogos do Vaticano e cinco historiadores. A partir disso, o Papa concede a sua autorização e em seguida parte-se para a comprovação do primeiro milagre.

O primeiro milagre que foi reconhecido para a beatificação de Frei Galvão ocorreu no dia 25 de outubro de 1998 e a pessoa que recebeu a graça foi Daniela Cristina da Silva.

No ano de 1990, Daniela tinha quatro anos quando foi internada no Hospital Emílio Ribas, na cidade de São Paulo, com hepatite do tipo A. Nesta internação, houvera muitas complicações, como paradas cardíacas, hemorragias no próprio sistema digestivo e infecção hospitalar para agravar mais a situação. Depois, acabou entrando em coma. Os próprios médicos, depois de estudarem o caso, pediram para a mãe rezar, pois tinham feito tudo que era possível. A mãe de Daniela, aconselhada por sua irmã, recorreu às pílulas de Frei Galvão, que também foram dadas para a menina na UTI de forma velada, e foi rezada também a novena. Terminada a novena, a menina tinha saído do coma e estava curada. Hoje, sabe-se que ela é uma menina alegre e saudável.⁴⁶

O segundo milagre foi o nascimento do menino Enzo de Almeida, filho de Sandra Grossi de Almeida. Sempre que tentava engravidar, ela tinha um aborto espontâneo no total de três. O seu útero tinha duas cavidades separadas por uma cartilagem e nenhuma das cavidades tinha espaço suficiente para uma gravidez até o final da gestação. Neste tipo de gravidez, se chegar até o período final de gestação, o bebê

⁴⁶ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.44.

pode nascer com problemas de má formação. A doença é denominada “útero bicorne.” Antes da 20ª semana sempre acontece um aborto espontâneo.

Quando estava grávida de Enzo, a mãe ficou sabendo das pílulas de Frei Galvão e começou a tomá-las. Segundo o relato de Sandra, já no primeiro dia não sangrou mais, pois, por ter o útero dividido, um dos lados contrários ao que abriga o feto, fica menstruando. Mesmo tendo uma gravidez de risco, ela foi normal e Enzo nasceu com trinta e duas semanas de gestação com quase dois quilos, e saudável. Os médicos viram este caso como muito raro.⁴⁷

No lugar onde aconteceu o milagre, deve-se reunir um promotor, um juiz, um médico e um notário e eles avaliam o milagre que deve ser sempre de cura, sem explicação científica e com um efeito duradouro. Depois disso, são ouvidos cerca de dez testemunhas que atestam a veracidade do ocorrido. Todos os relatórios são investigados por cinco reconhecidos especialistas na área de medicina do Vaticano que analisam todos os casos de forma individual. Sete teólogos também dão o parecer dos milagres sendo que dois destes são também especialistas na área do suposto milagre. Depois disso, uma comissão de Cardeais e Bispos estuda os materiais.

Sendo aprovados por todos, o papa anuncia e comprova o milagre do candidato e ele será beatificado. Depois da beatificação, deve ser realizado um segundo milagre para que ele seja declarado santo, O processo de comprovação é feito da mesma forma dos primeiros milagres e depois disso é feita uma consulta aos cardeais.

O processo de canonização de Frei Galvão custou cerca de 90 mil euros.⁴⁸

⁴⁷ *Ibid.*p.45.

⁴⁸ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*,p.38.

O primeiro pedido para a canonização foi dirigido por Madre Oliva Maria de Jesus, que era abadessa do Mosteiro da Luz, a Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo da cidade de São Paulo, em 1938. Este pedido foi reforçado com mais de 50 mil assinaturas e João Batista Martins Ladeira, que era vigário-geral da Arquidiocese de São Paulo, auxiliou na obtenção de todas elas. As assinaturas comprovam a fé generalizada na santidade de Frei Galvão. Apesar disso, o pedido acabou caindo no esquecimento.⁴⁹

Dez anos se passaram, e em 1949, formou-se um tribunal eclesiástico para o processo de beatificação de Frei Galvão. O primeiro ponto importante para a canonização foi encabeçado pelo juiz delegado cônego Francisco Cipullo. Este resultado foi encaminhado para Roma, mas, por incrível que pareça, não houve nenhuma resposta sobre o processo.⁵⁰

Cinco anos depois, em 1954, a abadessa do Mosteiro da Luz recebeu uma correspondência de Roma que tirava as esperanças sobre a canonização de Frei Galvão e desta forma o pedido foi arquivado.

Em 1969, o recém-eleito cardeal dom Agnelo Rossi reabriu o processo para canonização e elaborou um novo tribunal e, mesmo assim, não houve nenhum avanço no processo. É interessante ressaltar que, depois disso, dom Agnelo Rossi começou a trabalhar em Roma.⁵¹

O cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, em 1980, recebeu um novo pedido do Mosteiro da Luz para a canonização de Frei Galvão e, pelo fato das normas do Papa João Paulo II não serem tão rígidas, viu que existia a possibilidade de êxito e retomou o processo. O novo levantamento foi até 1986.

⁴⁹ Ibid., p.37.

⁵⁰ Ibid., p.38.

⁵¹ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.38.

Depois das primeiras pesquisas, finalmente, foi aberto o processo de canonização que foi bem vagaroso. Em 1991, a irmã Célia Cadorin aceitou o convite para cuidar do processo de Frei Galvão e os trabalhos passaram a ser mais rápidos. Ela trabalhava no Vaticano e tinha uma ótima ajuda da irmã Claudia Hodecker que vive no Mosteiro da Luz. Selecionou importantes milagres que poderiam auxiliar no processo.⁵²

No total, havia quase 24 mil relatos de curas conseguidas pelas pílulas de Frei Galvão. A oficialização da sua santidade foi no dia 11 de maio de 2007, na cidade de São Paulo, em missa celebrada por Bento XVI, onde Frei Galvão se tornou o primeiro santo brasileiro e foi também o primeiro a ser canonizado fora do Vaticano. A canonização foi realizada no Campo de Marte, com a presença de mais de um milhão de pessoas. Havia cardeais, bispos, padres. Entre eles estavam presentes, autoridades municipais, pessoas ligadas ao governo do Estado de São Paulo, profissionais na área de saúde e técnicos para montar o palco. Mais de mil pessoas trabalharam na organização da canonização de Frei Galvão.⁵³

Com este capítulo, está introduzido o ator principal do nosso trabalho, a figura de Frei Galvão, vida, obra e canonização, e as pílulas milagrosas. Assim, constituímos um cenário histórico para inserir o objeto principal da pesquisa, que é a discussão das pílulas, questionando se constituem simples placebo ou se curam pelo efeito da fé.

⁵² *Ibid.*, p 38.

⁵³ Carolina **CHAGAS**, *Frei Galvão: a vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro*, p.44,45.

CAPÍTULO II - A FÉ E SEUS PODERES

Neste capítulo pretendo trabalhar a fenomenologia da fé sob vários aspectos: as fontes da fé, o contexto histórico da fé, relação entre a ciência e a fé, os tipos de verdade e a fé. Será relevante também abordar a relação entre fé e religiosidade popular, e os seus poderes de cura.

2.1 A fenomenologia da fé

Quando tentamos equacionar o termo fé no contexto religioso nos deparamos com muitas questões. A primeira delas é que o próprio termo é muitas vezes mal entendido. Paul Tillich, em um texto paradoxal, declara que o termo fé pode causar desorientações. Desta forma, a própria fé pode levar o indivíduo ao fanatismo ou ao descrédito. Tillich diz:

Difícilmente haverá alguma palavra na linguagem religiosa seja ela erudita ou popular que tenha sido mais incompreendida, distorcida e mal definida do que a palavra "fé". Ela causa mais desorientação do que cura. Ela confunde as pessoas, levando a extremos como ceticismo ou fanatismo, resistência pela razão ou sujeição emocional, rejeição de religião genuína ou aceitação acrítica de sucedâneos.

Às vezes até surge a tentação de sugerir que se abandone completamente a palavra. Além disso não possuímos nenhum outro termo que faça jus à realidade expressa da fé.⁵⁴

A fé pode ter várias significações no âmbito religioso. Para Paul Tillich, ter fé é estar possuído por algo que nos toca incondicionalmente. Tillich acredita que o homem tem preocupação maior com as coisas que lhe são imediatamente

⁵⁴ Paul TILLICH, *A dinâmica da fé*, p.5.

necessárias como moradia e alimento. Mas o que diferencia o humano dos outros seres vivos além do pensamento? O homem tem muitas preocupações referentes ao campo espiritual. E quando se fala no campo espiritual, incluem-se questões sociais, políticas, estéticas e cognitivas. Algumas delas podem se tornar extremamente urgentes na ordem de prioridades e passam a exigir dedicação total, deixando as demais em segundo plano e até sacrificando-as.

Elas encerram a promessa de uma realização suprema, como se foram uma divindade, algo que é acolhido esperado num ato de fé.⁵⁵

Todas as religiões contêm seus aspectos peculiares de exigência e de fé começando pelo Antigo Testamento, cujo povo se preocupa com o Deus da justiça, todo poderoso e senhor da criação.

A fé é um ato da pessoa como um todo. Ela está no centro da vida pessoal, é o ato mais íntimo e global do espírito humano.⁵⁶

Segundo São Pedro Canísio, no *Compêndio de Doutrina Cristã*⁵⁷, a fé é uma luz gratuita de Deus, com a qual iluminado, o homem firmemente crê tudo o que Deus revelou, e o que a própria Igreja propõe para crer.

Assim, na fé cristã, o fiel acredita que Deus é uno e trino, que criou o mundo do nada e o próprio Deus se fez homem e morreu para salvar a humanidade. Estes e outros mistérios divinos só podem ser conhecidos pela própria fé.

Para São Pedro Canísio, a fé não pode advir da ordem natural, não há como mesclá-la com a experiência sensorial.⁵⁸

João Batista Libanio afirma que não pode haver fé fora do contexto cultural. Para ele, o próprio universo cultural é marcado pela força da fé. O ser humano que

⁵⁵ *Ibid.*, p. 6.

⁵⁶ *Ibid.*, p.7.

⁵⁷ São Pedro **CANISIO**, *Compêndio da doutrina cristã*, p. 2.

⁵⁸ São Pedro **CANISIO**, *Compêndio da doutrina cristã*, p.2.

responde ao chamado de Deus é um ser inteligente e histórico, vivendo assim dentro de um contexto social.⁵⁹

A fé só pode ser entendida e vivida por ele nessa situação histórica. Ela supõe de nossa parte um assentimento, em que nossa inteligência aceita a realidade interpelante da Revelação, do Deus verdadeiro que nos chama à salvação, à comunhão com a Trindade.⁶⁰

Para Libanio, nem sempre o homem começa a viver a fé de maneira declarada. Ela se aprofunda quando caracterizada como uma atitude ético-histórica.

2.2 A fonte da fé

Quando tratamos do conceito fé, entendemos que o homem tem um papel importante para a construção da sua religiosidade. É possível ter fé e não ter religiosidade ou ter fé e não seguir os preceitos que a própria religião determina?

Para Paul Tillich, algumas questões referentes ao próprio homem podem ou não decidir contra ou a favor da sua própria razão; ele tem na verdade a capacidade de ir muito além da razão em sua própria criatividade; pode destruir ou construir a sua razão.

Segundo Tillich, a fé não pode reduzir-se aos impulsos irracionais; ela é mais que os impulsos do subconsciente racional. Por outro lado, ela transcende também as estruturas da racionalidade. Ela pode ser considerada transcendental, superando o irracional e o racional sem destruí-los.

Sendo o ato global e mais íntimo da pessoa, a fé é “extática”.

⁵⁹ João Batista **LIBANIO**, *Eu creio, nós cremos. Tratado da fé*, p.27.

⁶⁰ Paul **TILLICH**, *A dinâmica da fé*, p.7.

A compreensão da fé em sua totalidade implica o conhecimento da tensão entre sentimento, vontade e a função cognitiva. Assim, está claro que, para Tillich, toda fé tem um elemento cognitivo, mas isso não quer dizer que dependa da razão. Também os sentimentos não produzem a fé, embora estejam contido na própria fé.

Tillich também levanta a questão se realmente é possível uma psicologia da fé. Será que tudo que pode interferir na personalidade do homem se torna objeto da própria psicologia? Tanto o filósofo da religião, como o psicólogo, devem ter como princípio que o ato da fé está inserido na totalidade dos processos psicológicos.

2.3 Contexto histórico da Fé

Desde que os homens criaram as religiões, a fé entra como elemento fundamental para a construção dos seus valores.

A partir da proclamação do Édito de Tolerância de Milão, no século III d.C., promulgado por Constantino, recém convertido ao cristianismo, todos os cristãos que foram perseguidos, tiveram os seus bens confiscados e foram presos, receberam de volta o seu patrimônio. A única religião que poderia ser seguida no Estado Romano era a religião católica e qualquer outro tipo de religião de cunho monoteísta ou politeísta foi proibido. Assim, a religião católica ganhou força e se estruturou em Roma, fato este importante para a consolidação e construção dos próprios princípios da Igreja e da fé.

Portanto, a partir do catolicismo, a fé inseriu-se em todos os segmentos da sociedade, o que levou à construção do sistema hegemônico eclesiástico.

2.4 A fé e a ciência

A ciência estabelece que, a partir das suas teorias, ou seja da sua fundamentação, ela pode, no campo da experiência concreta, construir alicerces para que o homem possa ter uma melhor qualidade de vida. A ciência sempre trabalha com verdades provisórias. Estas verdades têm objetivos práticos, e sujeitos à prova, diferentes da religião, que tem como papel central propor verdades permanentes e não falseáveis. A filosofia cristã já tem bases nas Epístolas de São Paulo e no Evangelho de São João e se desenvolveu na Patrística

O principal papel da filosofia patrística era de conciliar a nova religião, o cristianismo, com a filosofia da época para justificar perante os pagãos a racionalidade da fé. A preocupação da filosofia patrística é eminentemente teológica e apologética.

A teologia se impõe à filosofia e às ciências. Assim, os dogmas da Igreja acabam se tornando verdades absolutas, inquestionáveis.

A fé não depende da razão, mas da autoridade da revelação. Entretanto, a revelação e se concilia com os ditames da razão.

No período medieval, do século VIII ao século XIV, a Igreja Romana domina a Europa, unguindo e coroando reis e organizando as cruzadas à Terra Santa. Ela tem hegemonia na intelectualidade criando as primeiras universidades.

A principal influência na filosofia cristã medieval é de Platão e Aristóteles.

O primeiro penetrou na teologia de Santo Agostinho. Já a partir do século XI, passa a dominar o paradigma aristotélico. Com o tomismo, buscava-se, com base no paradigma aristotélico, provar, através da escolástica, ou seja, nas universidades, a racionalidade filosófica da teologia.

As disputas apresentavam uma tese e esta devia ser refutada ou defendida com argumentos a partir da Bíblia, de Aristóteles, de Platão, e dos padres da Igreja.

A tese em discussão era considerada uma tese falsa ou verdadeira dependendo da força e da qualidade dos argumentos encontrados nas fontes.

A conciliação da fé com a razão dependia da engenhosidade do mestre que defendia a tese. Teólogos como Santo Agostinho e Tomás de Aquino foram os mais prestigiados mestres desse período da Igreja.

Tillich afirma que entre a natureza da fé e a natureza da razão não existe conflito.

Isso inclui a afirmativa de que não há um conflito entre fé e conhecimento no que diz respeito à sua essência. Mesmo assim sempre já se considerou o conhecimento aquela função da razão humana que com maior facilidade entra em conflito com a fé. Isso acontecia especialmente quando se via a fé como uma espécie inferior de saber, cuja verdade é, porém, assegurada pela autoridade divina.⁶¹

Se eliminarmos o conceito falso de fé, eliminamos uma das mais freqüentes causas dos conflitos entre fé e a ciência.

2.5 Os tipos de verdade e a fé

Para tratarmos da verdade, e estabelecer uma relação com a própria fé, é importante que tenhamos entendimento dos três tipos de verdade para determinar de que forma ela pode interagir com a fé. Esta compreensão de verdade foi de certa forma desenvolvida ao longo de centenas de anos, tendo como base fundamental três concepções diferentes.

O termo grego, para a verdade é *alétheia*, palavra composta do prefixo *a* (que em grego indica negação) e de *Léthe* (que significa esquecimento). *Alétheia* significa “o

⁶¹ Paul TILLICH, *A dinâmica da fé*, p.8.

não esquecido”. Dentro desta perspectiva, temos o mito de Eros, de Platão, na República, livro X, de 610b a 612 b relatando alguém que voltou do *Hades*. No mito de Eros, todas as almas que prejudicaram outras em vida, teriam que pagar uma pena até purificarem a própria alma. Daí surgiu o conceito de verdade como o não esquecimento ou a lembrança da vida passada. Por isso, *alétheia* significa, por extensão do sentido, o não-dissimulado, o não-esquecido.

A verdade é o que vemos numa contemplação, o que se manifesta ou o que se mostra para os olhos do corpo e do espírito. O que é manifestado ou mostrado? A verdade é a manifestação daquilo que é realmente ou do que existe realmente tal como se manifesta ou se mostra.

O verdadeiro se opõe ao falso, ao pseudo, que é o encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser, mas não é como parece. O verdadeiro é o plenamente visível para a razão ou evidente (pois a palavra “evidência” significa visão completa e total de alguma coisa).⁶²

A verdade pode ser considerada como manifestação da própria realidade. Ela depende da realidade para se revelar. Já a falsidade tem o papel de esconder a realidade e mostrar as aparências.

Em hebraico, verdade se diz *emunah* e quer dizer confiança.

Na concepção hebraica, são as próprias pessoas e Deus que são verdadeiros.

Na visão hebraica, um Deus verdadeiro ou uma pessoa verdadeira cumprem o que prometem, seguem o pacto estipulado, e não traem a confiança de quem lhe aceitou a promessa.

A verdade hebraica tem como finalidade relacionar-se com alguma pessoa ou com Deus, esperando que a promessa feita seja concretizada.

⁶² Marilena **CHAUÍ**, *Convite à filosofia*, p. 96.

Emunah é uma palavra da mesma origem que “amem” e significa “assim seja”. A verdade é uma crença fundada na esperança e na confiança em uma promessa, refere-se ao futuro, ao que será ou virá. Sua forma mais elevada é a revelação divina e sua expressão mais perfeita é a profecia.⁶³

A terceira denominação de verdade é *Veritas* e tem como referência a exatidão a precisão de uma narrativa, de um relato. O relato tem a finalidade de dizer de forma criteriosa e minuciosa que o fato realmente aconteceu.

Verdadeiro se refere, portanto, à linguagem como narrativa de fatos acontecidos, a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais.⁶⁴

A verdade “*Veritas*” se refere aos fatos que já passaram. Isso quer dizer que todos os acontecimentos que já foram relatados entram como “*Veritas*”, quer dizer que esta verdade está sujeita ao rigor da precisão no uso e na criação das regras da linguagem que se manifestam em nossas idéias, e em fatos que estão fora da nossa vontade.

Muitos acreditam que a própria filosofia é a grande inimiga da fé, pois ela tem como ferramenta principal a razão para trabalhar e desenvolver os seus conceitos e a sua verdade também teria o papel de questionar tudo que não se fundamente em uma demonstração precisa.

Diz Tillich:

A verdade da fé não pode nem confirmar nem negar a verdade científica ou a histórica. Levanta-se agora a questão, se também a verdade filosófica tem semelhante relação com a verdade da fé ou se aqui a situação é mais complicada. Esse realmente é o caso, e essa dificuldade da relação entre a verdade da filosofia e a verdade da fé também complica a relação da verdade

⁶³ *Ibid.*, p.96

⁶⁴ *Ibid.*, p.96.

científica e histórica com a verdade da fé em grau mais alto do que parecia na exposição precedente.⁶⁵

A verdade científica, assim como a razão, foram consideradas como inimigas da fé. Muitos teólogos foram acusados de trair a fé por recorrer a conceitos filosóficos para explicá-la. Quando a sociedade entrou na era da filosofia da Ilustração ou Iluminismo consumou-se a separação da fé com a razão e a ciência. O que não deveria acontecer por que fé e filosofia estão em campos diferentes.

O papel da filosofia, com os pressupostos das teorias, é estabelecer regras para o entendimento de determinados assuntos sobre a natureza, sobre a origem do mundo, como conhecemos a realidade, como funciona a sociedade.

Tillich define a verdade da fé e a verdade filosófica desta maneira: “Verdade filosófica é verdade no que tange o ser e suas estruturas, verdade de fé é verdade no que diz respeito àquilo que nos toca incondicionalmente”.⁶⁶

Quer se trate da religião ou da filosofia, a verdade sempre será o mais importante objeto a ser trabalhado. A verdade filosófica tem como parâmetro mostrar as verdades através das suas teorias; já a verdade da fé ou religiosa tenta demonstrar as suas verdades através da revelação e dos símbolos.

É importante ressaltar que a própria história tem como parâmetro principal mostrar a veracidade dos fatos para termos certeza que todos os dados são coerentes e estão corretos.

Segundo Tillich, verdade histórica e verdade científica por natureza se encontram em níveis diferentes. A história relata eventos únicos, e não processos que se repetem, que podem ser verificados a qualquer momento por meio de experiências.

⁶⁵ Paul **TILLICH**. *A dinâmica da fé*, p. 59

⁶⁶ *Ibid.*, p. 60.

A única analogia entre pesquisa histórica e uma experiência no campo da física é o exame e a comparação cuidadosa de documentos. Quando documentos independentes um do outro estão concordes entre si, então uma afirmação histórica é considerada demonstrada dentro dos limites do método histórico.⁶⁷ Além disso, a pesquisa histórica não tem apenas esta finalidade, ela procura também entender as relações dos fatos entre si, e a sua origem e significado.

Para o trabalho histórico ser considerado original é importante que se tenha um método objetivo e exato. As ciências biológicas e físicas trabalham desta forma.

Tillich acredita que “a fé não pode rejeitar ou confirmar uma verdade que já está apoiada em fatos seguros, mas pode e precisa interpretar os fatos à luz de sua própria experiência.”⁶⁸

2.6 Fé e religiosidade

Hoje está mais do que claro que para termos fé não precisamos ter propriamente uma religiosidade ou até mesmo acreditarmos em um ser superior.

Existem muitos indivíduos que tem fé em determinado objeto ou objetivo e esta fé, algumas vezes, não está associada à questão religiosa ou fundamenta-se na crença de um ser superior.

Isto quer dizer que muitas vezes um ateu ou agnóstico pode ter a fé fora do contexto religioso.

⁶⁷ Paul **TILLICH**, *Dinâmica da Fé*, p. 57

⁶⁸ *Ibid.*, p.58.

Para Ivan Aparecido Manoel, no artigo *O poder da fé*, a fé é uma crença profunda em algo que tem um caráter positivo e que pode perfeitamente estar separado da espiritualidade.

Ao andar de avião, as pessoas costumam achar que nada de ruim irá acontecer durante a viagem. “Isso já é ter fé”. Também, acredita-se que a situação ou vai ficar boa, ou vai piorar.⁶⁹

Todo mundo tem fé em algo, até os ateus e os que mais se classificam como racionalistas. “Eles acreditam na ciência e na possibilidade de que, um dia, os pesquisadores ainda encontrarão uma explicação para a criação do universo que não envolva Deus”.⁷⁰

Tratando-se de ciência, existem várias correntes. Algumas delas são de ateus ou agnósticos que trabalham com a ciência e não creditam nenhum tipo de fenômeno natural de difícil explicação ou não explicável a algum Ser superior.

Mas também há cientistas que são cristãos ou têm uma vivência religiosa, mas aceitam teorias como o evolucionismo buscando conciliá-las com a fé em um Ser superior.

Libanio critica a posição daqueles que afirmam que o que não é experimentável, não se pode propor como verdade.

A fé seria deserdada do reino da verdade e localizada no âmbito da fábula.

Surge a ideologia científica, que vai de encontro à fé, desclassificando todas as suas posições.

⁶⁹ Ivan Aparecido **MANOEL**, *O Poder da fé*, p. 31.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 31.

2.7 Fé e religiosidade Popular

A fé está inserida desde os tempos mais remotos na linguagem popular e no cotidiano do homem dentro da sociedade. Na religiosidade popular, ela é importante na relação com a saúde. Segundo Groetellaars, “A religiosidade popular e / ou o catolicismo popular caracterizam-se pelo papel intermediário do Santo e seus ministros. O santo está junto de Deus e faz parte do seu mundo. O objeto da fé do povo é o santo, não Deus”.⁷¹

Neste contexto, o santo é um meio para a busca da própria fé e também o seu fim. O povo vive essa religiosidade, buscando adequar-se a ela como um caminho para a solução dos seus problemas.

Por religiosidade popular entende-se , em primeiro lugar, os elementos da fé do povo presentes em todas as religiões; em segundo plano, limitar-se-ia ao catolicismo popular.⁷² Referindo-se a Michel de Certeau, Groetellaars assim caracteriza a religiosidade popular:

independente da religião que esteja sendo estudada, a manifestação da religiosidade popular será a mesma. Poder-se-ia dizer, na interpretação geral da religiosidade popular, seja afro-brasileira, seja protestante, seja católica, que existe, a tendência para o milagroso, o imprevisto, o milagre. O fiel tenta obter graças de um Ser Benevolente (Deus, Santo, padre, pastor, rezador, pajé etc.) A maioria dos observadores, tentando interpretar o fenômeno, de uma ou outra maneira, focaliza a promessa, as rezas, as petições de graças, “atos de agradecimento”, ex-votos de todo o tipo e tenta dar uma explicação científica, seja de uma ou outra sociologia, seja de uma ou outra antropologia cultural ou social. Acontece que teólogos tomam emprestados os termos destas ciências e os aplicam indevidamente na teologia.⁷³

⁷¹ Martin Maria **GROETELLAARS**, *Milagre e religiosidade popular, reflexões sobre pastoral missionária*, p.60.

⁷². *Ibid.*, p. 55.

⁷³. *Ibid.*, p. 56.

Não importa a religião a ser seguida, seja ela olhada pelo sociólogo ou antropólogo, a religiosidade popular sempre está inserida na sociedade.

Apesar de viver o caráter trágico da presença da dor e do mal e a possibilidade de um fracasso do desígnio divino, o povo mantém aberta a esperança da redenção.

Ele vive a experiência da fé como risco supremo, a partir do momento em que “confiar numa promessa de salvação significa o mesmo que suspender a própria vida sobre o abismo”.⁷⁴

Isso quer dizer que a esperança de salvação é importante para sustentar a fé e o sentido da vida do povo.

2.8 Fé e simbologia

A identidade cristã relativa à fé funda-se nas Escrituras. A partir do século II, começam a se formar os símbolos que hoje podemos chamar de Credo.⁷⁵

Esta palavra determina um sinal de conhecimento mútuo de pessoas que faziam parte do mesmo grupo de fé.

O símbolo está ligado ao batismo: o candidato ao batismo o recebe no final da sua formação, e deve recitá-lo. Cada Igreja local, até o século IV, tem o seu próprio símbolo. O de Nicéia, depois o de Nicéia-Constantinopla se impõe em seguida. Tradicionalmente, o símbolo considerado mais antigo é o símbolo dos apóstolos. Contrariamente a uma lenda antiga, ele não foi redigido pelos apóstolos. Para o essencial de seu conteúdo, ele data do século III, e encontramos uma redação quase definitiva no século IV. É um símbolo ligado à Igreja de Roma: é desconhecido no Oriente.⁷⁶

⁷⁴ Serigo **Quinzio**, *apud*, Franco **CRESPI**, *A experiência religiosa na pós-modernidade*, p.56.

⁷⁵ Bernard **MEUNIER**, *O nascimento dos dogmas cristãos*, p.18.

⁷⁶ Bernard **MEUNIER**, *O nascimento dos dogmas cristãos*, p.18,19.

Isto quer dizer que mesmo antes do início da simbologia cristã já existia a fé como movimento de religiosidade. A partir do século II, a comunidade cristã começa a se organizar como igreja universal. Igreja significa *Ekklésia*, assembléia convocada.⁷⁷

Os símbolos como profissão de fé da comunidade já aparecem no século II. No fim do século, a obra de Irineu de Lião mostra vários deles, redigidos segundo uma estrutura constante. Eles se apóiam no Novo Testamento, em particular no primeiro anúncio da fé pelos apóstolos, ou querigma.⁷⁸

Os símbolos são importantes para a construção do ideário cristão e para a formação de uma fé duradoura. Esta mesma fé que estrutura os símbolos garante a sua integridade no tempo. Existem muitos símbolos populares nomeados no catolicismo popular latino-americano. Muitos desses símbolos populares têm origem nas liturgias locais das igrejas. Outros símbolos foram tomados de empréstimo da devoção medieval ou dos próprios povos ameríndios e africanos, e acabaram contribuindo para uma hibridação da fé cristã original.

Para Orlando Espin, todos os símbolos tem a mesma importância no universo religioso popular.

Para os nossos propósitos, escolhi dois que se revelam símbolos contrais e persuasivos no catolicismo popular latino: o Cristo crucificado e Maria. Esses dois símbolos estão presentes em todas as comunidades católicas populares

⁷⁹

Alguns símbolos populares estreitam o vínculo entre a fé e a cultura popular.

Para ser verdadeiramente humano, todo esse procedimento que leva da proclamação à aceitação só ocorre por meio de símbolos e outras categorias culturais (porque, mesmo sob a direção do Espírito, o ouvinte da Palavra permanece humano e, assim, preso a todos os procedimentos normais de humanidade).⁸⁰

⁷⁷ *Ibid.*, p.19.

⁷⁸ *Ibid.*, p.18.

⁷⁹ Orlando O. **ESPIN**, *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*, p.132.

⁸⁰ *Ibid.*, p.131.

Alguns símbolos cristãos como a cruz e muitos dos seus dogmas são constantemente re-significados, e isso manifesta a riqueza da religiosidade popular.

2.9 A fé entre o religioso e o antropológico

Desde os gregos e os romanos, com seu politeísmo, a religiosidade sempre esteve em destaque.⁸¹ A fé tem uma dimensão religiosa e antropológica. É importante entendermos estes termos com exatidão.

A fé antropológica está no plano dos valores, da significação e, como tal, é uma dimensão universal. Todos nós temos fé (antropológica) em alguns valores que, para nós, são absolutos (justiça, amor, solidariedade etc). Quando a pomos em prática, tal fé pode ser vivida de forma religiosa (cristianismo, islamismo, budismo...) ou não (um ateu que luta por uma sociedade mais justa, por exemplo).⁸²

Neste sentido, todos têm uma religiosidade e não devemos tentar mensurar qual religião é a mais correta. Até mesmo pessoas da mesma religião podem ter idéias diferentes em relação a muitas coisas da própria sociedade. Da mesma forma, até mesmo grupos de religiões diferentes, como evangélicos e umbandistas, podem ter o mesmo ideal em assuntos ligados aos direitos humanos.⁸³

2.10 Fé e doença

Muitas pessoas acabam chegando á religiosidade ou fortalecendo de certa forma a sua fé quando acometidas de alguma doença grave. Nessa circunstância, a fé passa a ter um papel central na vida da pessoa. Centenas de anos atrás, algumas

⁸¹ Afonso Maria Ligorio **SOARES**, *No espírito do abbá: Fé, revelação e vivencias plurais*, p 61.

⁸² *Ibid.*, p.61.

⁸³ *Ibid.*, p.62.

doenças eram tratadas como algo vindo do demônio ou como resultado de causas naturais.⁸⁴

Isto quer dizer que: para os gregos, a doença podia ser gratuita, mas podia ser também merecida (por falta pessoal, transgressão coletiva ou crime praticado por ancestrais). Com o advento do cristianismo, que impôs noções mais moralizadoras da doença, como de tudo o mais, gradualmente evoluiu um ajustamento mais estreito entre a doença e a vítima. A noção de doença como castigo produziu a idéia de que uma enfermidade poderia ser um castigo particularmente justo e adequado.⁸⁵

Muitos anos se passaram e vemos que hoje este conceito de castigo relacionado à doença melhorou de forma significativa. Muitas universidades e cientistas tentam estabelecer de que forma ocorre o processo da cura, e ao lado das explicações científicas, cabe interrogar sobre o papel da fé na cura ou se as pílulas de farinha podem ajudar o doente recuperar a saúde.

Milhões de dólares são gastos por ano para investigar as causas da cura. Pesquisas focalizam também o sistema religioso ligado à fé e indagando se a crença influi no processo terapêutico. Algumas linhas científicas vinculam a origem do câncer a preocupações, mágoas ou solidão. Sontag pontua essas novas descobertas:

Investigações levadas a efeito por alguns médicos no século passado mostraram uma profunda correlação entre o câncer e as queixas típicas da época. Ao contrário dos cancerosos americanos contemporâneos, que invariavelmente acusam sentimentos de isolamento e solidão desde a infância, os cancerosos vitorianos descreviam vidas intensas, sobrecarregadas de trabalho e obrigações familiares, e também de privações. Esses pacientes não exprimem descontentamento com suas vidas, nem especulam sobre a qualidade de suas satisfações e a possibilidade de uma relação significativa. Os médicos encontram as causas ou fatores de predisposição de seus pacientes ao câncer na aflição, na preocupação (observada como mais aguda entre homens de negócios e mães de famílias numerosas), em circunstâncias econômicas de restrição e súbitas reversões

⁸⁴ Susan **SONTAG**, *A doença como metáfora*, p.57.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 57.

da sorte, e em excesso de trabalho, ou – se os pacientes eram escritores ou políticos de sucesso na tristeza, na cólera, no excessivo esforço intelectual, na ansiedade que acompanha a ambição, e no estresse de vida pública.⁸⁶

Muitas pessoas acreditam que foram curadas pela sua fé, outras acreditam que o que foi determinante para esta cura foi ter um pensamento positivo diante da própria situação e outras creditam sua cura ao milagre feito por um santo.

Finalizando este capítulo, podemos explicitar que os passos estudados mostraram a complexidade do fator fé, sua inserção na história, suas relações com a ciência e a verdade, sua penetração na religiosidade popular e no campo antropológico e suas relações com a doença e a cura.

Todos esses passos são relevantes para a questão desta pesquisa: as curas atribuídas às pílulas do Frei Galvão acontecem pelo fator fé ou são resultados do efeito placebo?

⁸⁶ Susan **SONTAG**, *A doença como metáfora*, p.67

CAPÍTULO III - A INTERSECÇÃO ENTRE FÉ, CURA, PLACEBO E AS PÍLULAS DE FREI GALVÃO EM DISCURSOS HETEROGÊNEOS DE UM GRUPO FOCAL

Como se percebe do título, este capítulo pretende trazer subsídios para o nosso tema referindo opiniões e posições de um grupo focal. Essas falas são colhidas como aporte de um grupo heterogêneo de pessoas que se prontificaram a manifestar suas posições sobre a temática da nossa pesquisa.

3.1 O que é grupo focal e sua dinâmica

Grupo focal tem como finalidade realizar uma abordagem qualitativa em pesquisa nas ciências humanas. Esta técnica é derivada de diferentes formas de trabalho com grupos extensamente desenvolvidos na psicologia social.⁸⁷ No grupo focal, é dada a possibilidade aos integrantes de discutir e informar sobre problemas que interessam a um objeto de pesquisa.

Desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/ expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.⁸⁸

O termo grupo focal significa que é um grupo focalizado em um tema específico. A forma como o grupo focal é utilizado, como meio de uma pesquisa elaborada, deve estar totalmente integrada ao corpo da pesquisa e dentro de seus objetivos, dando sempre uma especial atenção às teorias já existentes e às que serão pretendidas.⁸⁹

⁸⁷ Bernadete Angelina **GATTI**, *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, p.7.

⁸⁸ *Ibid.*, p.7.

⁸⁹ *Ibid.*, p.8.

É de extrema importância, ao conduzir o grupo focal, que o mediador não induza os participantes nem direcione as respostas nem faça interferências negativas ou afirmativas sobre o tema abordado. O moderador deverá fazer encaminhamentos quanto ao tema e fazer intervenções que facilitem as trocas, como também procurar manter os objetivos de trabalho do grupo.

O que ele não deve é se posicionar, fechar a questão, fazer sínteses, propor idéias, inquirir diretamente. Fazer a discussão fluir entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para a qual foi convidado a conversar coletivamente. A ênfase recai sobre a intenção dentro do grupo e não em perguntas e respostas entre moderador e membros do grupo. A interação que se estabelece e as trocas efetivadas serão estudadas pelo pesquisador em função de seus objetivos. Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam e o que pensam.⁹⁰

Neste sentido devemos ter em mente que o mediador não pode interromper a linha de raciocínio dos participantes, para não fragmentar a sequência das ideias.

3.2 Os participantes

Quanto aos participantes, foram trabalhadas as recomendações dos estudos de grupo focal elaborados por Bernadete Gatti e adaptados a esta pesquisa. O número de participantes por grupo é de 4 a 6 pessoas e no máximo de 12.

Este número de pessoas já é determinado para abordar o tema com maior profundidade, pois, com um número maior de participantes, isto não seria possível. O total de participantes do grupo em pauta foram 9: 5 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Entre todos os participantes do grupo houve uma homogeneidade em

⁹⁰ Bernadete Angelina **GATTI**, *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, p.7.

relação ao grau de instrução mas uma heterogeneidade com relação à idade e à vivência religiosa. Os participantes tinham entre 32 a 63 anos de idade; todos com curso universitário. Todos tinham formação católica, porém só três seguiam a religião católica apostólica romana. Um deles era ateu, dois agnósticos e três espíritas kardecistas. Houve também um roteiro com o objetivo de orientar a condução dos grupos, a partir do tema central que era a fé e o placebo no uso das pílulas de Frei Galvão.

Todos os participantes dos grupos focais participaram no mesmo dia, no mês de julho de 2009 e foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo relatou suas idéias em aproximadamente uma hora e o segundo em uma hora e dez minutos. O tema que foi escolhido para trabalho de análise entre os grupos focais foi a fé, cura pela fé, e relação entre fé e placebo.

A função de moderadora foi exercida pela pesquisadora Ângela Maria Lucas Quintiliano que, além de desenvolver diversos grupos focais, possui um vasto conhecimento sobre todos os procedimentos que devem ser trabalhados no grupo.

O tipo de moderação usada para os grupos focais foi a qualitativa, tendo como objetivo a análise e não apenas a coleta dos dados. Usando uma técnica da condução de grupos, foi desenvolvido um roteiro que desse oportunidade a todos de se manifestarem permitindo a flexibilidade das posições e a diversidade das interpretações dos participantes.

Com relação a esta forma específica, Bernadete Gatti alerta que há elementos que acabam levando a uma atuação mais ou menos estruturante por parte do próprio moderador que podem interferir nos resultados. Respeitando a liberdade dos grupos, chega-se a resultados satisfatórios, como diz Gatti:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e relações e fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevaletentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos

focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de idéias compartilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.⁹¹

Com relação aos registros dos depoimentos, foi importante que todos os participantes tenham autorizado a gravação em áudio, e respeitaram os critérios estabelecidos pela mediadora para que as informações não fossem perdidas e o espaço dos participantes fosse respeitado.

3.3. A coleta de dados dos grupos focais e os questionários

É importante ressaltar a forma como ocorreu a dinâmica dos grupos focais que compreendia duas fases: a primeira era participar dos grupos seguindo um roteiro proposto; a segunda foi preencher um questionário.

Primeiro momento: Todos os participantes foram recebidos pelo observador que é o autor desta pesquisa, e pela mediadora e se acomodaram na sala de estar onde foram oferecidas comidas e bebidas para proporcionar um clima agradável para o trabalho.

Segundo momento: A mediadora solicitou que os participantes se apresentassem dizendo o nome, idade e profissão.

Terceiro momento: Após os participantes participarem dos grupos focais, eles foram convidados a preencher um questionário para a coleta de dados como sexo, idade, religião, profissão, grau de escolaridade, se já havia sido agraciado por algum milagre, se acreditava que alguém poderia ser curado pela fé ou conhecia alguém que fora curado pelas pílulas do Frei Galvão. Este questionário se encontra em apêndice.

⁹¹ Bernadete Angelina **GATTI**, *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, p 11.

Quarto momento: A mediadora fez uma apresentação do tema proposto e explicou aos participantes a técnica do grupo focal. Todos foram informados que teriam sigilo absoluto em torno das informações colhidas. Por isso, eles concordaram com a gravação das falas e a autorizaram por escrito.

Os nomes dos participantes são fictícios, pois desta forma a privacidade dos depoimentos fica resguardada. Os sinais utilizados na transcrição para substituir rupturas, lacunas ou incompreensões da fala foram:

- ... sugerindo uma idéia ou fala inacabada.
- (...) incompreensão da fala na transcrição do áudio.

Todas as falas foram transcritas de forma literal mantendo as próprias construções gramaticais, e serão organizadas seguindo o roteiro que foi trabalhado pela mediadora. Assim, elas não serão apresentadas em seqüência. Será utilizado o símbolo # para indicar saltos nas falas. Iremos separar as falas relativas aos participantes de cada grupo pois acreditamos que elas sugerem olhares diferenciados a depender do grupo.

O critério para a escolha dos participantes foi a heterogeneidade de faixa etária e a pluralidade com relação à fé e à religiosidade. Entretanto, a divisão dos participantes pelos dois grupos foi aleatória.

3.4 Organização dos dados a partir do questionário

A) Frequência dos participantes em missa ou culto religioso

Tabela 1 – Frequência na participação

FREQUÊNCIA	QUANTIDADE
Uma vez por semana ou mais	2
De uma a duas vezes por semana	5
Até quatro vezes por mês	5
Até uma vez por mês	1
Até duas ou três vezes por ano	1
Uma vez por ano	0
TOTAL	14

Segundo os dados do questionário mais da metade do grupo (6), participa de missas em igreja católica apostólica romana e ou cultos religiosos em centro espírita kardecista. Uma destas pessoas frequenta o centro espírita nas segundas-feiras e vai à missa aos domingos e os outros cinco participantes frequentam o culto religioso espírita.

A faixa etária do grupo é dos 32 aos 64 anos e todos com curso superior completo. Estes dados são importantes para a compreensão das falas. O questionário e as respostas constam dos anexos.

Tabela 2 – Meio utilizado

Ordem de ocorrência (*)		1	2	3	4	0	Total
MEIO	Missa em igreja	1	0	0	0	8	9
	Culto religioso kardecista	5	0	2	0	2	9
	Outro tipo de culto religioso	0	0	0	0	9	9
	Só vai a missa em casamento ou missa de sétimo dia	8	0	0	0	1	9

(*) Critério por ordem de ocorrência de 1 (mais usa) a 4 (menos usa), sendo o zero para quando nunca utiliza o meio.

Ao observarmos a ordem em que ocorrem os números 1 e 2, o meio mais usado é o culto religioso kardecista e em segundo lugar a missa em igreja católica.

Os participantes desses cultos são no total de 6, ou seja, a maioria dos participantes.

Os outros três participantes só vão à missa em casamentos ou missa de sétimo dia.

3.5 Agrupamento das falas dos grupos seguindo o roteiro proposto pela mediadora

Fé na sociedade contemporânea

1º Grupo Focal:

#

Cris: Eu acho que a fé está ligada com a cura, mas não adianta só a fé, não adianta você ir só no templo e rezar, tomar um passe, tomar uma benção, você também tem que tomar seus remedinhos. Diferente de algumas religiões que falam que só você ir no templo, para tomar remédio que você vai melhorar.

Carla: Aí tem a ver com fanatismo...

Cris: é, e eu acho que a fé esta ligada também na esperança do que vai melhorar, por exemplo uma pessoa portadora de câncer, se ela tiver bem, se ela tiver com fé, ela fala: eu vou melhorar, Deus colocou isso para mim para eu apreender alguma coisa, ela vai ter calma suficiente, eu acho que muitas doenças tem a ver com o psicológico. Se você se mantém calma, você melhora, ela não pode nem se curar mais ela vai entender melhor.

#

Cleide: Hoje em dia é muito propagado isso, uma pessoa que está no hospital , que está vendo que ela tem uma fé, ela melhora mais rápido, ela tem alguma doença incurável, por exemplo, já foi até pesquisado cientificamente que dependendo do lugar em que ela vive, se ela tem fé em alguma religião, em algum santo, se ela é devota, ela tem mais chances de ser curada do que uma que não tem fé em nada, isso já foi comprovado cientificamente. Porque inclusive eu acho que o emocional ajuda muito, se a pessoa está doente, se ela tem um pouco de calma, de fé, de tranqüilidade, ela vai poder conduzir mais aquela doença, do que uma que fala, não eu estou morrendo, eu vou me entregar, eu não quero mais saber, eu acho que esta morre mais depressa, e a outra que vai levando mais tranqüilamente, vai rezando

isso é mais psicológico, eu acho que ela vai conseguir através da fé, porque aí é uma fé que ela tem, vou ficar boa, vou me curar. Ela até aumenta mais o seu tempo de vida.

Carlos: E tem um caso de um filho de amigo nosso, um casal de um amigo nosso, este casal é muito católico, o filho estava com leucemia e que foi levado ao tratamento com o Frei Hugolino em Santa Catarina, ele era jovem, isso há muitos anos atrás, estava desenganado e com a fé e o Frei Hugolino e foi através desse Frei que ele se curou.

Cleide: Mas eles propagam hoje para todo mundo que eles vem doentes e diz que ele cura só com a imposição das próprias mãos, nem toca na pessoa, faz as orações dele impondo com as mãos e muita gente sai curada de lá.

#

2º Grupo Focal:

#

Claudia: Para mim mais uma vez, é assim e é utilitário, agora que hoje você já consegue até identificar um benefício sentido pelo corpo a partir do exercício da fé, isto já está documentado, acredito piamente que a fé pode ser responsável por cura, por soluções da vida. Porque afinal de contas ela está ativando uma parte do cérebro, ela tem a ver com raciocínio, com razão, ela tem que a ver com isso.

Marta: Mas isso é diferente daquilo que falei

Claudia: Não mas o que eu estou dizendo é sobre a história da coexistência, não é excluir o que você está dizendo, mas de que modo toca aquilo que você está dizendo, eu acho que a questão da fé, ela vai te atingir organicamente.

Marta: Mas esta parte do cérebro não é racional, ela é química, ela é orgânica.

Claudia: Então Marta mas ela passa por um todo é onde as coisas se ligam, é a escolha é o inconsciente, é o orgânico, a fusão de tudo isso.

David: Mas isso já foi explicado inclusive cientificamente. A pessoa que tem câncer que morre mais rápido é aquela pessoa que não aceita que fica com depressão, agora pelo contrario, aquele que aceita, ela vive, fica. Eu acho um barato eu sou advogado e aos nove anos atrás, uma vez eu peguei o caso de um aidético, sabe aquela cena do filme Filadélfia do aidético, eu me sinto igual até hoje. O cara me cumprimentou e me disse eu sou fulano de tal, prazer, pois não?

Eu sou aidético e queria me aposentar por invalides, o senhor faz? Faço, ai ele foi me contando a estória, dele, um rapaz muito bonito, vistoso, aí ele me contou que pegou de companheira dele muito mais nova que ele, hoje ele deve ter uns 42 anos, a companheira uns 28, ela morreu em dois meses. Aquilo para ele foi uma morte desde o começo e ele faz nove anos que ele está aí! Ele é soropositivo, come, bebe, anda de moto, arranjou um caso no hospital, arrumou uma namorada, quer ter filho, vive tranqüilamente, então a fé dele qual que é, é em mim, a fé dele é vou viver.

#

Marta: Eu acho assim, quando você está doente e acha que você vai se curar, é independente se você for na igreja e o padre falou que você vai se curar e acredita, ou se você está no hospital e vem alguém da igreja evangélica e diz que você vai curar e você acredita ou se você já acredita que você vai se curar porque a ciência provou isso, você vai fazer o mesmo efeito, é exatamente o mesmo efeito no nosso cérebro tem a ver com a crença que vai se curar independente de onde você trouxe esta crença, porque o efeito, a coisa é emocional, mas o efeito que vai dar é orgânico e ele se dá da forma como ele vier, independente, você acredita de onde veio esta crença e esta cura vai acontecer!

3.6 Análise da posição dos grupos sobre a fé na contemporaneidade relacionada a cura

Dentro desse tópico da fé na contemporaneidade é importante ficar claro que mesmo existindo historicamente várias formas de interpretar a imagem da fé mas neste trabalho trata-se do imaginário da fé brasileira contemporânea. Neste sentido, este tópico não tem a pretensão de trabalhar a universalidade da fé. As pessoas que participaram do grupo focal, são de idades bem distintas, de formações, e religiões e opiniões diferentes. São indivíduos cujas ideias são produtos do mundo contemporâneo. E no mundo contemporâneo, também chamado de pós-moderno, instaurou-se um pluralismo de concepções e vivências sobre a fé que rompe com as posições tradicionais que tendiam à uniformidade das crenças.

Um dos participantes deixa claro isso quando fala: cada vez mais eu tenho fé, mas não em uma determinada religião mas sim na católica, na espírita também, e sempre todo dia ao amanhecer , eu agradeço a Jesus, a lemanjá quando abro a janela eu agradeço a mais um dia, então eu acredito que nunca é de mais ter fé. Eu ampliei a minha fé não só em uma determinada religião mas também no kardecismo.⁹²

Fica claro que o participante, mesmo tendo uma formação religiosa católica, também tem contato e aceita em seu dia-a-dia outros tipos de religiosidade. Para ele não é necessário ir à igreja para ter fé. Líbanio aponta a atração, a força e o pluralismo, dos sistemas religiosos ao dizer:

os sistemas tradicionais de valores e de normas, religiosos e morais, perdem sua influência em proveito das experiências pessoais, do pluralismo de posições. Na sociedade moderna, qualquer pessoa, grupo ou instituição tem o direito de criar seu sistema de valores morais e religiosos e propô-lo aos que o desejarem. Por isso, os sistemas tradicionais perdem o monopólio e sofrem a concorrência de propostas alternativas.⁹³

As experiências pessoais muitas vezes ganham mais força do que a experiência dentro de uma própria religião. Isso quer dizer que muitas pessoas tendo essas experiências acabam criando seus próprios valores religiosos ou morais.

⁹² Participante do grupo focal em entrevista citada no dia 25/07/2009.

⁹³ João Batista **LIBANIO**, *Eu Creio, nós cremos: tratado da fé*, p.46.

Franco Crespi afirma que as experiências religiosas na pós-modernidade já não se pautam por verdades absolutas isso porque são:

resultado da mediação simbólica da experiência vivencial afetiva ordinária, através das determinações do significado que emergiram no interior do contexto específico da nossa existência histórica, em seus condicionamentos particulares materiais, sociais e culturais. Põe-se desse modo em evidência a dimensão de pré-compreensão na qual o existir desde sempre já está implicado e que, na sua complexidade, constitui também a base da atividade cognitiva. Essa última enquanto experiência interior da facticidade, desenvolve-se como interpretação sempre parcial e redutiva, historicamente condicionada. Por isso, enquanto tal, ela é incapaz de proporcionar fundamentos absolutos da verdade ou orientações certas do agir.⁹⁴

Devido a este contexto, a maioria dos participantes vêem que a fé pode curar mas nem sempre é necessário ter uma religião. Essa cura pode advir de vários processos subjetivos: de pensamentos positivos, da crença em determinado objeto, ou podendo até ser uma pílula, da confiança no médico ou em si mesmo.

⁹⁴ Franco **GRESPI**, *A experiência religiosa na pós-modernidade*, p. 30.

Gráfico das convergências e divergências			Convergências	Divergências	Em que ponto	Total	
MEIO	Fé na sociedade contemporânea	Participantes					
	GRUPO1	Carlos	1		Foi através da fé em um frei que o filho do meu amigo se curou		
		Cleide	1		Uma pessoa que está no hospital e tem fé, ela melhora mais rápido		
		Carla			Não respondeu		
		Cris	1		Eu acho que a fé está ligada com a cura, mas não adianta ter só a fé		
		Laércio			Não respondeu		
		Flavio			Não respondeu		
	GRUPO 2	Claudia	1		Acredito piamente que a fé pode ser responsável por cura		
		David			1	As pessoas que tem câncer e morrem mais rápido não aceitam e tem depressão	
		Marta	1			É independente, você acredita de onde veio a crença e esta cura vai acontecer	

Pelo gráfico percebe-se que dos nove participantes, cinco concordam que a fé na sociedade contemporânea pode favorecer o processo de cura. Três não responderam e um manifestou opinião contrária. E um, David, tem uma posição ambígua.

3.7 Possibilidade de ter fé sem necessariamente exercer uma religiosidade

1º Grupo Focal:

#

Carla: É a postura diante da vida, você não precisa ter nenhuma religiosidade e ir ao um templo, é como você age no dia-a-dia, é isto que mostra sua ligação com um ser, se é que é um ser se é que são vários seres, não importa.

Cris: Você acredita que há um Deus que ele está em todo lugar.

Carla: É você saber que você faz parte de um plano maior e não importa quem gera tudo isso, é assim que eu vejo.

Carlos: Foi assim que eu quis me expressar no inicio, tanto é que eu comecei na igreja católica que eu não larguei que eu freqüento esporadicamente. Para rezar não precisa estar na igreja. Existem algumas situações que eu vou, nem que seja missa de sétimo dia, da mesma forma que eu acredito que para mim ter fé, para mim fazer uma oração, eu não preciso ir em uma igreja e nem nada , tanto é que eu agradeço ao senhor Jesus Cristo, agradeço a lemanjá, agradeço a tudo que eu puder agradecer mas o que eu falo é do fundo da alma e do coração é aquilo que eu penso.

#

Carla: É você saber que você faz parte de um plano maior e não importa quem gera tudo isso, é assim que eu vejo. Olha eu já tenho uma opinião, eu acho que tem muito já do homem, eu acho que esta colocação do homem cria muito obstáculo. Por que por exemplo eu tive uma formação católica, só que se eu te falar que me confessei foi na primeira comunhão e na crisma. Ponto, minha conversa com Deus foi muito direta, eu optei por Deus, é

diariamente eu me confesso por que eu faço um levantamento do que eu faço, por que quando eu tenho um nível de julgamento que eu sei quando eu erro e para mim errar não é pecado , por que eu me coloco e falo eu sei que pisei na bola, direto não tem essa não ter que me dirigir a uma pessoa para ela ser a portadora que vai falar para Deus. É a minha opinião. Eu acho que quando o homem entra às vezes as coisas se perdem porque eu não vejo dentro da minha concepção alguém que seja preparado para julgar, para questionar, para dirigir, porque eu acho que todos que estamos aqui são iguais, cada um tem uma oportunidade, cada um tem um conhecimento, está ali fazendo alguma coisa, mas o risco que você tem de fazer alguma coisa te policia, isto é muito perigoso, as grandes situações que aconteceram as guerras, tudo foi por causa da pessoa achar que naquele momento ela tinha o poder de decidir é isso que me assusta.

#

Cleide: Eu acho que é em busca de poder mesmo que as pessoas inclusive na católica têm os padres que eles são soberanos, o papa que é soberano. Agora nessas religiões que estão vindo agora que tem muitas igrejas que tem várias que eu não sei nem citar os nomes.

#

2° Grupo Focal:

#

Claudia: Mas aí você pode ter a religiosidade sem ter a fé.

Flavio: A pessoa pode ser ateu e ter fé, ter fé na natureza, ter fé no próximo.

Claudia: Ter fé até no ateísmo, eu não acredito, e prega, e prega, o meu irmão prega o ateísmo.

Marta: Eu acho que tem muitas pessoas que passaram por diversas religiões como eu falei que a maioria dos brasileiros nasceram na igreja católica, eu digo da nossa geração e hoje tem mudado por causa das evangélicas que estão crescendo e daqui algumas gerações não vai ser assim, mas por exemplo, na nossa, eu fui batizado, eu fiz primeira comunhão, não sei o que, depois que eu cresci...

Flavio: Dá uma passada na umbanda....

Marta: Isso, dá uma passada na umbanda, vai no centro espírita, e aí você começa a ter vários olhares e a partir desses olhares você começa a perceber que as religiões tem as suas diferenças e começa a pensar quê para que você precisa estar dentro de uma religião. E você fala eu tenho fé em Deus, então você não tem religião e tem fé. Eu conheço muita gente que não tem religião, fala que não tem religião, mas fala que tem fé em Deus, ou não que não seja Deus mas em uma outra coisa, que tenha espiritualidade que tenha fé em alguma coisa e eu não sei nem se é Deus mas é algo que é fora da gente, é transcendente. Mas que tem fé e não tem religião, eu acho que isso é perfeitamente possível.

David: Eu acho particularmente, eu descobri o meu ateísmo com quatorze anos, eu fiz dez anos de colégio católico era um externato e eu não me sentia confortável com aquilo eu não acreditava naquilo, eu brigava assim com a freira e dizia, uma coisa assim tão poderosa não pode ser tão consciente, isso não é possível. Eu usava o raciocínio lógico, aí eu fui batizado, primeira comunhão, não fui crismado. Casei que é um sacramento que eles falam não é! E o padre percebeu o meu ateísmo.

E o padre percebeu e foi um barato, na conversa que nós tivemos ele virou para a minha esposa e disse: olha está no direito canônico que mesmo que uma pessoa tenha dúvidas, já que você tem esta fé exacerbada vocês podem se casar tranqüilamente. Eu não falei nem um ah. A cara que eu deveria estar, conversando com um padre. Aí eu passei para a católica, eu conheci o centro espírita, o kardecismo, uma vez eu fui na umbanda, adorei o charuto da umbanda, tomei um pileque desgraçado, uma vez eu entrei em uma igreja pentecostal para ver como é que é e eu achei aquilo o máximo, até dancei no meio dos caras, mas nada daquilo me preenchia, até tentei o budismo porque o budismo não tem Deus, eu vou ser

budista, pronto. Aí eu percebi que eu não preciso, melhor assim e até puxando o gancho do colega que muitas vezes você tem uma fé por conta de um momento. Então pensei que quando o meu pai teve o terceiro infarto seguido, agora eu vou ser religioso de alguma maneira e nem assim e hoje eu sou muito feliz, muito confortável e minha fé hoje é ser ateu.

Claudia: Ele é uma pessoa que tem fé no ateísmo.

David: Até alguns anos atrás, eu falava assim: como é que você pode falar de alguma coisa que você não sente, não vê, que você isso, que você aquilo! Hoje não, hoje eu sou mais, digamos assim eu tenho compaixão, acredite então, se isso faz bem para você ótimo, agora não me tire do ateísmo. Por que eu vou tirar a sua religião.

#

Flavio: E começa na família, como hoje ele é ateu, mas quando é criança você nem sabe porque mas está em um colégio católico, daqui a pouco vai ter um colégio

#

3.8 Análise da posição do grupo sobre a possibilidade de ter fé sem necessariamente exercer uma religiosidade

Este tópico refere-se à possibilidade de alguém ter fé sem necessariamente seguir um credo religioso. Foi constatado que dos nove participantes, sete concordaram categoricamente que não é necessário ter “religiosidade”, isto é, pertencer a uma instituição religiosa para ter uma fé. Um não respondeu e para o participante ateu a fé dele está em ser ateu.

Eis a fala do ateu:

eu acho que particularmente que descobri o meu ateísmo com quatorze anos, eu fiz dez anos de colégio católico era um externato e eu não me sentia confortável com aquilo eu não acreditava naquilo, eu brigava assim com a freira e dizia, uma coisa assim tão poderosa não pode ser tão consciente, isso não é possível. Eu usava o raciocínio lógico, aí eu fui batizado, primeira comunhão, não fui crismado. Casei que é um sacramento que eles falam não é! E o padre percebeu meu ateísmo. Então pensei que quando o meu pai teve o terceiro infarto seguido, agora eu vou ser religioso de alguma maneira

e nem assim e hoje eu sou muito feliz, muito confortável e minha fé hoje é ser ateu.⁹⁵

João Batista Libanio acredita que em cada pessoa que crê, dorme um ateu.⁹⁶

Ao conviver ao lado de tantos que crêem, o ateu, por sua vez, não deixa de ser interrogado por eles. Ou certas realidades “divinas”, como a vida de um santo, o heroísmo da caridade, a pureza caridosa de uma virgem mártir, a renúncia alegre e livre de muitos seguidores de Cristo, em fim a parábola viva de cristãos, terminam por abalar a não-crença do ateu. Tal realidade vem da estrutura da fé. As condições socioculturais agravam tal tensão, sobretudo a partir da época moderna e contemporânea com as grandes crises do renascimento, da ilustração, do neopositivismo das ciências e técnicas, da primazia da práxis.⁹⁷

Libanio respeita o ateísmo como uma realidade que questiona a estrutura da fé e as formas socioculturais que levam a essa realidade, principalmente no contexto contemporâneo. Um dos participantes do grupo focal assim expressa:

É uma postura diante da vida, você não precisa ter nenhuma religiosidade e ir ao um templo, é como você age no dia-a-dia, é isto que mostra sua ligação com um ser, se é que é um ser se é que são vários seres, não importa. É você saber que faz parte de um plano maior e não importa quem gera tudo isso, é assim que eu vejo.⁹⁸

Esta fala confirma a posição de que para ter fé não é necessário freqüentar uma religião, basta crer em algo superior.

Segundo Libanio, ortodoxos, católicos, protestantes participam da mesma fé cristã ainda que discordem em certos pontos.⁹⁹ Diz ele: “Tendo vivido momentos de mútua excomunhão eclesial, os cristãos das diferentes dominações cristã foram aceitando o nível de fé de seus outros irmãos como fé autêntica, salvífica.”¹⁰⁰

Para Libanio as religiões acolhem a fé como base da sua existência.

⁹⁵ Participante do grupo focal em entrevista citada no dia 25/07/2009.

⁹⁶ João Batista **LIBANIO**, *Eu Creio, nós cremos: tratado da fé*, p.42.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 42.

⁹⁸ Participante do grupo focal no dia 25/07/2009.

⁹⁹ *Ibid.*, 262.

¹⁰⁰ João Batista **LIBANIO**, *Eu Creio, nós cremos: tratado da fé*, p.262.

É importante ressaltar que em nosso país a liberdade de expressão religiosa foi conquistada a tortuosos passos e isso possibilita múltiplas escolhas e vai diminuindo o preconceito estabelecido pela própria sociedade.

Outrora muitas pessoas que seguiam as religiões de matrizes africanas se diziam católicas ou por medo ou por preconceito. Hoje isso é raro. Diz Libânio:

A América Latina fez experiências semelhantes nas camadas letradas e no meio do povo. Surgiram vários movimentos revolucionários em busca da libertação do sistema capitalista, que mantém o povo na dupla dependência das classes burguesas e do capital internacional. No meio popular também nasceram movimentos sociais de cunho libertador.¹⁰¹

Esta conquista na América Latina foi muito importante para a obtenção tanto da liberdade religiosa, quanto para o pluralismo e até mesmo para as diásporas. Por isso, se não houvesse este processo que foi gradual e lento talvez hoje esse conjunto de construção da fé sem o apego religioso poderia ser mais difícil.

¹⁰¹ João Batista **LIBÂNIO**, *Eu Creio, nós cremos: tratado da fé*, p.47.

Gráfico das convergências e divergências								
			Convergências	Divergências	Em que ponto	Total		
MEIO	Possibilidade de ter fé sem necessariamente exercer uma religiosidade *	Participantes						
	GRUPO 1	Carlos	1		Para você rezar não é preciso estar na igreja			
		Cleide			1	É a busca de poder		
		Carla	1			É você saber que você faz parte de um plano maior e não importa quem gera tudo isso		
		Cris	1			Você acredita que há um Deus que está em todo lugar		
		Laércio				Não respondeu		
		GRUPO 2	Flavio	1			A pessoa pode ser ateu e ter fé na natureza, no próximo	
			Claudia	1			Você pode ter religiosidade sem ter fé	
	David				1	A minha fé hoje em dia é ser ateu		
	Marta				1	É algo que está for a da gente, é transcendente		

O gráfico mostra uma convergência majoritária do grupo sem afirmar que a fé não está necessariamente ligada à pertença a uma religião.

3.9- O ceticismo e a fé: é possível ser cético? É possível não ter fé?

1º Grupo Focal:

#

Carla: Eu convivo com pessoas que não acreditam e por conta disso elas até questionam, eu respeito por que é acho que é isso que a gente falou agora, cada um tem o seu tempo. E assim o que eu percebo é que as coisas acontecem de uma forma muito dinâmica então possa ser que as coisas estejam acontecendo de uma forma muito sutil e a pessoa não está percebendo que ali está tendo um milagre ou não seja nem milagre a palavra, mas assim a pessoa vivencia varias situações durante o dia do acordar até o dormir e ela não percebe isso como uma coisa maravilhosamente especial. Então este tipo de pessoa pode acontecer um milagre e ela não vai perceber e isso não vai passar.

Cris: Eu fico triste quando vejo uma pessoa assim, como ela falou por exemplo se a pessoa quando acorda não dá valor nem para o sol, para o passarinho, eu acho que tudo tem um significado. As vezes você está triste e não acredita: aí eu estou com uma dor, um dia desses aconteceu comigo e com o meu marido e a gente estava andando pela rua e caramba que problema! Aí veio uma mocinha com os pezinhos tortos virados ao contrário! Júnior problema, olha só a carinha dela de felicidade e olha só como ela está! Ele na hora se tocou mas tem gente que fala assim: ah cada uma com seu problema.

Cleide: Tem gente que fala assim, se Deus marcou é para ficar de olho.

Cris: Isto me irrita, Eu fico muito triste quando conheço uma pessoa que não acredita em nada.

Carla: Mais isso é ignorância.

#

Cleide: Eu sou uma pessoa que sou até é muito questionada, com as amigas assim e dizem: ah você não acredita em nada. Não é assim, eu tenho a minha crença interna. Eu não acredito em tudo, eu sou uma pessoa que tem várias coisas que eu não acredito mas eu sou uma pessoa que tenho a minha fé interna eu tenho minhas crenças, selecionadas. Tem pessoas que falam ah você não pode nem falar, você é uma pessoa que não acredita em nada, mas não é verdade, mas agora eu acho que existe muita demagogia, isso é uma opinião minha, Eu acho assim você tem a sua religião, eu tenho a minha, cada um tem a sua e que viva bem com a sua e vamos nos respeitar mas tem pessoas que não, só o Deus dele é bom, só o Deus dele que faz milagre, só o Deus dele que é maravilhoso, isso me irrita extremamente.

#

Carlos: Eu inclusive tem um amigo meu que no meu entender ele não acredita em nada e eu venho tentando mudar, Olha fulano, você está reclamando que o céu está encoberto, mas olha amanhã vai abrir o sol e você vai poder curtir, hoje você está com saúde. Então este é o fato que tenho encontrado quase todo dia que realmente me entristece e eu tento mudar, ele é o nuvem negra e eu tendo mudar, você tem que agradecer pelo fato de todo dia você ter acordado, ontem você passou o dia com saúde, hoje você mentaliza que vai estar melhor do que ontem e tem até um amigo meu, que eu falo que tem que agradecer e aí eu falo obrigado senhor, você é do seicho no iê , eu sou do seicho no iê, ah então é.

#

Laércio: Eu assim já fui muito combatido em relação a viver no meio de pessoas que não acreditavam muito na mesma linha de raciocínio que a minha mas com depois com o passar do tempo eu acabei percebendo nas diferenças o que o mundo é, o mundo das diferenças, naquilo que nós somos diferentes é onde que onde realmente acaba existindo este crescimento, a oportunidade de olhar para o outro e ver que ele é diferente o que ele pensa de diferente e é onde realmente que acaba existindo este crescimento, cada um tem o seu tempo.

#

2º Grupo Focal:

#

Claudia: Vou falar uma coisa que quando eu me dei conta eu tomei até um susto. Eu tenho um sobrinho que hoje ele tem quinze anos, a mãe dela era professora de catecismo, meu irmão, a gente fez primeira comunhão, eu era muito carola, muito mesmo, pequena assim, aquela idéia de religiosidade sofrida, eu tinha apego. Meus irmãos não, foram ensinados sobre os dogmas principais da igreja católica, primeira comunhão. Mas meu irmão casou com esta moça que era professora de catecismo, tiveram este filho, ela era professora e engravidou, aí o padre deu uma tesourada nela e ela não voltou mais para a igreja, não podia dar aula de catecismo porque estava grávida, tomou um esculacho, pegou raiva e o meu sobrinho com seis anos de idade, eu entrei no quarto dele e ele disse assim: Cacá, vem aqui que eu quero te mostrar alguma coisa, está passando na televisão um filme de um cara que se chama Jesus, é muito louca a estória dele, ele conversa com o diabo, ele anda na água, e ele disse assim: ele é Jesus, vem ver. Meu Deus, ele tem quase sete anos e a mãe dele nunca disse para o filho que existe Jesus, ele não teve em casa, não teve na escola, mas aos sete anos de idade ele foi ter conhecimento através de um filme que existia Jesus. Uma família preocupada, a minha família não teve preocupação nem de educar, para acreditar nem para desacreditar. Então ele passou ileso até os sete anos de idade e acho que se a família tivesse uma preocupação em passar uma filosofia de ateísmo ou uma ausência de orientação não seria possível porque quando ele se deparasse com isso, preparado para receber aquilo como uma fábula, como também mais ou menos na mesma época eu contei para ele a estória de Adão e Eva, ele perguntou para mim quem era Adão e Eva e eu contei para ele. Ah Felipe, tem gente que acredita que foi Deus, Deus ele sabia quem era, Deus ele sempre soube por causa da mãe dele. Papai do céu e tal. Existe uma história, uma teoria de que o mundo foi criado por que Deus quis e um dia ele criou a Terra, outro dia ele criou a água e em outro dia ele criou o sol e fez os seres humanos e os primeiros seres humanos que ele fez foi Adão e Eva, papai e mamãe de todo mundo. Aí ele perguntou: e os dinossauros, esta história não tem dinossauro. Mas não tem gente que acredita nisso? Tem Felipe, tem gente que acredita nisso. Quer dizer que ele foi criado de um jeito.

#

David: Bem eu achei interessante o ponto que você colocou no ponto de ter uma tabula rasa, na criança, quer dizer que a criança pode eventualmente seguir o caminho. Eu não consigo concordar com isso nunca.

Claudia: Como assim?

David: Bom, por que eu vejo assim olha: A minha esposa, ela era professora de catecismo e então ela chegou para mim e disse: só uma coisa, uma só quando tivermos o nosso filho ele vai ser católico. Mas eu sou ateu! Problema seu, o meu filho vai se católico, ele vai ser batizado e você vai estar lá jogando água na cabeça dele, qualquer coisa você bebe algo antes e vai, mas o meu filho vai ser católico e não admito nenhuma outra religião! Então eu achei interessante isso porque minha esposa é uma mulher de bom senso enorme mas na hora da religião ela é xiita ela é xiita, para ela é catolicismo, tanto é que quando eu falei para ela que no terceiro mês, que homem mente descaradamente. Então eu falei que queria ter filho, casar, ter um monte de coisa, eu sou católico. A religião dela eu seria, não é, mas na verdade eu sou ateu, aí ela disse: menos mal, por que de você eu dou um jeito, agora se você fosse evangélico eu te largava agora.

Flavio:A criança vai seguir com aquilo que foi determinado, só lá na frente, se possível for, se ela tiver uma personalidade, ela vai romper. Tem pessoas que tem bom senso e vêem como a igreja católica é excludente e rompem, e tem pessoas que preferem continuar na mesma.

Marta: Quando o David fala a minha esposa tem bom senso. Só que fé não tem a ver com bom senso, fé não tem a ver com razão, a fé é paixão, e paixão não tem a ver com razão. Você pode enxergar tudo.

Flavio:Você até pode até se apaixonar até mesmo por uma religião racionalmente, olha que coisa bonita,olha que coisa que aconteceu comigo...

#

Flavio: Agora você tem uma religião que as pessoas amarram bomba no corpo e vão matar as outras, isso é racional, você pode ter crescido dentro disso?

#

Marta: Não importa a religião, não importa a religião, o que eu quis dizer é que a fé não tem nada a ver com razão, como por exemplo o preconceito não tem a ver com razão, tem a ver com paixão. Uma pessoa que é preconceituosa você pode argumentar um milhão de horas com ela. Ela vai falar por que o negro é diferente, é diferente por que, isso, isso, isso, por que o gay é diferente, é diferente por causa disso, disso e disso....

E ela continua, e vai continuar dizendo, não. Por que é assim que eu sinto e a gente encontra na sociedade hoje que para mim é complicado que eu acho que a fé não tem nada que ver com a razão porque nós estamos em uma sociedade que desenvolveu muita informação, muito estudo, muita ciência, muito tudo. Você pode ver o que você quiser e ainda assim as pessoas tem crenças que no meu modo de ver são absurdas mas por que? Não adianta você dar um livro para ela entender a história da igreja católica por exemplo que foi visto agora que ela vai continuar tendo fé e não adianta você dizer para ela que o Edir Macedo constrói uma mansão e ela vai continuar tendo fé por que a fé não tem que ver com razão.

David: Eu quero aproveitar o gancho dela. Recentemente eu li um livro que falava da religiosidade no norte da Rondônia. É de um professor da uninove que o mestrado dele foi sobre isso e ele escreveu esta obra. E é uma obra maravilhosa, uma coisa muito gostosa de ler e ele falava assim: Lá, neste local que eu esqueci o nome, se eu não me engano é Val Paraíso, lá em Rondônia. Lá é assim, todos são católicos mas também todos são umbandistas. Então não tem essa, todos os dias antes de sair do trabalho, eles tem um furo da parede e eles escrevem no papel umas coisas assim, como é que vai ser o dia hoje, enrola e coloca lá dentro e passa o cimento em cima e depois no outro dia eles abrem outro furo e fazem a mesma coisa. Todos são assim. E é interessante que eles conseguem conviver, eles saem da doutrina católica e vão tranquilamente para a umbanda. Mas o evangélico não, o evangélico não se permite. Então lá está cheio. São oitenta por cento de católicos e são umbandistas nesta cidade. Mas os vinte por cento dos evangélicos entram em

guerra por causa disso. Então o que eu acho legal disso é que não há razão, não da para analisar que haja razão nisso porque, veja só são varias religiões distintas e o que importa para eles é estar bem.

3.10- Análise da posição do grupo sobre a relação ceticismo e fé

Neste tópico abordaremos a relação entre o ceticismo e a fé. Foi constatado que dos nove participantes estudados, sete tem fé e dois não tem. Um acredita a construção da própria fé a partir de uma educação familiar e o outro participante do grupo é ateu.

Paul Tillich diz que a fé pode conter ambigüidades e até distorções que influem e se instauram no pensamento popular.¹⁰² Diz ele:

em nossa época as ciências contribuíram para que muitas pessoas se afastassem da religião. Por dois motivos precisamos tratá-las mais detalhadamente. Não foi somente o pensamento popular que deturpou o sentido da fé; em última análise, concepções filosóficas e teológicas é que são responsáveis por isso, as quais mesmo em nível mais elevado, igualmente mal entenderam a natureza da fé.¹⁰³

Segundo o participante do grupo focal que é ateu, algumas pessoas, embora tenham um bom senso muito grande em torno das questões relativas ao cotidiano, em se tratando de religião, deixam o racional de lado e a emoção acaba predominando. É interessante notar a sua fala sobre o seu relacionamento com a esposa, que era professora de catecismo.

Ela chegou para mim e disse: só uma coisa, uma só! Quando tivermos o nosso filho ele vai ser católico. Mas eu sou ateu! Problema é seu, o meu filho vai ser católico, ele vai ser batizado e você vai estar lá jogando água na cabeça dele, qualquer coisa você bebe um algo antes e vai, mas o meu filho vai ser católico e não admito nenhuma outra religião! Então eu achei interessante isso porque minha esposa é uma mulher de bom senso enorme mas na hora da religião ela é xiita, ela é xiita, para ela é catolicismo, tanto é que quando eu falei para ela no terceiro mês de namoro, falei que queira ter filho, casar, ter um monte de coisa, falei até que quer era católico. A religião dela eu seria, não é, mas na verdade eu sou ateu! E aí ela disse: menos mal,

¹⁰² Paul TILLICH, *Dinâmica da fé*, p.24.

¹⁰³ *Ibid.*, p.24.

porque de você eu dou um jeito, agora se você fosse evangélico eu te largava agora.¹⁰⁴

Está claro que pelo menos atualmente pessoas de religiões e credos diferentes e até menos céticos e ateus podem conviver e construir relacionamentos.

Hoje temos a nossa liberdade de escolha, nossos caminhos de crê ou de não crer. .

Libanio acredita que exista um paradoxo nessa liberdade. Para ele, de um lado, o ser humano é responsável e livre. Todas as respostas são pessoais e passam pela liberdade. Mas Libanio pondera:

A liberdade está orientada para relacionar-se com Deus de tal modo que rejeitar tal relação é frustrar a liberdade. Segue-se que a liberdade humana é autônoma e não é autônoma. É autônoma no sentido de que só ela pode, em última instância, responder a Deus. Ninguém pode substituí-la em sua relação pessoal com Deus e com os outros. É, portanto, responsável pela resposta que dá. Por outro lado, não é autônoma no sentido etimológico do termo: auto(de si) +nomos (lei) . Ela não é a lei de si mesma. Ela não se dá sua própria norma. É criada.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Participante do grupo focal em entrevista citada no dia 25/07/2009.

¹⁰⁵ João **LIBANIO**, *Eu Creio, nós cremos: tratado da fé*, p.194.

Grupo das conquistas e divergências		Participantes	Convergências	Divergências	Em que ponto	Total	
MEIO	É possível ser cético? É possível não ter fé?						
	GRUPO1	Carlos	1		Eu sempre agradeço por tudo a Deus		
		Cleide	1		Não acredito em várias coisas mas eu tenho a minha fé		
		Carla	1		As pessoas que não acreditam em milagre, e se acontecerem com elas, elas não iram perceber		
		Cris	1		Eu fico muito triste com aquela pessoa que não acredita em nada		
		Laércio			1	Cada um tem o seu tempo	
		GRUPO 2	Flavio			1	A criação pode interferir de certa forma
	Claudia				1	A minha família de uma educação nem para acreditar e nem para desacreditar	
	David				1	O que importa para pessoa é estar bem, independente da religião	
	Marta		1			A fé não tem nada haver com razão, tem haver com paixão	

O gráfico dá a perceber uma certa convergência em negar a possibilidade do ceticismo ou de uma postura sem fé (cinco manifestações). Entretanto quatro parecem admitir a possibilidade do ceticismo e até a ausência da fé.

3.11 A fé e o efeito placebo

1° Grupo Focal:

#

Carla: É estar aberto, é acreditar, querer e se curar porque na verdade a doença é uma...a doença é um nome pesado. Mas é uma forma que você criou para trabalhar algumas coisas. Então quando você está aberto para mudar este ponto você aceita, você aceita. O placebo vem para provar isso.

Cleide: Eu acho que ele faz efeito.

Carlos: Minha mãe aconteceu isso...

Cleide: A minha mãe também.

#

Carla: entra a fé, o merecimento...

Carlos: é entra a fé...

Carlos: à minha mãe e à mãe dela era um comprimido de açúcar que a gente dava, toma que você vai ficar boa.

Laércio: Não necessariamente a fé...

#

Laércio: A gente vê já em hospitais que isso é uma coisa recente, grupos de meditação, então a pessoa vai fazer uma meditação, e como é feita a meditação? Vai acalmar a mente, vai direcionar, percorrer o corpo, induzindo a um pensamento

positivo e este pensamento positivo pode gerar a cura, então não necessariamente ela tem que ter a fé na cura, é trabalhar o seu próprio pensamento.

Cleide: Nem todas, mais ajuda, porque minha mãe era assim, ela dizia: olha eu estou com uma dor, uma dor! E eu já havia dado o remédio e dizia, meu Deus e fingia mesmo. Mãe eu vou telefonar para o médico e vou ver o que ele pede para ver o que a senhora pode tomar! Então eu ligava, fingia que ligava e dava e pegava alguma coisa e dava o comprimido para ela e ela ficava e tomava e aí ela gostava muito de médico.

#

Cleide: aí passou filha, que remédio é este?

Carlos: Esse é bom!

Carla: Ótimo!

Cleide: Então eu acredito muito no efeito placebo porque eu tenho experiência própria do que ele fazia, lógico que não para uma doença em que a pessoa está em estado terminal, mas uma dor, talvez psicológico.

Cris: Mas também qual era a diferença? Ela era carente, era o psicológico dela...

Cleide: era carente...

Laércio: era o psicológico dela, veja as pessoas que são auto, hipnotizadas, que são hipnotizadas, e elas acreditam naquilo!

Cleide: São pessoas que estão abertas para aquilo, eu sou uma pessoa que até hoje ninguém conseguiu me hipnotizar!

#

Laércio: Sim, toma este remédio aqui que você vai ficar bom, eu vou tomar um remédio e vou ficar bom...

Cris: A minha mãe toma se pestanejar....

Carla: Sem pestanejar não, eu vou ler a bula...

Cleide: eu diria, imagine que isso vai me curar, isso é uma porcaria....

Carla: O que eu percebo cada vez mais é por exemplo, diferente dele eu não estou em um estágio que se eu tiver uma dor de cabeça respirando melhora. Dor de cabeça é uma coisa que me aborrece!

#

Carla: Eu vou tomar uma neosaldina. Mas o que eu percebo é que uma pessoa que está no hospital sem saber e que estiver tomando o medicamento placebo e estiver ao lado conduzindo outras coisas, ela vai estar mais receptiva pois o que faz a diferença é a pessoa acreditar que ela está sendo tratada.

#

2° Grupo Focal:

#

Claudia: Aí é o que a Marta falava, o fato de você ter fé que aquele comprimido vai ter fazer bem, você toma, não importa! Você não tem fé em Deus, você tem fé no comprimido mas o fato de você ter a crença que ao ingerir o comprimido você teria a cura e você obtém ingerindo um comprimido de farinha é o exercício da fé.

David: Como é que chama aquela pílula do cara de Guaratinguetá, Frei Galvão? A minha mãe vai para lá que a minha madrinha mora lá e quando eles vão, eles trazem esta pílula para todo mundo. Está curando todo mundo. Até a minha cachorra foi curada com esta pílula aí.

#.

Claudia: Mas as pessoas abrem e lêem o que está escrito e depois tomam?

Flavio: Você ingere aquilo!

David: Mas eu gosto muito do Humberto Eco. Eu sou muito fã do Humberto Eco, ele escreve muito bem, o último que ele tem o Baldolino, se eu não me engano, eu já li tudo, em nome da rosa, ilha do não sei lá e neste livro ele explica de onde surgiu essa história das pílulas que cabeça desse São João Batista tinha milhares por aí e eu achei aquilo, as relíquias, e as pessoas acreditavam piamente naquilo, as pessoas tinham que tocar naquilo, aí eu participei disso nesse livro.

#

Claudia: Não, eu dizia o contrário! No caso dessas claritianas, o que me parece é que não é só a sua fé, depende também de uma ação de uma outra pessoa que tem fé. Como vocês estão dizendo porque se ela escreve uma oração e depois lhe dá, existe uma interferência dela, existe uma mediação, mas esta estória de um outro interferir, de a fé dele interferir em você?

Claudia: Mas vocês acham que é possível a energia da pessoa, energia não, eu já estou colocando uma palavra minha, que a fé do outro, aquela parada, vocês acham que rola?

Flavio: Eu não acho que é a fé do outro, é a energia!

Marta: Não, eu acho que faz parte da tua fé também.

Flavio: É, se você não acreditar ao receber...

Marta: A pílula é boa porque alguém acredita naquilo

Claudia: Vocês não acham que as pessoas potencializam as pílulas...

Marta: Aí eu concordo com você, porque eu acredito em energia, não tem a ver com religião, tem a ver com pensamento. Eu acredito em pensamento

Claudia: Mas vocês acham que a história de fé tem a ver com isso, assim?

Flavio: A fé do outro não vai somar, com a sua.

Marta: A fé do outro traz energia para o outro que vai passar boa energia para você. Aí é outra estória, tem haver com crença

#

Flavio: Exato, a função é a mesma, a pessoa que dá o passe é a mesma que a pílula.

#

Marta: Mas existem uns clássicos de cura pela crença e logo entrar em uma religião, acontece muito em hospitais, a pessoa não está bem, ela está passando por uma situação de doença grave, vem um evangélico, é mais evangélico que tem aquilo de arrebanhar, eles vão no hospital e a pessoa começa a ter fé, poderia ser um padre mais foi um evangélico e ela vai melhorar por conta daquilo que a gente já conversou e ela vai melhorar, é uma melhorar não apenas pelo processo químico da fé, mas das atitudes, aquilo que o Flavio falou, ou você por exemplo começa, você está desgostoso, você nem toma remédio na hora certa mas se você fala: eu vou melhorar, você toma remédio na hora certa, você vai seguir o que o médico falou, envolve o processo químico da crença e aí você pega e se cura, melhora, não estava nem nas últimas mas você se cura, você melhora e fica bom. Você vai creditar isso naquela religião, mas você vai passar seguir aquela religião porque você acha que foi aquela religião que te curou, quando na verdade quem te curou foi você mesmo.

#

Flavio: Exatamente, é onde a igreja evangélica está trabalhando, arrebatando, é presídios, hospitais, aquelas pessoas fragilizadas, e é onde eles falam, não eu vou melhorar a sua vida. Se vai acreditar. E melhora. Então o cara no presídio que só tem trafico, bebida e ele vai para uma que o pessoal fica rezando o dia inteiro, não vai melhorar?

Todos: Claro que vai melhorar

David: Tem uma frase, me permitam, eu sou um leitor voraz de Dostoievisk eu acho que para mim ele é um grande escritor do mundo, Irmãos Karamazovisk eu li com 13 anos de idade e tem uma frase que dizia assim: Sem deus, tudo seria possível. Mas é negativa esta frase, mas para muita gente deus é necessário porque se não o mal provavelmente corromperia o mundo todo, então...

#

David: Função social claramente, então as pessoas dos presídios, os meus queridos alunos na estupenda uninove, eles precisam e eu neste momento eu desvinculo e falo, eu tiro todo o meu ateísmo e falo graças a Deus. Isso é correto, deixa eles acreditarem, eles precisam, tem gente que precisa e precisa muito disso, não dá, para nós chegarmos a este nível aqui, é um nível de cultura que tem que estudar, tem que ler, hoje eu sou muito ateu, porque eu li e me dediquei muito no ateísmo, até chegar o ponto de dizer, vocês são todos bobos, não tem nada por aí, mas eu não acho que as pessoas não precisam ter este alto nível de cultura, eu acho que as pessoas tem que viver bem, ser feliz com o que ela tem. E essa felicidade vem de onde, pode vir de Deus e esta pessoa precisa daquela religião, e a religião mais legal hoje para as pessoas é a evangélica, é a protestante, ela é uma religião muito legal

#

3.12-Análise da posição do grupo sobre a fé e o efeito placebo

A questão que parece perpassar a discussão do grupo é se o placebo pode curar independente de uma fé, ainda que não seja o acreditar em um ser transcendente.

Eis o que diz um participante que dava a pílula de açúcar para a sua mãe:

minha mãe era assim, ela dizia: olha eu estou com uma dor, uma dor! E eu já havia dado o remédio e dizia, meu Deus eu fingia mesmo. E falava: Mãe eu vou telefonar para o medico para ver o que pede para vê o que a senhora pode tomar! Então ligava, fingia que ligava e dava o comprimido para ela e ela tomava e aí ela gostava muito de médico. Então eu acredito muito no efeito placebo porque eu tenho experiência própria do que ela fazia, lógico que não para uma doença em que a pessoa está em estado terminal, mas uma dor, talvez psicológico.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Participante do grupo focal em entrevista citada no dia 25/07/2009.

Vemos um caso prático em que a participante do grupo dava pílulas de farinha para sua mãe e constatava que a pílula funcionava. É bom lembrar esta posição de Fish ao trabalhar aspectos do efeito placebo:

Quando um médico se vê obrigado a receitar aspirina, seria aconselhável que, antes de prescrever o medicamento, ele por acaso escrevesse ao lado da receita: “Este medicamento é realmente eficaz”. E então, o paciente ao receber o mesmo da farmácia, leria no rótulo, o nome do médico e a indicação: “Tome dois comprimidos para dor de cabeça”. Muito embora pessoas acreditem que a aspirina seja um poderoso medicamento, um procedimento semelhante poderia desenvolver a fé do paciente no médico, nas pílulas e no ritual de cura, conforme pratica-se em nossa cultura.¹⁰⁷

O respeito pela origem do placebo é realmente um dos mais importantes fatos da sua eficiência. Fish diz que alguns autores se sentem muito impressionados com as qualidades das pessoas que curam pela fé. Isso quer dizer da capacidade de convencimento que alguns profissionais tem para que o paciente realmente acredite que pode se curar.¹⁰⁸

Para Fish o placebo não se reduz apenas às pílulas de farinha mas existem outros caminhos que podem ser fundamentais para a cura do paciente. Uma dessas ferramentas seria a transferência. Diz ele:

Não obstante o respeito à origem do placebo seja ele humano ou sob a forma da palavra escrita, é fator importante para sua eficácia. Assim, quando os físicos dizem que o Homem não pode voar e os mecânicos de bicicletas se propõem a construir uma máquina voadora a tendência natural das pessoas é acreditar nos primeiros. Da mesma forma, se um grupo de astrônomos de renome internacional afirmasse que a terra tem duas luas hemisféricas, o que equivaleria simplesmente a uma órbita esférica quando as duas luas fossem vistas simultaneamente, possivelmente todos nós mudaríamos nossas opiniões sobre astronomia, da noite para o dia. Se um carpinteiro fizesse a mesma afirmação, ele seria considerado lunático.¹⁰⁹

Isso quer dizer que a sugestão é algo muito importante para o efeito positivo do placebo, e o que vai construir este padrão para a cura é que o paciente acredite no que está sendo falado.

¹⁰⁷ Jefferson Morris **FISH**, *Placebo terapia: a fé no processo de cura*, p. 21.

¹⁰⁸ Jefferson Morris **FISH**, *Placebo terapia: a fé no processo de cura*, p. 23.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 23.

Grupo das convergências e divergências		Participantes	Convergências	Divergências	Em que ponto	Total	
MEIO	A fé e o efeito placebo: O placebo pode curar independente da fé?		O placebo depende da fé	Não depende da fé			
	GRUPO1	Carlos			1	Dava um comprimido de açúcar para minha mãe	
		Cleide	1			Eu acredito muito no efeito placebo pois tenho experiência própria	
		Carla	1			É estar aberto, é acreditar	
		Cris				não respondeu	
		Laércio	1			A meditação induz a um pensamento positivo e este pensamento pode gerar a cura	
		GRUPO 2	Flavio	1			A pessoa que dá o passe tem a mesma função da pílula
	Claudia		1			Você não tem fé em Deus, tem fé no comprimido	
	David				1	Até minha cachorra já foi curada pelas pílulas de Frei Galvão	
	Marta		1			A pílula é boa, porque alguém acredita naquilo	

Pelo gráfico, parece (as falas são um tanto ambíguas) que dois admitem que o placebo pode curar sem o ingrediente da fé. A maioria admite a necessidade da presença de uma fé no uso do placebo, mesmo que essa fé não religue a um ser transcendente. Uma ação natural (passe) ou uma meditação podem ser formas de fé implícita que dão consistência ao efeito do placebo. Assim, essa maioria, sem o saber, concorda com a posição de Fish.

Finalizando este capítulo, podemos concluir que a dinâmica e as manifestações do grupo focal foram pertinentes para esclarecer algumas relações que são relevantes para o nosso objeto. Os participantes, na heterogenia que os caracteriza com relação a sua vivência religiosa, trouxeram contribuições pertinentes para se perceber a fé na sociedade contemporânea, a possibilidade de ter fé independente da pertença a uma religião. Manifestaram-se também sobre o ceticismo e a ausência da fé, assim como sobre a relação entre fé e placebo.

Muito pouco foi dito sobre a relação fé, placebo e as pílulas de Frei Galvão. Os gráficos mostram as principais convergências do grupo: a fé na sociedade contemporânea pode favorecer o processo de cura. A não necessidade de uma pertença a uma religião para ter fé; e, enfim, que o placebo quase sempre surte efeito quando nele está presente a fé ainda que não seja um acreditar implícito em um ser transcendente, confirmando, neste aspecto, a posição de Fish.

CAPÍTULO IV-AS PÍLULAS DE FREI GALVÃO: CURA PELA FÉ OU EFEITO PLACEBO?

Este capítulo tem como finalidade abordar o sentido de placebo, e seus efeitos. Apontar a possível relação entre a fé e o efeito placebo. E buscar a resposta para indagação: as curas atribuídas às pílulas de Frei Galvão acontecem pela fé do usuário, seriam apenas um efeito placebo, ou estariam presentes o efeito placebo e o fator fé?

4.1- O que é Placebo

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra placebo deriva do latim, do verbo “placere”, que significa “agradar”.

Pode-se dizer que o placebo é qualquer tipo de tratamento que não tem ação específica nas doenças ou sintomas do paciente, mas, de qualquer forma, pode causar um efeito no paciente.

O placebo é sempre um tratamento não nocivo. Por efeito placebo entende-se o resultado que acontece a partir da aplicação de um placebo.

Nas experiências para avaliar os resultados de um remédio universal é aplicado um placebo para um grupo de pacientes. Depois, os resultados são comparados por outro grupo que recebe a medicação ativa. Quanto maior a diferença nos resultados entre o grupo que recebe medicação ativa e o grupo que recebe o placebo, maior será a eficácia farmacológica da substância que está sendo estudada.

Renato Sabbatini, e Julio Rocha do Amaral, especialistas em Neurofisiologia do Comportamento pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, no artigo sobre o efeito placebo, diz que nestes estudos os placebos tinham muito mais efeitos sobre a doença estudada do que poderia se esperar.

Em alguns casos, os efeitos colaterais (indesejados) dos placebos chegavam a ultrapassar os do medicamento ativo... Em consequência, houve um aumento grande nas pesquisas científicas com a finalidade de esclarecer melhor o que é esse efeito, porque ocorre, qual a sua base fisiológica, etc. O efeito placebo pode ser útil na prática clínica. Isso é inclusive permitido pelo código de ética médica.¹¹⁰

¹¹⁰ Renato M. E. **SABBATINI**, Julio Rocha do **AMARAL**, *Efeito Placebo:O poder das pílulas de açúcar*. p. 2.

4.2- Tipos de Placebos

Segundo Renato Sabbatini Julio Rocha do Amaral, os placebos são classificados de duas formas: os placebos ativos e os inertes.

Placebos ativos são aqueles que têm ação própria sobre o paciente, embora, às vezes, não sejam específico para a doença para a qual estão sendo administrados.

Placebos inertes são medicamentos carecidos de qualquer influência farmacológica ou cirúrgica.

Para Sabbatini e Amaral os placebos têm efeito positivo quando o paciente relata alguma melhora e efeito negativo quando eles demonstram que houve piora ou surgimento de algum tipo de efeito colateral desagradável.

Neste caso o placebo é chamado de Nocebo, palavra que deriva do latim nocere, ou provocar dano. Uma conclusão interessante é a seguinte: toda medicação administrada, além do seu efeito real farmacológico, tem também um efeito placebo, e eles dificilmente podem ser separados um do outro. ¹¹¹

A pergunta que podemos levantar é de que forma surge o efeito placebo?

Será que esta ação é feita a partir de um estado mental do próprio paciente ou um efeito orgânico?

Muitas pesquisas são feitas e existem muitas teorias a respeito mais nenhum fato pôde ser comprovado com exatidão. Sabbatini e Amaral seguem a corrente mais provável que é do reflexo condicionado. Esta corrente segue a teoria do fisiologista russo Ivan Pavlov, que é premio Nobel de Medicina. Ele parte do pressuposto que o efeito placebo surge do organismo do próprio paciente a partir dos reflexos condicionados.

Segundo a teoria de Pavlov, podemos compreender o funcionamento do sistema nervoso como dependente de reflexos, ou seja, respostas a estímulos provenientes do meio externo ou do interno. Um estímulo sensorial, venha de dentro ou de fora do organismo, atinge um receptor e provoca modificação das condições orgânicas e, em consequência, uma resposta que pode ser motora, secretora ou vegetativa. ¹¹²

Desta forma, existem dois tipos de reflexos condicionados. Pavlov relata que, segundo a sua teoria, o funcionamento do sistema nervoso sempre depende de

¹¹¹ *Ibid.*, p.3.

¹¹² Renato M. E. **SABBATINI**, Julio Rocha do **AMARAL**, *Efeito Placebo:O poder das pílulas de açúcar*. P.2.

reflexos, ou seja, de estímulos provenientes do meio externo ou do meio interno. E explica a dinâmica de fixação desses reflexos:

Os reflexos condicionados são aqueles que os animais adquirem durante suas vidas, ou ontogênese. Eles são um dos tipos de aprendizado do que o sistema nervoso é capaz. À medida que determinados estímulos ambientais vão agindo sobre eles, suscitam respostas condicionadas a esses estímulos. Logicamente, para que essas respostas condicionadas surjam, elas têm que se basear em respostas incondicionadas. No experimento clássico de Pavlov, tocar o sino não causava nenhuma salivação no cão, mas depois de lhe apresentar o sino repetidamente em conjunto com o estímulo incondicionado (a comida), o cão começou a salivar em resposta ao sino, apenas.¹¹³

Pavlov assim define o reflexo condicionado do cão como:

“Uma conexão nervosa temporária entre um dos inumeráveis fatores do ambiente e uma atividade bem determinada do organismo”.¹¹⁴

Isto quer dizer que o reflexo é uma conexão temporária entre um estímulo qualquer do meio ambiente e uma reação do próprio organismo, que, desta forma, passa a ser condicionado por um fator de origem ao estímulo ambiental que era primeiramente diferente.

É importante termos em mente que a teoria de Pavlov contribuiu de forma significativa para o avanço das experiências de efeito placebo. Mas o reflexo condicionado de Pavlov deixa em aberto esta questão: um processo de cura que envolve a fé pode ter uma relação com o placebo e seu efeito?

Billy Graham e Oral Roberts desenvolveram pesquisas tratando deste assunto.

Uma das pesquisas consiste em um caso hipotético:

Um homem deprimido que se sente inútil e considera sua vida desprovida de um significado e um certo dia vai ouvir seu líder espiritual. De repente, ele, juntamente com outras pessoas na platéia, descobre Deus, vê um novo sentido para a sua vida e sua existência foi transformada integralmente. Ou então ele vai ao consultório de um psicanalista, deita-se no divã e se levanta 5 anos mais tarde, ainda deprimido e certo de que fora sua mãe quem o deixou naquele estado.¹¹⁵

¹¹³ *Ibid.*, p.2.

¹¹⁴ *Ibid.*, p.2.

¹¹⁵ **GRAHAN** e **ROBERTS**, *apud* Jefferson Morris **FISH**, *Placebo Terapia: a fé no processo de cura*. p.19-20.

A pergunta que Granham e Roberts fazem é a seguinte: qual dos dois é o melhor terapeuta? Granham e Roberts acreditam que a cura pode ser creditada através da própria fé.

O agente curativo é a própria fé e não Deus. Em outras palavras, o agente curativo é a própria fé e não um ser transcendente. E se assim for, a psicologia poderá contribuir significativamente para o refinamento e aplicação da cura pela fé.¹¹⁶

Cumprir observar que a posição desses dois autores suscita esta questão: a fé que cura é sempre fé em algum ser transcendente. E Deus age sempre pelas causas segundas. Portanto, a cura pela fé tem sempre por trás o próprio Deus ou algum ser intermediário que age como instrumento dele.

4.3 O estudo do Placebo

O uso do placebo não é de hoje. Já há notícia dele em sociedades muito antigas. A partir do momento em que a ciência foi se aprimorando e os medicamentos se tornando mais efetivos, o uso do placebo começou a interessar algumas comunidades científicas.¹¹⁷

Estudos começaram a ser elaborados sobre o placebo, a sociedade médica passou a fazer testes controlados com o intuito de desenvolver uma metodologia científica podendo assim determinar ou não a eficácia deste tipo de tratamento.¹¹⁸ Sobre o placebo é importante ressaltar que existem vários tipos de estudos:

Existem quatro tipos diferentes de estudos com medicações: abertos (sem grupo controle), de comparação (no qual uma das medicações é de eficácia comprovada), de comparação medicação versus placebo e estudos de retirada de medicações.¹¹⁹

Existem estudos de novas medicações que são traçados em dois momentos: no primeiro momento, o novo medicamento é comparado com o placebo e, no segundo momento, o mesmo é comparado com outro medicamento de ação similar.

¹¹⁶ Ibid, p.19.

¹¹⁷ Danilo Assis PEREIRA, Carolina FARNESE, *Efeito placebo, efeito Nocebo e psicoterapia: correlações entre os seus fundamentos*, p.71.

¹¹⁸ Ibid., p.71.

¹¹⁹ GATTAZ, W.F; ELKIS Hélio, *Algumas recomendações para o estudo do placebo*. p.71

Em geral, estes grupos são constituídos de forma aleatória. Dois grupos têm relação com o mesmo tipo de doença na qual se deseja intervir. Em um grupo é feita a intervenção, e em outro grupo, a intervenção com medicamento é feita de forma simulada, com o placebo. Depois que um dos grupos recebe o medicamento e o outro recebe o placebo, é feita a comparação dos resultados.¹²⁰

Tal procedimento pretende demonstrar que quanto maior a diferença dos resultados entre o segundo e o primeiro grupo, maior eficácia farmacológica da substância em estudo. Demonstrando uma superioridade do novo medicamento em relação ao placebo, seguidamente esta medicação é comparada a um outro fármaco, anteriormente comprovado como eficiente no mesmo objetivo. Tal procedimento confirmará ou não, a eficácia da nova medicação para o resultado a que se pretende.¹²¹

Fica claro que o grupo que ingeriu o placebo também pode ter alguma mudança, podendo até melhorar a confiança do paciente ou os seus sintomas.

Uma das coisas importantes para que o tratamento do placebo seja mais eficaz é a forma de reciprocidade entre o médico e o paciente. Um paciente pode se sentir melhor apenas pelo fato de estar sendo atendido, de estar sendo ouvido e compreendido, em uma relação de entrega.¹²²

Em 1988, algumas pesquisas foram feitas em pacientes que tinham asma. Eles inalavam um vapor composto de substâncias para produzir alergias. Sendo assim, a asma piorava pois os seus pulmões se contraíam e eles tinham mais dificuldades para respirar. Quando era apresentado o mesmo tipo de gás e os médicos diziam que continha medicamento para asma, mas era placebo, os pacientes respiravam com facilidade.¹²³

Segundo Gerhardt que estuda os efeitos do placebo, existem três sintomas nos quais o placebo já foi avaliado:

¹²⁰ Carolina **FARNESE**; Danilo Assis **PEREIRA**, *Efeito placebo, efeito Nocebo e psicoterapia: correlações entre os seus fundamentos*, p.71.

¹²¹ *Ibid.*, p.71,72.

¹²² L. G. **BENETTON**. Apud. Carolina **FARNESE**, Danilo Assis **PEREIRA**, op. cit. p. 74.

¹²³ Carolina **FARNESE**, Danilo Assis **PEREIRA** *Efeito placebo, efeito Nocebo e psicoterapia: correlações entre os seus fundamentos*, p75.

Este procedimento foi constatado como sendo eficaz para dor, depressão e mal de parkison. As três desordens estão associadas à disfunção de neurotransmissores no sistema nervoso central, e foi detectado que a liberação destes é um mecanismo comum do efeito placebo em tais condições.¹²⁴

4.4 Administração da cura

Para se ter um processo de cura é importante que o paciente estabeleça uma relação amigável com o ambiente em que ele esteja. Este método é usado quando encontramos um terapeuta que trabalhe com placebo e um paciente.¹²⁵ Neste caso, podemos notar que a partir de determinado modelo experimental existem impactos clínicos de expectativas positivas ou negativas:

Diversos estudos têm mostrado que um mesmo tratamento mostra-se mais efetivo quando é revelado do que quando é ocultado ao paciente, indicando que a expectativa positiva (efeito psicológico) desempenha um papel crucial no desfecho do tratamento. Considerando que o desfecho clínico secundário a um tratamento não revelado representa o efeito específico do tratamento em si, livre de qualquer contaminação psicológica, o resultado de um tratamento revelado representa a somatória dos efeitos específico e psicológico.¹²⁶

Neste sentido, existem resultados positivos que, usando importantes mecanismos psicológicos, acabam modulando o efeito placebo, e os pacientes acabam tendo significativas melhoras.¹²⁷

Em 2002, Pollo e Torre estudaram a influência das probabilidades positivas e negativas na melhora motora em pacientes portadores da doença do mal de Parkinson que tinham implantado eletrodos no núcleo subtalâmico (NST)¹²⁸ para a estimulação cerebral extremamente profunda. Este é um tratamento paliativo para os

¹²⁴ I. GERHARDT, *Efeito placebo: mistério desvendado*, p75.

¹²⁵ Jefferson Morris FISH. *Placebo Terapia: A fé no processo de cura*, p.69.

¹²⁶ Marcus Zulian TEIXEIRA. *Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico paciente*, p 4.

¹²⁷ Ibid, p.4.

¹²⁸ São áreas associadas que controlam possivelmente os movimentos da marcha e outros tipos de mobilidade do corpo.

sintomas motores da doença como rigidez muscular, lentidão dos músculos e tremor.¹²⁹

Quando eles empregaram um analisador de movimentos, acabaram avaliando o efeito da estimulação subtalâmica sobre a velocidade da mão direita, e desta forma foi observado uma maior rapidez dos movimentos quando a estimulação foi acompanhada de probabilidade positiva de melhora (efeito placebo).¹³⁰

Muitas pesquisas estão sendo feitas dentro do âmbito médico mundial e está claro que:

Em vista do crescente número de pesquisas que atestam a existência e a dinâmica do fenômeno placebo-nocebo, a classe médica começa a ter acesso a evidências científicas que justificam a incorporação de atitudes humanizadas na relação com seus pacientes, a fim de incrementar a eficácia dos tratamentos convencionais com esta terapêutica psiconeurofisiológica.¹³¹

Neste sentido podemos entender que a comunidade científica está cada vez mais aberta criando novas possibilidades quando se trata da própria experiência com placebo. Muitos estudos de psiquiatras com o placebo indicam que as respostas são positivas. Na depressão, a maior resposta fica em torno de 65% e na esquizofrenia crônica, pode variar em torno de 20% a 50%.¹³²

4.5 A psicologia e o placebo

Sobre esse aspecto, é relevante a informação de Fish de que existem linhas dentro da psicologia que trabalham com o placebo. Isso quer dizer que o placebo não está mais só no âmbito da medicina mas que de certa forma ele ultrapassou algumas barreiras para que até mesmo psicólogos possam usar esta pílula de farinha em seu dia-a-dia para auxiliar os seus pacientes. Conforme Fish esclarece em seu livro, a

¹²⁹ A. POLLO, E. TORRE, L. LOPIANO, M. RIZZONE, M. LANOTTE, A. CAVANNA, A. *Expectation modulates the response to subthalamic nucleus stimulation in parkinsonian patients. Neuroreport*. P. 14.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 14.

¹³¹ ¹³¹ Marcus Zulian TEIXEIRA. *Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico paciente*, p 5.

¹³² F.M. QUITKIN, Apud Marcus Zulian TEIXEIRA, op. cit. p. 5.

terapia do placebo não pode ser considerada uma nova escola . Ele estabelece duas conotações principais:

A primeira refere-se, de modo amplo, a todas as formas de interação humana, especialmente à psicoterapia, em termos de processos de influência social. Deste ponto de vista, os elementos psicológicos envolvidos no feito medicamentoso do placebo são um caso especial de forças muito mais amplas que afetam virtualmente todos os aspectos de nossa existência social. Uso também terapia placebo para me referir a um método de conduzir a psicoterapia, baseado em princípios da influencia social. Este método é baseado nas crenças dos pacientes.¹³³

Para este processo ser efetivado é importante que o psicólogo faça uma investigação do paciente, levantando o problema e avaliando assim as crenças deste paciente.

Mais do que um animal que ri, o homem é um animal que crê. Ele se mantém em pé apoiando em algum tipo de crença: em Deus, na ciência, na humanidade, em si mesmo, no seu partido político, na sua cosmovisão , na sua família, em seus amigos, nos princípios de sobrevivência.¹³⁴

É dentro deste universo do homem que Morris Fish mostra uma relação com os seus pacientes para estabelecer uma cura através da placebo terapia. Muitas vezes a fé é usada como ferramenta para a construção da cura deste paciente, como veremos mais detalhadamente no item 4.9.

O contato com o paciente funciona da seguinte forma:

Existe uma fase de contato terapêutico que se constitui na base de uma relação de trabalho entre os dois, com vistas a certos objetivos. A partir deste ponto está o terapeuta em condições de estabelecer um sistema de comunicação que visa ativar um poderoso conjunto de crenças do paciente (sua fé), para mudar outro conjunto de crenças (seus problemas). O ritual de cura, a transformação comportamental e cognitiva e a manutenção da cura, são as fases seguintes.¹³⁵

Segundo Fish, os processos que se iniciam em psicoterapia são parecidos aos que se passam nos processos de cura pela fé. Fish acredita que em se admitindo que a fé está em todo os lugares, podemos admitir que as circunstâncias em que ela se manifesta estão fartamente presentes em nossa vida cotidiana.¹³⁶

¹³³ Jefferson Morris **FISH**. *Placebo Terapia: A fé no processo de cura*, p 8.

¹³⁴ *Ibid.*, p.8.

¹³⁵ *Ibid.*, p.8.

¹³⁶ *Ibid.*, p.21.

Fish aborda situações em que a própria fé pode ser invocada com o fim de melhorar ou curar o sofrimento humano dentro de uma natureza psicológica.

Fish acredita que o terapeuta precisa dispor de formação de forma precisa e suficiente para montar um conjunto eficaz de comunicação por placebos.

Essa comunicação visa ativar um poderoso conjunto de crenças no paciente (sua fé), para mudar outro conjunto de crenças (seus problemas). A terapia por intermédio do uso de placebos pode, assim, ser vista como uma forma espiritual de judô na qual o terapeuta faz uso do poder da fé do próprio paciente, para forçá-lo a ter uma experiência de conversão.¹³⁷

Assim o terapeuta vai estabelecer um vínculo de confiança e poderá usar o processo com o uso de placebo para chegar à cura desejada. O processo de cura funciona da seguinte forma:

A partir do momento em que o terapeuta tenha criado o placebo, ele pode dar início ao tratamento para chegar à cura. O terapeuta apresenta esse ritual em duas partes: (1) Se você fizer X, então (2) você estará curado. A primeira parte do ritual é dizer ao paciente (de forma racionalmente compreensível) que uma coisa que ele tem condição de fazer é superar o seu problema.¹³⁸

Se o paciente acreditar no terapeuta, com certeza o processo de cura será efetivado.

4.6 Conselhos para o uso do placebo

O estudo do placebo se tornou uma necessidade devido aos resultados positivos que ele proporciona dentro de uma linha de estudos em pacientes com vários tipos de doença. Quando é feito um tratamento padrão e este tratamento não se mostrou melhor que o placebo, é preciso cautela. Os resultados dessa pesquisa devem ser analisados para saber se realmente o medicamento teve a sua utilidade.

Alguns exemplos para termos base neste sentido: Um exemplo foi o do estudo multicêntrico que comparou divalproex, um medicamento, lítio e placebo em pacientes bipolares tipo I, no qual, após 12 meses de tratamento, não foi encontrada diferença significativa entre os grupos. Os autores julgaram que vários fatores influenciaram o resultado: seleção de pacientes menos graves, ambiente terapêutico estruturado, elevado apoio e atenção da

¹³⁷ Jefferson Morris **FISH**. *Placebo Terapia: A fé no processo de cura*, p32.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 33.

equipe e informação educacional sobre o transtorno bipolar. Esses fatores, entre outros aspectos, favorecem boa resposta para o grupo placebo.¹³⁹

Desta forma é importante termos em mente que o tratamento médico e o placebo devem ser bem pontuados para que os resultados não fiquem confusos e a pesquisa possa ser concluída com maior exatidão.

Trabalhando o ponto de vista ético para o uso do placebo está claro que o modelo de controle de medicamentos prescritos passou por um processo de transição e o placebo pode contribuir com isso. A versão de 1964 da Declaração de Helsinki, adotada pela Associação Médica Mundial, que afirmava: em todo estudo médico, cada paciente – mesmo aquele que pertence ao grupo controle, se houver- deve ter acesso aos métodos diagnósticos e terapêuticos que demonstram eficácia comprovada. Tal diretriz estaria em franco conflito com o ponto de vista atual de organismos tais como o Federal Drug Administration (FDA) onde, para serem aprovados, novos medicamentos devem mostrar superioridade em relação ao placebo.¹⁴⁰

Isto quer dizer que algum tipo de medicamento, para entrar em consumo, é necessário que tenha um maior desempenho do que o próprio placebo.

Já no Brasil, o Conselho Nacional de Saúde criou a Resolução n. 196 (10/10/1996) que estabelece, no item III, o estudo deve obedecer uma metodologia bem aplicada e este estudo deve ser totalmente justificado quando houver a utilização do placebo.¹⁴¹ Isto quer dizer que além da forma metodológica a ser aplicada existe também a questão ética. Em se tratando da metodologia do trabalhar o placebo Quitkin afirma:

Do ponto de vista metodológico, estudos com placebo são indispensáveis, ilustrando seu argumento com a história da suposta atividade antidepressiva do aminoácido triptofano, o precursor da serotonina. No primeiro desses estudos, 20 pacientes receberam triptofano e 20 amitriptilina, e as taxas de resposta terapêutica do triptofano foram muito semelhantes às da amitriptilina. Na época, concluiu-se então que o triptofano era eficaz para o tratamento da depressão, mas uma série de estudos subseqüentes demonstraram que tal aminoácido, na realidade é ineficaz. Tais estudos poderiam até ser evitados se, desde o primeiro ensaio clínico, tivessem sendo observadas taxas de resposta similares entre o triptofano e um grupo que recebesse placebo.¹⁴²

¹³⁹ Wagner **F. GATTAZ**, Helio ELKIS, *Algumas recomendações para estudos com placebo*, p.1.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p.1.

¹⁴¹ *Ibid.*, p.2.

¹⁴² F.M. **QUITKIN**, Apud Marcus Zulian **TEIXEIRA**, op. cit. p. 1.

Triptofano é um dos aminoácidos codificados pelo código genético, sendo portanto um dos componentes das proteínas dos seres vivos.

Amitriptilina é um antidepressivo.

Há de se deixar claro que o tamanho da amostra é fundamental para corroborar a pesquisa. Isso quer dizer que, ao realizar um estudo clínico, é necessário que, dentro de uma metodologia aplicada, as amostras analisadas não sejam pequenas pois assim teriam pouca força e influencia para identificar um efeito.

O que é considerado como algo relativamente positivo dentro de uma pesquisa é a capacidade em demonstrar uma diferença estatística que seja de certa forma significativa, entre o grupo de controle e o grupo experimental. Assim podemos supor que o efeito do tratamento tenha durabilidade.¹⁴³

Isso quer dizer: O poder de um estudo é definido com a capacidade que o mesmo tem para demonstrar uma diferença estatisticamente significativa (ou efeito) entre o grupo experimental e o grupo controle, supondo-se que tal efeito de tratamento exista. Os dois maiores contribuintes para o poder de um estudo são o tamanho do efeito (effect size) e o tamanho da amostra. O tamanho do efeito é a diferença entre as taxas de respostas do grupo com medicamento e as do grupo com placebo. Esse efeito pode ser ou não clinicamente relevante, dependendo da população estudada. Por exemplo, num estudo onde 1000 pacientes são tratados com um novo medicamento para depressão, um tamanho de efeito entre 5% e 10% é considerado pequeno (como dissemos, na depressão a taxa resposta ao placebo ou efeito placebo chega a ser de 65%). No entanto, se ao invés de depressão esse for um estudo com pacientes portadores de doença de Alzheimer, tal tamanho de efeito será considerado grande avanço.¹⁴⁴

Segundo Quitkin, a diferença é significativa quando é comparado o medicamento com o placebo, embora o número de casos procurados para este tipo de estudo seja relativamente pequeno.¹⁴⁵

4.7 Formas de encarar o placebo

Na prática médica, o efeito placebo pode ser muito útil, pois acaba trazendo benefícios para os pacientes. A ação positiva de agentes curativos, ou seja, medicamentos sobre controle médico, pode ser reforçada pelo efeito placebo

¹⁴³ Wagner **F. GATTAZ**, Helio **ELKIS**, *Algumas recomendações para estudos com placebo*, p3.

¹⁴⁴ F.M **QUITKIN**, *Placebos, drug effects and study design: a clinician's guide*. Am J Psychiatry, Apud Wagner F. GATTAZ; ELKIS, Helio, op. cit. p.3.

¹⁴⁵ Wagner **F. GATTAZ**, Helio **ELKIS** *Algumas recomendações para estudos com placebo*, p3.

conseqüente às próprias expectativas de cura que são despertadas nos pacientes dentro de um contexto de um relacionamento entre paciente e médico.¹⁴⁶

Agora se de forma contrária não houver boa relação entre paciente e médico pode sim ocorrer um efeito placebo negativo ou Nocebo. Isto pode prejudicar adesão ao tratamento. O paciente simplesmente ignora a receita ou toma os medicamentos de maneira completamente diferente da que foi prescrita. Mesmo ao chegar a tomá-los da maneira prescrita, vai exagerar todos os possíveis efeitos negativos e ignorar os efeitos positivos do tratamento.¹⁴⁷

É importante que o placebo seja usado com critério e cada caso deve ser analisado, pois, é sabido que não são todas as enfermidades que podem ser tratadas por seu caminho.

4.8 Um olhar médico sobre o placebo

Muitos médicos hoje afirmam que usam o placebo para tratamentos dos seus pacientes e a surpresa é que muitos desses médicos não usam a pílula de farinha e sim substâncias ativas como analgésicos, vitaminas, antibióticos ou sedativos. que dispensam o uso de receita.¹⁴⁸ Mônica Teixeira, referindo-se a Sabbatini e do Amaral, afirma:

Assim os autores apontam algumas dificuldades, entre elas: de considerar o resultado como uma possível causa para baixa prescrição de pílulas de açúcar ou solução salina. Conjeturam também que o médico pode se sentir enganando mais ativamente seu paciente pela indicação de uma pílula com substância completamente inativa; ou, ainda, que dessa maneira sua ação atinge com mais intensidade a regra do consentimento informado. Com tudo isso, os autores do artigo não se mostram desconfortáveis. Mas a decisão pela prescrição de antibióticos e sedativos- essa, sim, uma descoberta do estudo os preocupa, por poder trazer conseqüências adversas importantes para pacientes e para a saúde pública.¹⁴⁹

Isso quer dizer que dentro da corrente médica também podemos encontrar pessoas que se opõem ao estudo e ao uso das pílulas de farinha.

¹⁴⁶ Renato M. E. **SABBATINI**, Julio Rocha do **AMARAL**, *Efeito Placebo:O poder das pílulas de açúcar*, p. 5.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.5.

¹⁴⁸ Mônica **TEIXEIRA**, *Placebo, um mal-estar para a medicina: notícias recentes*, p.3.

¹⁴⁹ Mônica **TEIXEIRA**, *Placebo, um mal-estar para a medicina: notícias recentes*, p.3.

Tratando-se do estudo do placebo, é importante destacar que também existe uma corrente médica favorável muito extensa. Pesquisas indicam que tanto o condicionamento operante inconsciente, quanto a expectativa consciente, são mecanismos coadjuvantes na modulação. Isso quer dizer que um aumenta a resposta do outro.¹⁵⁰

Alguns estudos também indicam que a expectativa consciente assim como o desejo são fontes importantes para o placebo, ou seja, que as expectativas e os sentimentos emocionais mostraram um bom incentivo para a cura do paciente. Isso quer dizer que:

acrescentando o condicionamento operante a este modelo, experimentos mostram que a percepção somática das mudanças internas facilita a retroalimentação destes fatores ao longo do tempo, selecionando sentimentos emocionais mais positivos (ou menos negativos) na perspectiva de evitar experiências aversivas ou obter experiências desejáveis. De forma análoga, uma dinâmica mental negativista atuaria em sentido oposto, estimulando a resposta Nocebo.¹⁵¹

O médico tem um papel extremamente importante podendo assim incentivar o paciente a buscar a cura.

4.9- Placebo, cura pela fé e os efeitos das pílulas de Frei Galvão

4.9.1 Fé, placebo e cura

Podemos perceber, pelo que foi exposto, que o placebo de fato tem potencialidade de cura. A ciência hoje em dia trabalha, relata e mostra os benefícios do efeito placebo. Muitos estudos ainda estão por vir e alguns também já contribuíram de forma significativa para este movimento. Recentes pesquisas comprovam que:

a existência e a dinâmica do fenômeno placebo-nocebo apontam que a classe médica começa a ter acesso a evidências científicas que justificam a incorporação de atitudes humanizadas na relação com seus pacientes, a fim de incrementar a eficácia dos tratamentos convencionais com esta terapêutica psiconeurofisiológica.¹⁵²

¹⁵⁰ Marcus Zulian **TEIXEIRA**, *Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico-paciente*, P.4.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 4.

¹⁵² Marcus Zulian **TEIXEIRA**, *Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico-paciente*, P.9.

Será que podemos associar às curas das pílulas de Frei Galvão ao efeito placebo e à fé? De que forma podemos mensurar ou medir esta questão?

Alguns terapeutas, como já foi exposto, acreditam que a fé tem um papel fundamental para a cura de paciente.¹⁵³

Outra possível explicação para o poder da cura pela fé é que tal potência está na própria fé e não em Deus. Em outras palavras o agente curativo é a própria fé e não o ser transcendente. E se assim for, a psicologia poderá contribuir significativamente para o refinamento e aplicação da cura pela fé. Os psicólogos poderiam por exemplo propor e testar um modelo sócio-psicológico capaz de mostrar como a fé pode ser despertada e aplicada terapeuticamente.¹⁵⁴

Portanto, a fé que cura via placebo não se vincula necessariamente a um ser superior

Fish manifesta-se aberto a presença de um ser transcendente em que o paciente acredita, e esta relação ou religião é fundamental para a cura. Ele acredita que, mesmo sendo seres racionais, podemos também abraçar uma visão teológica: Ele afirma que:

A fé está presente em todos os aspectos da nossa vida. De fato, não vejo qualquer diferença entre os modos de vida dos povos primitivos, que eram conduzidos pela crença mágica de sua cultura, e os modos pelos quais as nossas vidas são governadas pela fé científica de nossa desenvolvida sociedade. A única diferença é que o culto à ciência (o culto à tecnologia ou o culto à iniciativa pessoal) assume um papel mágico, tal como numa sessão de Vodú em termos de nossa visão de mundo.¹⁵⁵

Pode-se concluir do exposto que, nos casos de cura via placebo tanto, o próprio placebo quanto a fé têm grande importância. Mas, em âmbito terapêutico, para a cura ser efetuada, são necessários alguns componentes importantes. Um deles é a segurança que o médico passa para o seu paciente e, neste sentido, o paciente possa acreditar e creditar sua melhora seguindo sua fé, que, de certa forma, não deixa de ser um ingrediente do placebo.

¹⁵³ Jefferson Morris **FISH**. *Placebo Terapia: A fé no processo de cura*, p19.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p.20.

¹⁵⁵ Jefferson Morris **FISH**. *Placebo Terapia: A fé no processo de cura*, p20,21.

É oportuno trazer aqui algumas manifestações, que tangenciam este tema, recolhidos do grupo focal exposto no capítulo terceiro.

Ao conversarem sobre a fé na sociedade contemporânea, os participantes do primeiro grupo focal vêem ligação entre fé e cura embora com ressalvas. Não basta ir ao templo e rezar ou tomar uma bênção ou passe. Medicar-se também é importante. E a fé está ligada à esperança de cura (Cris e Carla). Cleide acredita que a pessoa hospitalizada com doença incurável, se tiver uma fé em um ser transcendente, tem mais chance de ser curada, concordando assim com a posição de Jefferson Morris Fish em *Placebo Terapia*.

A fé suscita emoções positivas (tranquilidade, calma, coragem) para enfrentar a doença. Carlos conta até um caso de leucemia curado milagrosamente por Frei Hugolino.

Do segundo grupo focal, “Claudia acredita piamente que a fé pode ser responsável por cura”, assim como para solucionar crises da vida. E acrescenta uma justificativa neurológica: “a ativação de uma ponte do cérebro”. Segundo Marta, seria a ativação de todo o organismo e não só da razão e do cérebro. A única voz discrepante é de David, que se declara ateu. Ele é cético no que tange à relação fé e cura.

Marta também acredita no poder da fé, não importa a qual ser transcendente ela se liga.

Mais uma vez se confirma, pela voz popular, a posição da ciência representada por Fish.

Pelas falas dos grupos focais expressas na descrição da ligação entre fé e religiosidade, percebe-se a pluralidade de crenças dos participantes dos dois grupos, sempre excetuando David, que faz questão de contar a origem e as peripécias do seu ateísmo e declara que sua fé hoje é ser ateu.

A impressão que resulta das falas é que não há vínculo definitivo entre ter fé e praticar uma determinada crença ou religiosidade. Como não fica explicitado o que seja religiosidade, pode-se interpretar essa posição recorrendo a uma das características do sagrado e da religiosidade pós-moderna apontada por Queiroz, em *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*. É a marca da transitoriedade e do “nomadismo místico” p.19.¹⁵⁶

¹⁵⁶ ¹⁵⁶ J.J. **QUEIROZ**, *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*. In J.J. Queiroz(org.) *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*, p.9-22.

Os dois grupos focais, no que tange à relação ceticismo e fé, parecem aceitar que predomina a fé e questionam a posição dos céticos, isto é, dos que não acreditam, embora não fique clara a questão: acreditar em que ou em quem? Um participante se declara cético convicto e outro admite um ceticismo implícito, pois sua fé não é dele mas algo recebido da família sem incorporá-la.

Relevantes também as falas sobre a relação fé e placebo. Algumas delas chegam até a acenar a um possível efeito placebo das pílulas de Frei Galvão. No primeiro Grupo, há vários exemplos tirados das próprias famílias em que comprimidos de açúcar ministrados obtiveram cura. Porém, sempre o fator fé aparece, embora não seja sempre necessário para a cura conforme a fala de Laércio: este menciona curas em hospitais pela via do pensamento positivo e até por efeito da uma meditação, o que faz pensar no reflexo condicionado de Pavlov. Cleide relata até experiências próprias de uso do placebo com efeitos positivos, embora não em casos terminais. E avança a hipótese de um efeito psicológico, que é confirmado por Laércio; este usa a palavra “hipnose”; no caso, seria mais apropriado falar em auto-convencimento, ou auto-sugestão. Carla acredita que, nos hospitais, o placebo pode surtir efeito mesmo que o paciente ignore tratar-se de um “comprimido de farinha”.

As referências às pílulas de Frei Galvão foram escassas.

Há a atitude cética e até irreverente do ateu David: “Até minha cachorra foi curada com essa pílula aí”.

Mas a discussão versou sobre a questão: o que cura os doentes que tomam as pílulas é apenas a própria fé ou intervém a fé de um outro, que escreve a oração inserida na pílula (ou garante a sua eficácia).

Em vez de fé do outro, segundo Flávio, dever-se-ia falar de uma energia transmitida por outra pessoa. Por isso, a energia num passe, segundo Flávio, tem o mesmo efeito da pílula.

4.9.2- As pílulas de Frei Galvão: Fé ou Placebo?

A discussão anterior entre fé, cura e placebo já apontou algumas pistas para uma possível resposta. Procederemos por etapas.

Um contexto diferente

A questão colocada tem certa analogia com a discussão anterior, mas não estamos no mesmo contexto. Aqui a relação não é mais médico e paciente e a aplicação de um placebo. Estamos no campo da religiosidade cristã católica e popular e a relação se dá entre um santo, reconhecido com milagroso cuja ação curadora se faz mediante pílulas que não contem nenhum medicamento nelas, nem qualquer medicamento paralelo, para comparar seus efeitos e, de outro lado, um receptor, que acredita (fator fé) no santo e no seu poder de cura, agindo como mediador, ou não, de uma divindade.

Nem sempre a fé do catolicismo popular, como foi explicado no capítulo segundo, chega a Deus.

Embora o santo esteja junto de Deus e faça parte de seu mundo, o objeto da fé do povo é o santo e não Deus. (cb. GROOTELELLAARS, *Op.cit*)

O Santo

Importante aqui ressaltar o ator principal, o santo, retomando detalhes do capítulo primeiro.

Frei Galvão não nasceu santo. Sua figura de santidade e de milagreiro foi sendo construída aos poucos.

Sua primeira peculiaridade, como religioso franciscano, é de grande arquiteto, um construtor de igreja e, parece, um mestre nessa arte.

Era um homem do seu tempo. Não tinha pudor de aceitar mão de obra escrava em suas construções. Paulatinamente, o imaginário popular vai construindo sua imagem de santidade. O reconhecimento oficial da Igreja só vem muito mais tarde com a canonização. Aliás, a oficialização passou por várias tentativas frustradas. O agente principal da sua construção como santo e milagroso é duplo: a recepção dos seus milagres pela fé do povo, e as religiosas franciscanas sempre presentes em toda a vida do santo e até depois da sua morte. Elas são as responsáveis por recolher os milhares relatos de cura e pressionar o processo formal. Mas o povo começa a reconhecê-lo como santo a partir dos fenômenos de bilocação e levitação. Depois vêm as curas, e o seu instrumento, as pílulas: Frei Galvão cura um cálculo renal, ajuda uma parturiente em dificuldades e vão se multiplicando os fenômenos. Cresce

a demanda e os próprios mosteiros das franciscanas se encarregam de confeccionar as pílulas e expedi-las; de divulgar a devoção ao santo e a fé nas pílulas.

Poder-se-ia até dizer que é a “energia” e a fé dessas monjas e dos distribuidores das pílulas que entram como ingrediente nas curas.

Os usuários

Não foi possível um levantamento dos usuários: cidade, sexo, condições sociais, etc. Com certeza, a grande maioria, como já foi dito, são pessoas que pertencem ao segmento popular católico, explicitado no capítulo segundo.

Este trabalho também não se preocupa em estudar a veracidade dos milagres. Acreditamos que os milagres “oficiais” passaram por um rigoroso exame canônico-científico. Não cabe também perguntar aos usuários e aos que sentiram ou receberam efeitos extraordinários das pílulas, como elas funcionam. A palavra “placebo”, em geral, é desconhecida no vocabulário popular.

Não, porém, a fé. A resposta da grande maioria ou da totalidade dos usuários seria: elas curam porque Frei Galvão tem poderes como santo para curar.

Já ao cientista da religião cabe perguntar: os efeitos positivos das pílulas, além da evidência da fé do usuário, não conteriam também algo do efeito placebo? Pode ser ela mesma definida também como uma espécie de placebo?

Pelo que já foi exposto, fazendo analogia com o que ocorre na área da medicina, parece possível afirmar que há também características de placebo nas pílulas.

Não se discute aqui o fator sobrenatural, a força milagrosa da graça divina que o usuário acredita estar dentro da pílula.

Ao comparar as pílulas ao placebo, trazemos aqui várias semelhanças (não se trata de identidade absoluta). Assim como o placebo requer uma relação de confiança e de proximidade entre médico e paciente, no caso das pílulas acontece uma íntima relação de fé e esperança entre o usuário e o santo. Não se descarta que, ao lado da fé, e do sobrenatural, existam também fatores fundamentais para o efeito placebo: o auto-convencimento da eficácia da pílula, a auto-sugestão, o “reflexo condicionado” pela própria fé (Pavlov), o apoio da comunidade dos devotos, a energia positiva advinda do *sensus fidelium* (sentir comum dos fiéis) que depositam fé irrestrita no Santo e nas suas pílulas e, enfim, as bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo, de que fala Marcus Zulian Teixeira e que apareceram também

nas falas dos integrantes dos grupos focais. Portanto, parece que os efeitos das pílulas incluem o fator fé e várias características do placebo.

Finalizando este capítulo, relembramos a sua trajetória. Partimos da definição de placebo e seus vários tipos. Focalizamos o estudo científico sobre placebo e como se administra a cura por seu intermédio. Expusemos os vários conselhos para o seu uso e uma avaliação médica sobre seus efeitos. Enfim, relacionamos placebo e a cura pela fé; assim, chegamos ao ponto nevrálgico do capítulo, a relação entre os efeitos tidos como milagrosos das pílulas de Frei Galvão e as características do placebo, buscando, ainda que provisoriamente, uma resposta.

CONCLUSÃO

Ao findar este trabalho, lançamos um olhar para o caminho percorrido no intuito de apontar as conquistas, os percalços e limitações e abrir horizontes para novas pesquisas a partir dos pontos que permaneceram ainda embrionários.

O objeto da pesquisa limitou-se ao estudo da figura do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão, focalizando os milagres atribuídos às pílulas e indagando sobre uma possível relação entre seus resultados extraordinários e os efeitos do placebo.

A elaboração do objeto demandou um estudo preliminar sobre a figura do santo, sua trajetória de vida, apontando especialmente seus feitos miraculosos e a construção do seu imaginário como santo. É um exemplo típico da fé popular que, a partir de acontecimentos extraordinários, “canoniza” uma pessoa muito antes que a autoridade eclesiástica oficialize o seu culto. Começou com a notícia de seus poderes de bilocação e levitação. Espalhando-se a notícia desses fenômenos, surgiram orações ao Frei e até “quadrinhas” populares: “nas minhas aflições dai-me consolação senhor meu Frei Galvão que não pisas no chão”.

Em seguida, vêm as curas pelas pílulas, que o tornam popularmente venerado.

De arquiteto, que constrói igrejas, ele passa a taumaturgo, curador de várias espécies de males pelas pílulas de papel que continham orações. Um santo que começou a ser construído na segunda metade do século XVIII, na mística franciscana, e foi penetrando no imaginário popular.

Contando no seu currículo com 24 mil relatos de cura, beneficiando-se da intensa colaboração das monjas franciscanas, e após um longo processo que se arrastou por vários anos, com muitas tentativas frustradas, e custou 90 mil euros, aquele que a fé popular já há muito considerava santo, recebeu essa aureola oficial das mãos

do Papa Bento XVI, quando da sua viagem ao Brasil, em missa na campal celebrada em São Paulo no dia 11 de maio de 2007.

A hagiografia apresentada no capítulo primeiro não teve o escopo de trabalhar a figura de Frei Galvão com o rigor historiográfico. Muitas perguntas que um historiador levantaria não foram respondidas. Mas o intento de apresentar a face milagrosa do santo e das suas pílulas foi conseguido e abriu as cortinas desse cenário para prosseguir no objeto próprio da pesquisa que é explicar o poder terapêutico da fé que produz nos usuários os efeitos miraculosos, comparando-o com os efeitos do placebo.

Assim, da hagiografia, o passo seguinte foi investigar os poderes da fé, dando ênfase à sua vivência no âmbito da religiosidade popular, pois, foi o povo o grande ator da construção da santidade de Frei Galvão e é o povo que iniciou e propagou o seu culto e se tornou também o receptor dos seus favores miraculosos.

A riqueza da simbologia popular alimentou essa fé. E essa convicção do poder da fé passou a dar uma nova interpretação da doença, que não é mais vista apenas como fator natural, ou até demoníaco, como era outrora, ou como castigo, mas como um evento ligado ao plano divino, que tem poderes sobre as enfermidades até mesmo indo além das leis da natureza.

O aprofundamento do fator fé, trabalhado no segundo capítulo, colocou bases para enfrentar o problema: A cura pelas pílulas depende apenas da fé ou haverá também fatores que possibilitam admitir efeitos próprios do placebo?

A questão poderia ser enfrentada apenas recorrendo às descobertas da medicina sobre placebo combinadas com as teorias sobre a fé. Entretanto, foi considerado relevante ouvir também manifestações de pessoas que poderiam opinar sobre a interação entre fé, cura, placebo e as pílulas de Frei Galvão. Daí o recurso à técnica

do grupo focal, que reuniu um grupo de nove pessoas, caracterizadas pela heterogeneidade de posições relativas à religião e à vivência religiosa.

Interessante notar a coincidência das posições dos participantes com as teorias sobre fé, a sua relevância e as suas ambigüidades e incertezas. Foi também surpreendente apurar a partir das manifestações, a convicção generalizada de que a fé contém forte poder terapêutico, embora não esteja sempre ligada a um ser transcendente ou a uma religião ou religiosidade específica.

Essas posições dos participantes dos grupos fazem supor que os usuários das pílulas de Frei Galvão podem receber seus efeitos miraculosos mesmo não tendo a “pureza” da fé considerada pela teologia erudita, aproximando-se assim da posição científica exposta por Fish. Uma articulação entre as teorias sobre a fé apresentadas no capítulo segundo, com as manifestações do grupo focal e as descobertas da medicina sobre o placebo possibilitou uma resposta provisória e embrionária à questão, confirmando a hipótese levantada: o poder milagroso das pílulas acontece pelo fator fé, que, entretanto, pode incluir certas características que fazem a eficácia do placebo: a confiança irrestrita no santo, assim como no placebo é fundamental a confiança e a relação amistosa com o médico; o auto-convencimento da eficácia da pílula, a auto-sugestão, as bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo trabalhadas por Marcus Zulian Teixeira e expostas no capítulo quarto. Trata-se evidentemente de uma conclusão provisória e embrionária. Passamos então a apontar as principais limitações desta pesquisa.

O capítulo introdutório sobre a vida e a figura de Frei Galvão como santo milagroso baseou-se em dados de quatro fontes hagiográficas, e não foi possível um trabalho crítico sobre elas. Não foi feita uma busca histórico-crítica da construção do santo como curador na trajetória de quase dois séculos, que começou na segunda metade

do século XVIII e chega até hoje. O movimento pela canonização e sua longa história ficaram na penumbra.

Essas lacunas abrem pistas e demandam novas pesquisas.

O grupo focal forneceu informações pertinentes para o objeto da pesquisa mas o ponto central, a relação fé, cura, placebo e as pílulas não foi explorado satisfatoriamente. Ideal seria ter convocado outro grupo focal para abordar diretamente esse tópico, mas as limitações de tempo impediram esse trabalho.

Nos estudos sobre fé, não foi bem especificado o contexto histórico em que se construiu e evoluiu a caminhada da fé no cristianismo erudito e popular.

Enfim, a hipótese foi comprovada apenas costurando os dados teóricos sobre a fé com as manifestações do grupo focal e as descobertas da medicina sobre o placebo.

Não se adentrou numa pesquisa empírica sobre os devotos e o uso que fazem das pílulas para explicitar o que pensam, como interpretam seus efeitos e o contexto comunitário devocional que envolve essa prática.

São limitações que abrem horizontes para novas pesquisas a partir de objetos específicos. Entretanto, manifestamos satisfação por ter abordado, com os parâmetros teóricos e metodológicos das ciências da religião, uma temática ainda pouco investigada, a relação das pílulas de Frei Galvão com os efeitos do placebo, tendo presente o fator fé.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA Cleide Rita, Silvério de (coord.). **O humano, lugar do sagrado**. 4ª ed., São Paulo: Ed. Olho d' Água, 1998.

ALGRANTI, Mezan Leila. **Honradas e devotas: Mulheres na Colônia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Edunb, 1999.

BENTO XVI. **Encíclica sobre a esperança cristã**. São Paulo, ed. Paulinas, 2008.

BURKE, Peter. **História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

CANDORIN, Célia. **Frei Antônio de Sant'Anna Galvão**. São Paulo. Ed. Congregatio De causis Sanctorum, 1993.

CANISIO, São Pedro. **Compêndio da doutrina cristã**. <http://caticismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/d/doutrina:htm/>. acesso em 16 jun 2009.

CHAGAS, Carolina. **Frei Galvão: A vida, os milagres e as pílulas milagrosas do primeiro santo brasileiro**. São Paulo: Ed. Publifolha, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13ª ed., São Paulo: Ed. Ática, 2005.

CHO, Hyong Jin. **Revivendo o antigo sermão da medicina com o efeito placebo**. Ver. Brás. *Psiquiatria*. vol.27, n. 4, pp.336-340. março, 2008.

CRESPI, Franco. **A experiência Religiosa na Pós-Modernidade**. São Paulo: Ed. Edusc, 1999.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A dupla face: Paul Tilich e a ciência moderna: Ambivalência e Salvação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

CROATTO, Severino, José. **As Linguagens da Experiência Religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

DELLA TORRE, M. B. L. **O homem e a sociedade: Uma introdução à sociologia**. 15ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.

ESPIM, O. **A fé do povo! Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular**. São Paulo, Paulinas, 2000.

FALCON, José Francisco Calazanz. **Iluminismo**. 4ª ed., São Paulo: Ed.Ática, 2004.

FARNESE Carolina. **Efeito placebo, efeito Nocebo e psicoterapia: correlações entre os seus fundamentos**. Brasília: Univ. Ci. Saúde, vol. 2, nº 01 p. 1-151, jan/jun.2004.

FERRARO K. I. Alfrecht- Jean C. M. **Does Religion influence adult health?** Journal Scientific Study of Religion, 1991.

FISH MORRIS, Jefferson. **Placebo terapia: A fé no processo de cura**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1988.

GATTAZ.F. Wagner, ELKIS. Hélio. Algumas recomendações para o estudo do placebo. Rev. Brás. Psiquiatria. Vol.22 n.4 São Paulo Dec. 2000.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências humanas**. Ed. Líber Livro, 2005.

GERHARDT I. Efeito placebo: mistério desvendado. Disponível em <http://www.geocities.com/paraciencia/placebo.html> > Publicado em 10 de agosto de 2001.

GRESCHAT, JÜRGEN, Hans. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

GRISA, Pedro. **O Poder da Fé e a Paranormalidade**. 6ª ed., Florianópolis: Ed Edipappi, 2002.

GUERREIRO, Silas. **O Estudo das Religiões**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

GROETELLAARS, Martin Maria. **Milagre e religiosidade: reflexões sobre pastoral missionária**. Petrópolis. Ed. Vozes, 2006.

INÁCIO DE PAULA, Dimas. **Frei Antônio de Sant'Ana Galvão o Santo Brasileiro**. São Paulo: Ed. Boas Novas, 2007.

Levin J.S. **Religion and Health: is there an association, is it valid, and is it casual**. Soc. Scientific Medicine. 38(11): 1475-82, 1999.

LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: Tratado da Fé**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

MANOEL, Aparecido Ivan. **O poder da fé**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

MARISTELA Beatriz. **Vida do Frei Antônio de Sant' Ana Galvão: Bandeirante de Cristo**. 4ª ed. , Petrópolis: Ed.Vozes, 2007.

Martin Morris Groetelsors. **Milagre e religiosidade: reflexões sobre pastoral missionária**. Petrópolis. Ed. Vozes.

MEUNIER, Bernard. **O nascimento dos dogmas cristãos**. São Paulo, Ed. Loyola 2005.

NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor. **O Livro das Religiões**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PASSINI, Leo Saúde, Religião e espiritualidade. O mundo da saúde. (revista) São Paulo, ano 24, n. 6 nov/dez. 2000.

PICCOLO, Agostinho. **Novena a Frei Galvão**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

QUEIROZ, J. J. Deus e Crenças Religiosa no Discurso Filosófico Pós-Moderno. Linguagem e Religião. www.pucsp.br/revista/2006/08/01, agosto. 2006.

SABBATINI, E.M. Renato, AMARAL, Julio Rocha do. **Efeito Placebo: O poder da Pílula de Açúcar.** Cérebro e mente. Disponível em

<http://www.cerebromente.org.br/n09/mente/placebo1.htm>. Acesso em 22 de abril 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico.** 23ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Minidicionário da língua Portuguesa.** São Paulo: Ed. FTD, 2000.

SMITH, Huston. **As religiões do mundo: nossas grandes tradições de sabedoria.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

SONTAG, S. A. **A doença como metáfora.** Rio de Janeiro: Ed Graal, 1984.

SPINKEM. J ; GIIMENES. M. Práticas discursivas e produção de Santos: apontamento metodológico para a análise dos discursos sobre a saúde e doença. **Saúde e doença** (revista) 3(2):149-171, 1989.

SOARES, Afonso Maria Ligório. **No espírito do Abba: Fé, revelação e vivências plurais.** São Paulo, Paulinas, 2008.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências.** 13ª ed., Porto: Ed. Aforamento, 2002.

SURIAN, Carmelo. **Beato Frei Galvão: Um brasileiro na Glória dos Santos.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

TEIXEIRA Zulian Marcus, Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico-paciente Ver. Assoc. Méd. Bras. Vol.55 no.1 São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, Mônica. **Placebo, um mal-estar para a medicina: notícias recentes.** Ver. Ltinoam. Psicopatol. Fundam. V.1 n.4 São Paulo dez.2008.

TILICH, Paul. **Dinâmica da Fé.** 6ª ed., São Paulo: Ed. Sinodal, 2001.

TERRIN, A. N. **O Sagrado off Limits**: a experiência religiosa e suas expressões. São Paulo, Loyola, 2006.

USARSKI, Franki. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

_____. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

VILELA, Magno; CATÃO, Francisco. **O monopólio do sagrado**. São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.

SILVA, Xavier. (org) **Pensar a fé teologicamente**. São Paulo: Paulinas, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004.

ANEXO - CARTA DE FREI GALVÃO

Saibam todos quantos esta carta e cédula virem, como eu, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, me entrego por servo e perpétuo escravo da Virgem Santíssima Senhora como doação livre, pura e perfeita de minha pessoa para que de mim disponha conforme sua vontade, gosto e beneplácito, como verdadeira mãe e senhora minha. E vós, soberana princesa, dignai-vos de aceitar esta minha pessoa, sendo filial entrega, não duvideis em admitir ao vosso serviço este vil servo, e por isso não desmerece vossa grandeza, antes ficará de todo engrandecida, com me sublimardes à dignidade de servo vosso, esta vilíssima criatura. Nas vossas piedosíssimas mãos entrego meu corpo, alma e coração, entendimento, vontade e todos os mais sentidos, porque de hoje em diante corro por vossa conta e todo seu vosso;¹ em meu coração arda sempre o fogo da vossa piedade e acenda-se para desejar o mais justo, o mais puro, o mais perfeito das virtudes, e aceito aos vossos olhos; porém, na parte inferior sinto a lei repugnante de meus membros, contrária à do espírito que me retarda e embaraça, temo, Senhora, me impeça o bom desejo, porém vós, piedosíssima Senhora, assisti-me e socorrei-me como vosso discípulo, ajudai-me como filho, obrigai-me como servo, quando eu retardar a resistir às tentações, o que não desejo fazê-lo de vontade, porém cairei de fraqueza, o que não permitais, para que não se glorie e inimigo do gênero humano e não

¹ Mística Cidade de Deus, Livro I, cap. XVI, nº 243.

alcance vitória desta batalha e que de vossas mãos arrebate meu corpo e alma pela humana fragilidade, e se por miséria minha vos deixar algum dia, o que não espero, e não haveis de consentir pela vossa piedade, antes me tireis a vida que ofender a vosso Bendito Filho meu Senhor, não permitais fique desamparado com me expulsardes do ditoso número de vossos sevos e escravos, mas antes alcanceis perdão de minhas culpas, reduzindo-me à vida perfeita até a morte, para que nessa glória vos louve e dê graças eternamente, para o que vos ofereço dede agora todos os meus pensamentos, palavras e obras e tudo o mais meritório que fizer, e indulgências que ganhar para que apresenteis junto com os vossos merecimentos a vosso filho Santíssimo, dispondo de todos eles conforme for vossa vontade e se for de vosso agrado que sejam em sufrágios pelas almas; que também será a minha vontade, que desejo estar sempre unida á vossa, excetuando com licença e beneplácito vosso, alguns merecimentos e obras, que eu aplicar por alguma intenção se assim também for de vosso agrado, ficando tudo o mais aplicado e por aplicar como fica dito, e esta minha determinação e intenção quero que atualmente em minhas obras sempre existam e para que certamente o que por mim indigno desmereço, vos peço pela paixão, morte e chagas de vosso Filho Santíssimo, pela vossa pureza e Conceição Imaculada e por todas as graças e dotes que são do vosso maior agrado. Sejam também meus intercessores o Arcanjo São Gabriel e o anjo de minha guarda e todos os mais anjos de todos os coros angélicos e todos os santos e bem-aventurados, principalmente meu P. S. Francisco, digo primeiramente os gloriosos santos vossos pais e esposo, meu P.S. Francisco, Santa Águeda, o santo do meu nome, São Pedro de Alcântara, Santa Gertrudes, meu P.S. Domingos, São Tiago Apóstolo, São Benedito, os

reis magos, São Jerônimo, Santa Tereza, São Francisco de Borja, a minha mãe Isabel, irmãos, parentes e amigos, se é que todos gozam da vossa vista como o espero e piamente suponho, e a todos os mais que é de vossa vontade que eu peça em particular. E rogo a todos esses referidos santos que orem a vós por mim e me sirvam de testemunhas irrevogáveis desta minha filial entrega e escravidão. E para que conte que esta minha determinação foi feita em meu perfeito juízo, faço está cédula de minha própria letra e assinada com o sangue de meu peito.

Hoje, dia do patrocínio de minha Senhora e Mãe de Deus.

9 de novembro de 1766.

De minha Senhora Santíssima indigno servo

Frei Antônio de Sant'Ana

Foi assinado com o próprio sangue, como declarou, e o mosteiro da Luz considera esta cédula uma das mais importantes relíquias.

Homilia na íntegra

Senhores Cardeais, Senhor Arcebispo de São Paulo e Bispos do Brasil e da América Latina Distintas autoridades Irmãs e Irmãos em Cristo, «Bendirei continuamente ao Senhor / seu louvor não deixará meus lábios» [Sl 33,2]

1. Alegremos-nos no Senhor, neste dia em que contemplamos outra das maravilhas de Deus que, por sua admirável providência, nos permite saborear um vestígio da sua presença, neste ato de entrega de Amor representado no Santo Sacrifício do Altar.

Sim, não deixemos de louvar ao nosso Deus. Louvemos todos nós, povos do Brasil e da América, cantemos ao Senhor as suas maravilhas, porque fez em nós grandes coisas. Hoje, a Divina sabedoria permite que nos encontremos ao redor do seu altar em ato de louvor e de agradecimento por nos ter concedido a graça da Canonização do Frei Antonio de Sant'Anna Galvão.

Quero agradecer as carinhosas palavras do Arcebispo de São Paulo, que foi a voz de todos vós. Agradeço a presença de cada um e de cada uma, quer sejam moradores desta grande cidade ou vindos de outras cidades e nações. Alegro-me que através dos meios de comunicação, minhas palavras e as expressões do meu afeto possam entrar em cada casa e em cada coração. Tenham certeza: o Papa vos ama, e vos ama porque Jesus Cristo vos ama.

Nesta solene celebração eucarística foi proclamado o Evangelho no qual Cristo, em atitude de grande enlevo, proclama: «Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos» (Mt 11,25). Por isso, sinto-me feliz porque a elevação do Frei Galvão aos altares ficará para sempre emoldurada na liturgia que hoje a Igreja nos oferece. Saúdo com afeto, a toda a comunidade franciscana e, de modo especial as monjas concepcionistas que, do Mosteiro da Luz, da Capital paulista, irradiam a espiritualidade e o carisma do primeiro brasileiro elevado à glória dos altares.

2. Demos graças a Deus pelos contínuos benefícios alcançados pelo poderoso influxo evangelizador que o Espírito Santo imprimiu em tantas almas através do Frei Galvão. O carisma franciscano, evangelicamente vivido, produziu frutos significativos através do seu testemunho de fervoroso adorador da Eucaristia, de prudente e sábio orientador das almas que o procuravam e de grande devoto da Imaculada Conceição de Maria, de quem ele se considerava 'filho e perpétuo escravo'.

Deus vem ao nosso encontro, “procura conquistar-nos - até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até as aparições e as grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente” (Carta encl. Deus caritas est, 17). Ele se revela através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente da Eucaristia. Por isso, a vida da Igreja é essencialmente eucarística. O Senhor, na sua amorosa providência deixou-nos um sinal visível da sua presença.

Quando contemplarmos na Santa Missa o Senhor, levantado no alto pelo sacerdote, depois da Consagração do pão e do vinho, ou o adorarmos com devoção exposto no Ostensório renovemos com profunda humildade nossa fé, como fazia Frei Galvão em “laus perennis”, em atitude constante de adoração. Na Sagrada Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, o mesmo Cristo, nossa Páscoa, o Pão vivo que desceu do Céu vivificado pelo Espírito Santo e vivificante porque dá Vida aos homens. Esta misteriosa e inefável manifestação do amor de Deus pela humanidade ocupa um lugar privilegiado no coração dos cristãos. Eles devem poder conhecer a fé da Igreja, através dos seus ministros ordenados, pela exemplaridade com que estes cumprem os ritos prescritos que estão sempre a indicar na liturgia eucarística o cerne de toda obra de evangelização. Por sua vez, os fiéis devem procurar receber e reverenciar o Santíssimo Sacramento com piedade e devoção, querendo acolher ao Senhor Jesus com fé e sempre, quando necessário, sabendo recorrer ao Sacramento da reconciliação para purificar a alma de todo pecado grave.

3. Significativo é o exemplo do Frei Galvão pela sua disponibilidade para servir o povo sempre quando era solicitado. Conselheiro de fama, pacificador das almas e das famílias, dispensador da caridade especialmente dos pobres e dos enfermos. Muito procurado para as confissões, pois era zeloso, sábio e prudente. Uma característica de quem ama de verdade é não querer que o Amado seja ofendido, por isso a conversão dos pecadores era a grande paixão do nosso Santo. A Irmã Helena Maria, que foi a primeira “recolhida” destinada a dar início ao “Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição”, testemunhou aquilo que Frei Galvão disse: “Rezai para que Deus Nosso Senhor levante os pecadores com o seu potente braço do abismo miserável das culpas em que se encontram” . Possa essa delicada advertência servir-nos de estímulo para reconhecer na misericórdia divina o caminho para a reconciliação com Deus e com o próximo e para a paz das nossas consciências.

4. Unidos em comunhão suprema com o Senhor na Eucaristia e reconciliados com Deus e com o nosso próximo, seremos portadores daquela paz que o mundo não pode dar. Poderão os homens e as mulheres deste mundo encontrar a paz se não se conscientizarem acerca da necessidade de se reconciliarem com Deus, com o próximo e consigo mesmos? De elevado

significado foi, neste sentido, aquilo que a Câmara do Senado de São Paulo escreveu ao Ministro Provincial dos Franciscanos no final do século XVIII, definindo Frei Galvão como “homem de paz e de caridade”. Que nos pede o Senhor?: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amo». Mas logo a seguir acrescenta: que «deis fruto e o vosso fruto permaneça» (cf. Jo 15, 12.16). E que fruto nos pede Ele, senão que saibamos amar, inspirando-nos no exemplo do Santo de Guaratinguetá?

A fama da sua imensa caridade não tinha limites. Pessoas de toda a geografia nacional iam ver Frei Galvão que a todos acolhia paternalmente. Eram pobres, doentes no corpo e no espírito que lhe imploravam ajuda. Jesus abre o seu coração e nos revela o fulcro de toda a sua mensagem redentora: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos» (ib.v.13). Ele mesmo amou até entregar sua vida por nós sobre a Cruz. Também a ação da Igreja e dos cristãos na sociedade deve possuir esta mesma inspiração. As pastorais sociais se forem orientadas para o bem dos pobres e dos enfermos, levam em si mesmas este sigilo divino. O Senhor conta conosco e nos chama amigos, pois só aos que se ama desta maneira, se é capaz de dar a vida proporcionada por Jesus com sua graça.

Como sabemos a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano terá como tema básico: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Como não ver então a necessidade de acudir com renovado ardor à chamada, a fim de responder generosamente aos desafios que a Igreja no Brasil e na América Latina está chamada a enfrentar?

5.«Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei», diz o Senhor no Evangelho, (Mt 11,28). Esta é a recomendação final que o Senhor nos dirige. Como não ver aqui este sentimento paterno e, ao mesmo tempo materno, de Deus por todos os seus filhos? Maria, a Mãe de Deus e Mãe nossa, se encontra particularmente ligada a nós neste momento. Frei Galvão, assumiu com voz profética a verdade da Imaculada Conceição. Ela, a Tota Pulchra, a Virgem Puríssima, que concebeu em seu seio o Redentor dos homens e foi preservada de toda mancha original, quer ser o sigilo definitivo do nosso encontro com Deus, nosso Salvador. Não há fruto da graça na história da salvação que não tenha como instrumento necessário a mediação de Nossa Senhora.

De fato, este nosso Santo entregou-se de modo irrevocável à Mãe de Jesus desde a sua juventude, querendo pertencer-lhe para sempre e escolhendo a Virgem Maria como Mãe e Protetora das suas filhas espirituais. Queridos amigos e amigas, que belo exemplo a seguir deixou-nos Frei Galvão! Como soam atuais para nós, que vivemos numa época tão cheia de hedonismo, as palavras que aparecem na Cédula de consagração da sua castidade: “tirai-me antes a vida que ofender o vosso bendito Filho, meu Senhor”. São palavras fortes, de uma alma apaixonada, que deveriam fazer parte da vida normal de cada cristão, seja ele consagrado ou não, e que despertam desejos de fidelidade a Deus dentro ou fora do matrimônio. O mundo precisa de vidas

limpas, de almas claras, de inteligências simples que rejeitem ser consideradas criaturas objeto de prazer. É preciso dizer não àqueles meios de comunicação social que ridicularizam a santidade do matrimônio e a virgindade antes do casamento.

É neste momento que teremos em Nossa Senhora a melhor defesa contra os males que afligem a vida moderna; a devoção mariana é garantia certa de proteção maternal e de amparo na hora da tentação. Não será esta misteriosa presença da Virgem Puríssima, quando invocarmos proteção e auxílio à Senhora Aparecida? Vamos depositar em suas mãos santíssimas a vida dos sacerdotes e leigos consagrados, dos seminaristas e de todos os vocacionados para a vida religiosa.

6. Queridos amigos, deixai-me concluir evocando a Vigília de Oração de Marienfeld na Alemanha: diante de uma multidão de jovens, quis definir os santos da nossa época como verdadeiros reformadores. E acrescentava: “só dos Santos, só de Deus provém a verdadeira revolução, a mudança decisiva do mundo” (Homilia, 25/08/2005). Este é o convite que faço hoje a todos vós, do primeiro ao último, nesta imensa Eucaristia. Deus disse: «Sede santos, como Eu sou santo» (Lv 11,44). Agradeçamos a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo, dos quais nos vêm, por intercessão da Virgem Maria, todas as bênçãos do céu; este dom que, juntamente com a fé é a maior graça que o Senhor pode conceder a uma criatura: o firme anseio de alcançar a plenitude da caridade, na convicção de que não só é possível, como também necessária a santidade, cada qual no seu estado de vida, para revelar ao mundo o verdadeiro rosto de Cristo, nosso amigo! Amém!

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

A presente pesquisa intitulada: **“Fé ou placebo? Os efeitos milagrosos das pílulas de Frei Galvão** tem por objetivo compreender a relação de fé e o efeito placebo na sociedade atual. O estudo visa identificar os aspectos positivos e negativos dessa influência através das formas de representação sobre o tema que são elaboradas a partir da gravação dos participantes. Os dados para a pesquisa serão coletados através de questionário, e participação na técnica de grupo focal onde os participantes farão seus livres comentários. Na elaboração da pesquisa, não serão utilizadas informações pessoais dos sujeitos da pesquisa, que de alguma forma possa identificá-las, como nome completo e endereço. O pesquisador Marcelo da Rocha dispõe-se a esclarecer todas as dúvidas pertinentes à pesquisa.

CARTA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após a leitura da *carta de informação ao sujeito da pesquisa*, o senhor (a) _____, autorizo _____, e estou ciente a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância na autorização da participação da pesquisa proposta. Fica claro que o sujeito de pesquisa pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa. O sujeito também fica ciente de que serão resguardadas informações confidenciais e pessoais (como nome completo, endereço, telefone e outras que o sujeito de pesquisa considerar pertinentes, ou seus responsáveis.)

São Paulo, ____ de _____ de ____

ASS: _____

CONTATO

(telefone)

_____.

QUESTIONÁRIO

1-SEXO: Masculino() Feminino ()

2-Idade_____

3-Profissão_____

4-Grau de escolaridade_____

5-Religião_____

6-Além desta religião segue outra?_____

7-Já mudou de religião?_____

8-Se sim, por que?_____

9-Já foi agraciado por algum tipo de milagre ou conhece alguém que recebeu um milagre?

10-Acredita que alguém pode ser curado pela fé?

11-Acredita que alguma pessoa pode ser curada por pílulas de placebo?

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

1- 5 pessoas do sexo feminino e 4 do século masculino

2 - Dos 32 aos 64 anos

3-Profissão: 2 professores, 3 advogados, 2 funcionários públicos e 2 aposentados.

4-Todos com grau superior completo

5- 2 católicos, 4 espíritas kardecistas, 1 ateu, 2 agnósticos

6- Nenhum participante segue outra religião

7- Nunca mudaram de religião

8- Todos foram batizados

9- 6 responderam sim, e 3 responderam de forma negativa

10- 7 acreditam que podem ser curados e 2 não pensam de forma negativa

11- 7 responderam de forma positiva em relação ao placebo, 1 tem dúvida pensa que isso não é possível